UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

ADRIANA CASAROTTO TERRA

**Entre centro e periferia: camadas, imaginários e a importância da rua na
construção da identidade no Bexiga**

São Paulo

2021

ADRIANA CASAROTTO TERRA

Entre centro e periferia: camadas, imaginários e a importância da rua na construção da identidade no Bexiga

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 10 de dezembro de 2020. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:
Estudos Culturais

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Madalena Pedroso Aulicino

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)
CRB 8 - 4936

Terra, Adriana Casarotto

Entre centro e periferia: camadas, imaginários e a importância da rua na construção da identidade no Bexiga / Adriana Casarotto Terra ; orientadora, Madalena Pedroso Aulicino. – 2021.

165 f : il.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, em 2020.

Versão corrigida

1. Sociologia urbana - São Paulo (SP). 2. Bairros - São Paulo (SP). 3. Geografia humana - São Paulo (SP). 4. Periferia - São Paulo (SP). 5. Identidade cultural. 6. Percepção urbana. 7. Espaço urbano. I. Aulicino, Madalena Pedroso, orient. II. Título.

CDD 22.ed.- 307.760981611

Nome: TERRA, Adriana Casarotto

Título: Entre centro e periferia: camadas, imaginários e a importância da rua na construção da identidade no Bexiga

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:

Estudos Culturais

Aprovado em: 10 / 12 / 2020

Banca Examinadora

Prof. Dr.	_____Martin Jayo_____	Instituição:	_____EACH - USP_____
Julgamento:	_____	Assinatura:	_____
Prof. Dr.	Rogério Monteiro de Siqueira	Instituição:	_____EACH-USP_____
Julgamento:	_____	Assinatura:	_____
Prof. Dr.	Ricardo Barbosa da Silva	Instituição:	_____Unifesp_____
Julgamento:	_____	Assinatura:	_____

Para Antônio (1954-2018), meu pai, e para todos
que colaboraram de alguma forma com essa
pesquisa, sem poder vê-la pronta.

Agradecimentos

Agradeço inicialmente aos entrevistados ouvidos nesta pesquisa, pela generosidade ao compartilharem as suas histórias e os seus pontos de vista. Entendendo que o percurso deste trabalho começa em 2015, agradeço a tantos que cruzaram o meu caminho desde então e com quem pude aprender: ao bailarino Ricardo Rocha Santos e aos colegas Adeline Haverland, João Dias e Otávio Penteado, que percorreram comigo um trajeto que hoje vejo como semente desta dissertação. Agradeço a autores que me despertaram o desejo de estudar mais e de pesquisar mais sobre a cidade: Luiz Antônio Simas, Milton Santos, Stuart Hall. Agradeço a quem estudou o mesmo local antes de mim, facilitando certamente a minha trilha: professor Francisco Scarlato, Larissa Aparecido do Nascimento, professor Márcio Sampaio de Castro, Sheila Schneck. Agradeço a autores cujas pesquisas iluminaram minhas ideias em diferentes momentos da pós-graduação: Flávio Villaça, Gabriel Feltran, Henri Lefebvre, Lúcio Kowarick, Luiz Antonio Machado da Silva, Maria Beatriz Nascimento, Paul Gilroy, Raymond Williams, Silvana Olivieri, Teresa Caldeira, Vera Telles. Agradeço às professoras Madalena Pedroso Aulicino e Graziela Serroni Perosa, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), pelas aulas que me deram ferramentas para esta pesquisa, bem como aos professores João Sette Whitaker, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), e Amélia Damiani, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), todos da Universidade de São Paulo. Agradeço aos colegas com quem pude dividir informações, alegrias e angústias nesse período: Luisa Vilhena, Ana Luiza Aguiar, Valdemar Nevada, Nina Neves, Beatriz Fontenele, Helterson Ribeiro, Natália Sá. Agradeço ao Vai-Vai que me ensina tanto. Agradeço a Francesco Careri, autor que me lembra da importância do caminhar na nossa percepção de mundo. Agradeço às minhas amigas Hanayrá Negreiros, Marília Belmonte e Vânia Medeiros, com quem tive conversas importantes para essa dissertação. Agradeço ao meu amigo Beto, que tanto me ouviu no Bexiga. Por fim, agradeço à minha mãe, Cleide, e ao meu pai (1954-2018), Antônio, pelo apoio fundamental desde o princípio, bem como à minha avó Holanda. E agradeço a Maurício, meu amor e parceiro de todos os dias, com quem qualquer caminhada é mais leve.

RESUMO

TERRA, Adriana Casarotto. **Entre centro e periferia**: camadas, imaginários e a importância da rua na construção da identidade no Bexiga. 2021. 165 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Versão corrigida.

O trabalho estudou as relações de pertencimento no Bexiga, em São Paulo (SP), na segunda década do século XXI, ajudando a pensar sobre percepção do espaço, sentido de bairro, sociabilidades, identidades e sobre as noções de centro e periferia. A partir de pesquisa teórica e de campo que incluiu entrevistas com moradores, caminhadas e participação em eventos, o estudo observou um local com camadas identitárias nem sempre tão visíveis ou reconhecidas – fruto de uma tradição seletiva que privilegiou a memória italiana imigrante, em detrimento da afro-brasileira, ambas constituintes da história do Bairro, bem como em detrimento de memórias de migrantes no pós-urbanização –, um local que mobiliza muitos imaginários, onde a rua e as relações humanas têm papel fundamental. Resultado da formação fragmentada e hierarquizada de São Paulo, o Bexiga abriga experiências diversas e desiguais, sugerindo lugares e territorialidades. A pesquisa também observou permanências no Bairro: de tipos de moradia, comércio e serviços, bem como de elos, conflitos, negociações e práticas cotidianas.

Palavras-chave: Vida urbana. Pertencimento. Sociabilidade. Identidade. Centralidade.

ABSTRACT

TERRA, Adriana Casarotto. **Between center and periphery**: layers, imaginaries and the importance of the street in the construction of identity in Bexiga. 2021. 165 p. Dissertation (Master in Philosophy) – Cultural Studies Program, School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2020. Corrected version.

The work studied the relations of belonging at Bexiga, in São Paulo (SP), in the second decade of the 21st century, helping to think about sociability, the sense of neighborhood, production of the space, identities and the notions of center and periphery. Based on theoretical research and fieldwork involving interviews with residents, walks and participation in events, the study observed a place with identity layers not always as visible or recognized – the result of a selective tradition that placed an emphasis on Italian memory in detriment to Afro-Brazilian, both constituents of the Neighborhood, as well as in detriment of migrants' memories in the post-urbanization –, a place that mobilizes many imaginary, where the street and human relations play a fundamental role. Result of the fragmented and hierarchical formation of São Paulo, Bexiga houses diverse and unequal experiences which suggest places and territorialities. The study also observed permanences over time in the Neighborhood: types of housing, commerce and services, as well as community links, conflicts, negotiations and daily practices.

Keywords: Urban Life. Belonging. Sociability. Identity. Centrality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Planta da Cidade de São Paulo de 1881	30
Figura 2 - Fotografia da ala das baianas da escola de samba Vai-Vai ensaiando na rua Cardeal Leme, janeiro de 2017. Crédito: Adriana Casarotto Terra	34
Figura 3 - Áreas urbanizadas de São Paulo em 1872 e entre 1882 e 1914	35
Figura 4 - Planta da Cidade de São Paulo em 1924	41
Figura 5 - Fotografia de pintura no chão da rua Major Diogo em julho de 2018. Crédito: Adriana Casarotto Terra	46
Figura 6 - Entroncamento das ruas 13 de Maio, Santo Antônio, Delegado Everton e Luis Porrio, 2016. Crédito: Adriana Casarotto Terra	49
Figura 7 - Mapa mostra os rios da Bela Vista, com base em infografia publicada no jornal Folha de S. Paulo em 17 de março de 2013. Arte: MZK	55
Figura 8 - Adesivo colado em placa com nome da rua indicando a existência do rio Saracura sob o asfalto, esquina das ruas Rocha e Dr. Seng, 2015. Crédito: Adriana Casarotto Terra	55
Figura 9 - Quartos para aluguel em casas da rua Conselheiro Ramalho, em 2019. Crédito: Adriana Casarotto Terra	60
Figura 10 - Mapa de cortiços do Distrito Bela Vista em 2017	61
Figura 11 - Mapa das Zonas Especiais de Interesse Social da Bela Vista	63
Figura 12 - Casas da rua Jardim Heloísa, 2018. Crédito: Adriana Casarotto Terra	67
Figura 13 - Conjunto de casas (esq.) na rua Almirante Marquês de Leão e detalhe de casa (dir.) na rua Rui Barbosa, 2017. Crédito: Adriana Casarotto Terra	70
Figura 14 - Placas de locação de quartos em pensões na rua 13 de Maio, 2017. Crédito: Adriana Casarotto Terra	70
Figura 15 - Reportagem publicada no jornal Agora em 19/01/2019	83
Figura 16 - Placa de venda de geladinho em casa na rua São Vicente, 2018. Crédito: Adriana Casarotto Terra	91
Figura 17 - Ensaio da Escola de Samba Vai-Vai, 2017. Crédito: Adriana Casarotto Terra	94
Figura 18 - Jogo de vôlei na rua Maria José, 2019. Crédito: Edgar Bueno / Cinequebrada	96
Figura 19 - Jogo de futebol na rua Maria José, 2018. Crédito: Adriana Casarotto Terra	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONPRES - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PSIU - Programa Silêncio Urbano, da Prefeitura

ZEIS - Zonas Especiais de Interesse Social

COHAB - Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. Sobre a metodologia	15
2. QUANTOS LUGARES CABEM EM UM BAIRRO?	
2.1. Falando sobre centro e periferia	20
2.2. A tradição seletiva no caso do Bexiga	28
2.3. Bexiga, Bela Vista, Bixiga, BV, Saracura	39
3. ENTRE O INVISÍVEL E O IDEALIZADO	
3.1. Rios e avenidas: memória persistente	53
3.2. A importância dos cortiços	59
3.3. Guetos e fronteiras	68
4. O CONVÍVIO, A RUA E O LAZER	
4.1. A experiência dupla e a confiança	75
4.2. Identidade no conflito e na resistência	81
4.3. "Na rua é outra batida": o espaço vivido	88
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE A - MAPA: O BEXIGA DENTRO DA BELA VISTA	111
APÊNDICE B - MODELO DE CESSÃO DE DEPOIMENTO ORAL	112
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS	113
APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	114

1. INTRODUÇÃO

A relação entre decisões políticas, urbanísticas e expressões cotidianas, sociabilidades, ajudam a entender a formação do Bexiga, no Distrito da Bela Vista, Subprefeitura da Sé, em São Paulo. Este estudo reflete sobre as relações de pertencimento e as percepções do espaço de moradores deste Bairro central da capital paulista na segunda década do século XXI, 140 anos após a sua fundação. Uma cidade não é feita apenas do que foi pensado pelo poder público, planejado dentro de escritórios, mas também do que as pessoas criam no dia a dia, e considerar ambas as construções foi fundamental. O estudo nasce de um questionamento acerca das noções de centro e de periferia – "quebrada", "gueto" – identificadas no Bexiga, coexistindo, em jogo. Os caminhos da pesquisa mostraram que essa discussão serve mais como ponto de partida do que de chegada, ajudando a refletir sobre as experiências diversas e desiguais neste local. A hipótese que a investigação trabalha é a da complexidade de vivências que dá sentido ao Bairro.

A metodologia envolveu entrevistas com moradores, observação participativa e uma pesquisa teórica que buscou organizar um quadro da constituição do Bexiga, pensando-o em diálogo com a formação da Cidade de São Paulo; buscou traçar um panorama da discussão sobre centralidade e periferia na literatura; e buscou também mobilizar autores do campo dos estudos do cotidiano. As entrevistas estão disponíveis em Apêndices e seguiram um roteiro base, aberto a um questionamento menos direcional quando houve oportunidade. Foram ouvidas onze pessoas em um ano e meio. A maioria das conversas se deu na residência ou no espaço de trabalho das pessoas, e a ambientação é explicitada no texto. Em campo, foram feitas ainda dezenas de caminhadas de observação junto a registros fotográficos e anotações.

Cabe colocar que o estudo usa o termo raça valendo-se de seu sentido cultural: entendendo raça como uma criação que moldou a estrutura social brasileira, hierarquizando os cidadãos e provocando uma série de desigualdades que devem ser consideradas em qualquer pesquisa sobre a nossa sociedade. Diz Hall (2003, p. 69) que "'raça' é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo". Esse mesmo entendimento baseia a indicação racial de entrevistados e da pesquisadora. Outras características relevantes foram acrescentadas a fim de compreender o contexto, tais como profissão, emprego, cidade de nascimento, práticas de lazer, práticas artísticas, local e tipo de moradia, circunstância da entrevista. O perfil socioeconômico dos entrevistados é indicado em Apêndices, ao fim do texto.

Construída e conceituada ao longo da segunda metade do século XX para explicar os fenômenos urbanos em São Paulo, com o grande fluxo migratório que a Capital paulista vinha recebendo, a ideia de periferia pode englobar distância física, precariedades estruturais e habitacionais, associações a modos de vida e lazer. Sua origem vem de uma Cidade erguida com assimetria de infraestrutura e acessos. Diz Tanaka (2006, p. 149): "O conceito de periferia nasce associado ao conceito de desigualdade, produzidas como resultado da espacialização do conjunto de relações sociais, econômicas e políticas dominantes na sociedade". Os primeiros estudos sobre o tema despontaram nas décadas de 1960 e 1970 e evidenciavam as discrepâncias no planejamento urbano, aparecendo em trabalhos de sociólogos como Lúcio Kowarick ou urbanistas como Raquel Rolnik e Nabil Bonduki. A partir da década de 1980, o espaço urbano passou a ser mais investigado em sua dimensão das relações humanas, tendo destaque em pesquisas de antropólogos como Heitor Frúgoli Jr. e José Guilherme Cantor Magnani.

Desde a sua constituição no século XIX, quando todo o espaço do Distrito levava esse nome, o Bexiga passou por alterações que mexeram em sua composição populacional, porém nunca foi uma região apenas rica ou apenas pobre, como pesquisa de campo e teórica mostraram no decorrer desta investigação. Entendemos que a memória, a fama de bairro italiano deriva de um processo de tradição seletiva (WILLIAMS, 2011a) que não conferiu o mesmo reconhecimento e notoriedade para a população afrobrasileira que ocupou este espaço antes da chegada dos imigrantes europeus, e permaneceu em grande número ali mesmo após o seu loteamento, reproduzindo uma política útil aos interesses financeiros das camadas mais ricas e a um ideário racista de embranquecimento da população (SCHNECK, 2010).

O estudo enfoca o Bexiga, cujos limites espaciais são debatidos na primeira seção, sem desprezar as nomenclaturas Bela Vista, Saracura ou a abreviação BV quando mencionadas em depoimentos ou presentes em letras de músicas, intervenções urbanas e outras manifestações observadas. Há o entendimento de que, dependendo de seus interlocutores, elas mobilizam sentidos, identidades e fazem referência a experiências, a territórios e lugares específicos dentro do Bairro. O trabalho tem a compreensão de que usar um nome ou outro (ou usar ambos) tem um significado, bem como frisar a pronúncia do "i" em "Bixiga", e que vale relatar o contexto.

As entrevistas feitas nesta pesquisa mencionam, em comum, condições de vida difíceis enfrentadas no Bairro (vividas ou percebidas), além de hábitos que hoje são tidos como raros no centro de São Paulo: crianças brincando na rua, sentimento de comunidade em alguns trechos. Também mencionam a oferta estrutural, o acesso fácil ao transporte e a serviços como

supermercados, hospitais e escolas (podendo significar aí uma maior possibilidade de acesso também à informação cultural, como *shows*, exposições, espetáculos), além da proximidade com cartões postais da Cidade. Nem tudo isso, entretanto, se daria de forma homogênea. A pesquisa compreendeu esse Bairro como desigual e fragmentado: partes com infraestrutura melhor ou pior, mais ou menos uso do espaço público, maior ou menor adensamento populacional. Essas características, por vezes, são associadas às noções de "quebrada", gueto, periferia, ou então de centro, centralidade pelos moradores.

Entre intervenções que mudaram a composição populacional do Bairro, Castro (2008) constatou que houve a diminuição gradativa das habitações coletivas, ocupadas por pessoas de baixa renda e em sua maioria negras, ao longo do século XX, relacionando essa queda à especulação imobiliária e valorização desse espaço para segmentos da classe média, branca, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, apontando não se tratar de coincidência "a investida da prefeitura sobre os cortiços do bairro nas décadas seguintes" (CASTRO, 2008, p. 64). Apesar de alterações que provocaram o deslocamento de moradores para outros distritos, de investidas de caráter higienista da Prefeitura e da especulação imobiliária, ainda hoje uma série de habitações coletivas, chamadas popularmente de pensões — modalidade de moradia altamente rentável para os proprietários dos imóveis, é importante frisar — mantém-se no Bexiga, com casas divididas em até mais de uma dezena de cômodos, espaços que recebem famílias, casais ou grupos de pessoas avulsas, em graus variados de conforto. Segundo o Censo de 2010, há 747 cortiços no Distrito da Bela Vista, sendo este o maior percentual da Subprefeitura da Sé. Entrevistas realizadas em campo sugerem que o principal motivo para morar de forma compartilhada no Bexiga se dá devido à localização, a vantagem de estar perto do estudo ou trabalho, reduzindo o tempo de deslocamento e zerando, ou diminuindo, o custo do transporte. Ou seja, se dá pela centralidade. Cabe pontuar que o Bairro é o que tem a maior densidade demográfica da Cidade: são 27 mil habitantes por quilômetro quadrado.

Outras intervenções importantes para pensar o Bexiga são a canalização dos cursos d'água que o atravessam (Saracura, Itororó e Bexiga, córregos formadores do rio Anhangabaú) e a abertura de avenidas que "cortaram" o Bairro entre 1930 e 1970, conectando essas ações urbanísticas às expulsões de moradores e mudanças nos modos de vida, e até mesmo a uma ruptura do espaço que se entendia como bairro, complexificando-o. Uma questão interessante que aparece aí é a memória dos rios, da área de várzea, desse espaço em seu passado, como uma lembrança que ainda reverbera na identidade local.

A importância das relações humanas, do convívio, também aparece como preponderante para pensar essa identidade. Ao refletir sobre esses contatos, no entanto, é fundamental entendê-los como negociados, tensionados, e não dentro de uma dimensão harmônica – é justamente essa relação de jogo, dinâmica e complexa, que dá sentido a uma ideia de bairro. A rua, o espaço público, tem protagonismo aí: é nela que se dão, ainda, muitos encontros; ela é disputada em conflitos que se renovam ao longo dos tempos, com novos velhos atores.

Por fim, concluímos que não é possível pensar cultura, modos de vida, pensar um bairro ou uma cidade sem falar de relações de poder. É nesse sentido que buscamos não perder de vista as tensões e as brechas. A ideia é reconhecer a importância, para a formação do sentimento de pertença local, tanto de estruturas que buscam constantemente segregar, quanto de práticas residuais (WILLIAMS, 2011a), de hábitos e experiências de sociabilidade que tiveram e têm um papel importante na produção dos espaços, no cotidiano, na cidade que é feita no dia a dia.

SOBRE A PESQUISADORA

Jornalista, paulista, 36 anos, branca, eu fui criada em Caieiras, na Região Metropolitana de São Paulo, onde vivi por duas décadas, e venho morando nos últimos cinco anos no Bairro que é objeto desta pesquisa. Nessa relação que se estreitou com a região, a curiosidade sobre que lugar o Bexiga ocupa no imaginário das pessoas, as diversas formas como elas vivem e percebem esse espaço, passou a me chamar a atenção. A partir de dois projetos documentais realizados no Bairro, em 2015 e em 2017, esse assunto se tornou mais persistente em minha rotina, me fazendo refletir sobre minha própria experiência com a Cidade. Situo aqui ainda a minha atuação na Escola de Samba Vai-Vai como ritmista há quatro anos, bem como minha participação no grupo comunitário Rede Social Bela Vista desde 2019.

A ESTRUTURA DO TRABALHO

A **apresentação** localiza o objeto de estudo, explica a metodologia de pesquisa e faz uma breve introdução das referências teóricas que embasam a pesquisa, além de detalhar a metodologia utilizada e os caminhos do estudo de campo.

A **segunda seção** faz um balanço da literatura sobre centro e periferia que ajudou a pensar o objeto estudado, considerando pesquisadores do campo dos Estudos Culturais, do Urbanismo, da Geografia Humana, da História e da Sociologia Urbanas; constrói um breve panorama do local investigado, usando a ideia de tradição seletiva para pensar o Bexiga; e

discute o nome usado para se referir ao Bairro, pontuando questões de identificação e pertencimento relacionadas ao uso de nomenclaturas distintas para um mesmo local.

A **terceira seção** aborda os efeitos sociais e no imaginário causados pelas alterações urbanísticas que envolvem a canalização de rios na região e a abertura de avenidas que cortam o Distrito da Bela Vista; discute a questão habitacional, situando as condições de moradia no Bairro estudado, tanto à luz de políticas de preservação histórica do patrimônio material, como o tombamento de uma parte do Distrito, quanto de políticas habitacionais, como a instauração de Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) na região.

A **quarta seção** busca entender as experiências de lazer e sociabilidade tecidas no Bairro, sugerindo algumas práticas como de caráter residual e refletindo sobre seus motivos de ocorrência, questionando essas experiências urbanas frente a um modelo de cidade que se torna hegemônico em São Paulo, com o aumento da verticalização e dos condomínios fechados. Aborda também as relações de amizade, de vizinhança e as muitas situações de conflito nesse espaço, buscando entender como esse contexto afeta os seus moradores.

A partir desse panorama que abarca alterações na paisagem, tipos de moradia, formas de nomear um local, de viver e de se relacionar, o trabalho faz **considerações finais** sobre pertencimento, vida cotidiana e sentido de bairro no Bexiga contemporâneo.

1.1. Sobre a metodologia

A importância das entrevistas neste estudo se justifica pela crença de que a soma de diferentes pontos de vista ajuda a enxergar melhor o Bairro. Mas quem entrevistar? O trabalho de campo teve início a partir de uma vivência pessoal e cotidiana que foi mapeando lugares, eventos e pessoas que poderiam ajudar na investigação. A ideia era deslocar discursos hegemônicos sobre este espaço, conversar com moradores que não costumam dar entrevistas sobre o Bexiga – ainda que alguns sejam bem conhecidos na vizinhança.

No primeiro contato, foi explicado o teor do estudo: falar sobre pertencimento, práticas cotidianas e percepções do espaço. A proposta, para alguns, pareceu um tanto vaga e precisou de maiores conversas antes do aceite, como explicação da utilidade dela (o que nos fez refletir sobre a mesma) e de como ela seria disponibilizada para o público (se seria um livro ou estaria na Internet); para outros, fez bastante sentido e eles se animaram em conversar sobre algo que faz parte de suas vidas. Duas pessoas foram contatadas, toparam dar entrevistas, mas a conversa

não foi adiante. Outras onze pessoas toparam participar e a conversa evoluiu, gerando o material trabalhado nesta pesquisa. Quase todas as entrevistas foram presenciais e gravadas; uma única foi feita por e-mail, a pedido da entrevistada. Os entrevistados, à exceção de uma pessoa que faleceu durante a pesquisa, assinaram uma cessão de depoimento oral anexada no Apêndice B, nenhum em condição de anonimato – no entanto, com a entrega das entrevistas transcritas para que lessem e validassem a íntegra, duas pessoas pediram para ter seus nomes preservados. Nestes dois casos, os nomes das pessoas mencionadas nas entrevistas também foram alterados.

As três primeiras entrevistadas, no início de 2019, foram duas moradoras do Bairro e uma ex-moradora. Águida foi indicação de um amigo em comum. O fato de fazer suas vendas na porta de casa, ter uma relação intensa com a rua, influenciaram em sua escolha. A conversa se deu dentro do cômodo em que vive em uma casa térrea compartilhada, por cerca de uma hora, abordando sua relação com o Bexiga, que ela chama mais de Bela Vista. Apesar de ter mencionado um convívio em geral bom, relatou situações de racismo e segregação. Também disse que há partes do Bairro que considera mais bem cuidadas. Ela narrou ainda um contexto que seria ouvido de outras mulheres nos meses seguintes: a necessidade de maior infraestrutura para mães que não têm com quem deixar seus filhos enquanto trabalham.

Maria era uma conhecida dos tempos de graduação e o fato de ser uma pessoa que não nasceu no Bairro, mas vivia ali há mais de uma década definiu sua escolha: como é o Bexiga para quem vem de fora? Como via esse local quando chegou e como o vê hoje? Ela tinha uma relação mais distante com algumas partes do Bairro e, para ela, a principal vantagem de morar ali estava no fato de ser um local com muitas coisas do seu interesse próximas, onde se pode viver a pé. Já Cristina foi um contato feito durante uma caminhada do evento Jornada do Patrimônio, e o fato de ser uma ex-moradora que ainda atuava na região a trabalho, como proprietária de cantina, foi determinante na escolha, a fim de entender o ponto de vista de alguém que representava uma posição simbólica e material na tradição associada ao Bairro.

Bruno, quarto entrevistado, era alguém conhecido a partir do cotidiano. Novamente, o fato de ser uma pessoa que tem relação com muita gente na vizinhança determinou a escolha. A conversa com ele foi feita em frente a seu café, durou quase duas horas, período em que muita gente o cumprimentou e olhou com curiosidade ao perceber a situação de gravação (folha com roteiro de perguntas, celular em punho). Na ocasião, ele se mostrou muito solícito e generoso, interessado em comunicar uma reflexão crítica sobre o Bairro, suas desigualdades, sociabilidades, tradições – ali saberíamos também da importância do Bexiga na história de sua

família, e vice-versa. Assim como Cristina, ele era ex-morador, proprietário e comerciante. Em 2020, Bruno lamentavelmente faleceu, antes de conseguirmos concluir a pesquisa e lhe mostrar.

Já Jorge foi conhecido por meio de um projeto social que ele co-organizava à época na rua Maria José, bem como por sua atuação na Escola de Samba Vai-Vai. Nascido e criado no Bairro, ele relatou experiências de vida "duras" ali, a necessidade de ajudar uns aos outros, bem como laços de amizade profundos e um dia a dia com bastante interação e vida social. Também falou sobre a relação entre proprietários de imóveis e moradores de cortiços, sobre a incompreensão das necessidades de tantas famílias por parte dos mais ricos, sobre reclames de festas e barulho, e sobre o sentido de resistência na permanência de moradores mais pobres ali.

No mesmo mês foi feita entrevista com Marco Antônio. Nascido e criado no Bexiga, ele se mudou para a Zona Leste da capital na vida adulta. O deslocamento para uma região mais periférica e a experiência de vida fértil no antigo Bairro – ele participou de um grupo de rap pioneiro surgido no Distrito da Bela Vista – influenciaram sua escolha. Essa conversa foi muito rica porque estimulou uma reflexão entre ambas as partes sobre o cotidiano no Bexiga décadas atrás e hoje. Marco não via sentido em falar sobre uma noção de periferia no centro, mas se referia ao Bairro como "quebrada" e "gueto", destacando o sentido afetivo e de pertencimento envolvido nessas palavras, e não o da exclusão. Também refletiu sobre o fato de que, na época em que viveu ali, percebia que o Bexiga era central mas não era rico, e que o local onde vive hoje seja distante mas não seja pobre, tenha casas de classe média alta. A conversa também foi importante para pensar sobre as sociabilidades que permanecem no Bairro.

Na sequência, a moradora Ângela foi entrevistada. Ela era uma pessoa também conhecida de vista, e nos foi apresentada por uma amiga em comum como alguém vinda da Bahia jovem para o Bexiga, muito ligada ao Bairro. A conversa se deu em sua sala de costura, dentro de sua casa. Informamos o tema do estudo no primeiro contato, por telefone ao marcar a entrevista e ao chegar em sua casa, quando avisamos que a conversa seria gravada. Tão logo ela acendeu um cigarro e discorreu a falar sobre o Bairro, em uma narrativa que nos pareceu interessante que corresse mais solta nesse momento – como é possível ver no Apêndice C. Devido a compromissos de trabalho e domésticos dela no dia, a conversa teve de ser interrompida após cerca de uma hora, e a ideia era fazer um segundo encontro, quando seria assinada a cessão de depoimento oral e feitas algumas perguntas. Lamentavelmente, Ângela faleceu antes que isso pudesse ser concluído. O seu nome foi modificado no trabalho.

Paulo foi entrevistado no mês seguinte, e a escolha dele se deu por sua atuação em uma organização não governamental com jovens no Bairro, bem como sua atuação no museu local. A conversa foi realizada no Museu de Memória do Bixiga (MUMBI) e nela Paulo relatou sua história, a vinda de sua família do Maranhão para São Paulo, a origem italiana do pai e maranhense da mãe, seu histórico de trabalho com a população do Bairro, bem como seu desejo de evidenciar uma tradição multicultural no museu – quando falamos, seu intuito era que o museu refletisse, também, a memória das populações de estados nordestinos do Bexiga.

As três últimas entrevistas foram com os moradores Silvia, Solange e Ray. Com a primeira, o contato se deu a partir de um trabalho documental realizado em 2015. Sua experiência de longa data como moradora, sua necessidade de mudança de bairro nos últimos anos e suas relações ora conflituosas, ora afetivas com o Bexiga foram pontos de atenção lá atrás e motivaram a sua escolha nesta pesquisa, identificando-a como uma interlocutora com marcações críticas e vivência ampla ali. A entrevista com ela se deu no início de 2020, em uma lanchonete no Belém, bairro central da Zona Leste da Cidade, onde vivia na época, em virtude de ter conseguido um imóvel mais espaçoso do que o que vivia e por um valor mais barato.

Já o contato com Solange foi feito na Escola de Samba Vai-Vai por intermédio de uma amiga em comum. Em conversa breve e informal neste dia, a moradora fez uma série de comentários sobre o Bairro, onde vive desde que nasceu, tendo morado em diversos tipos de habitação, mostrando uma relação intensa com esse espaço, de experiência plural e reflexão a respeito da história. Por fim, a última entrevista foi com Ray, introduzido pela mesma amiga. Comerciante no Bexiga, vindo do Estado do Maranhão para trabalhar em São Paulo nos anos 1990 e nunca tendo vivido em outro bairro paulistano, sua experiência como morador migrante, em contato com muitas pessoas da vizinhança a partir de seu trabalho, pareceu bastante rica. Na conversa com ele, os temas da construção de um lar longe do local de origem, da xenofobia enfrentada no Bairro e da produção de uma rede de amizades se destacaram.

Um aspecto importante para a escolha dos entrevistados foi a busca por reunir pessoas que morassem em diversas partes do Bexiga. Foi importante, ainda, caminhar até o local de encontro com os entrevistados para comparar, nessas caminhadas, as mudanças ou não de paisagem, de tipos de habitação, de comércio ou serviços oferecidos, de práticas na rua, de corpos no espaço público, de fluxo do trânsito e de formas de convívio. Ainda dentro do campo das "andanças" como parte da pesquisa, houve a busca por ir aos locais narrados pelos entrevistados em seus depoimentos, quando possível, a fim de refletir sobre os detalhes desses

relatos, seja aproximando-se de alguma forma deles, seja percebendo os deslocamentos (em função do tempo ou das subjetividades das diferentes experiências). As entrevistas envolveram pessoas com idade entre 30 e 80 anos, situadas socioeconomicamente entre as classes D e B1 – portanto há uma limitação inerente a esses aspectos em seus resultados.

Essas entrevistas e caminhadas foram também acompanhadas por observação participativa em uma série de eventos, tais como ensaios da escola de samba, celebrações religiosas, festas, reuniões de grupo de bairro. Mais importante do que esses eventos, no entanto, foi a observação da rotina local a partir do ângulo do morador, tão privilegiado quanto limitante, permitindo ver muitas coisas e dificultando enxergar outras: acompanhar o abrir e fechar da pequena distribuidora; a rotina de feitura de sorvetes caseiros de um senhor vizinho e sua esposa; as brigas nas madrugadas de sexta-feira em uma parte boêmia do Bairro; a diversidade de pessoas aos fins de semana nessa mesma região; os caderninhos de anotação de compras em alguns estabelecimentos; os fluxos de entrada e saída de moradores em pensões e cortiços; as chegadas e partidas dos ônibus com antigos e novos moradores vindos do Ceará; as piscinas de plástico armadas por famílias de comerciantes na calçada para seus filhos na rua 13 de Maio; as festas infantis com mesas decoradas dentro de bares na rua Santo Antônio; as conversas e relações entre a vizinhança nas feiras livres; as reclamações de moradores de partes mais elitizadas em relação ao barulho da escola de samba em janeiro e fevereiro... Tudo isso constituiu um aspecto fundamental para o trabalho aqui apresentado.

Ao campo foi somada uma pesquisa teórica que passou por algumas fases. Inicialmente, a busca foi por entender a formação espacial que envolve o bairro do Bexiga e o distrito da Bela Vista por meio de livros, trabalhos acadêmicos, reportagens, músicas e documentários. Percebeu-se logo que seria necessário entender essa formação em relação constante com a formação de São Paulo, o que motivou não só a procura por esse referencial teórico como a participação em debates e roteiros sobre a Cidade, a fim de entender as tensões existentes conversando com mais pesquisadores e moradores. Já para falar sobre centralidade e periferia, considerou-se importante contextualizar a discussão da literatura – acadêmica e não acadêmica – acerca dessas categorias, em diálogo com a compreensão social delas. Por fim, para pensar cotidiano e pertencimento foi fundamental a aproximação com autores dessas áreas de estudo. Dessa forma, entende-se esse referencial teórico como um conjunto de ferramentas que ajudam na leitura da pesquisa de campo, bem como na construção do texto a seguir.

2. QUANTOS LUGARES CABEM EM UM BAIRRO?

2.1. Falando sobre centro e periferia

A discussão sobre centro e periferia vem sendo feita nos estudos urbanos brasileiros desde a década de 1970. No intuito de explicar a expansão de São Paulo (no Rio, as pesquisas sobre a segregação vão tentar compreender as favelas), inicialmente as análises se direcionam a um entendimento macroestrutural da organização da Cidade, mostrando que a localização não é algo natural, mas produzido pela ação humana, evidenciando as desigualdades e os interesses que pautam a organização urbana, tornando a vida de uns mais fácil e a de outros mais difícil com base em onde vivem. Situam-se aqui trabalhos de autores como Kowarick (1979), Maricato (1979), Bonduki e Rolnik (1979).

A partir de meados de 1980, surgem pesquisas voltadas a uma dimensão microestrutural, com olhar atento para as relações que constituem os lugares, para os atores sociais das cidades, ganhando espaço também nos campos da Antropologia Urbana, da Geografia Humana, enquanto antes eram estudadas no Urbanismo, na Sociologia. São desta época trabalhos de Santos (1994), Magnani (1998), Frúgoli Jr (2000), Caldeira (2000), Carril (2006) e Telles (2010). Contextualizados frente aos debates em curso de suas épocas, investigações de ambos os períodos são importantes na construção de uma reflexão que considere a complexidade do assunto de maneira tão responsável quanto sensível.

Lefebvre (2000) diz que o espaço é resultado tanto do capitalismo e de intervenções estatais quanto das relações sociais que ocorrem dentro desse sistema. Nessa conjuntura, a valorização de alguns lugares em detrimento de outros não pode ser dissociada de interesses de mercado e de decisões do Estado. Essa ideia fundamenta uma série de pesquisas, dentro da visão macro mencionada, e tem como princípio demonstrar que as cidades não são como são por acaso, tornando esse um debate essencialmente político.

Na mesma linha, Harvey (2013)¹ diz que a urbanização não pode ser analisada sem a compreensão da questão econômica: "As cidades surgiram (...) onde existe produção excedente (...). A urbanização, portanto, sempre foi um fenômeno de classe, uma vez que o controle sobre o uso dessa sobreprodução sempre ficou tipicamente na mão de poucos".

¹ HARVEY, D. O Direito à Cidade. In. *Piauí* n.82. São Paulo: Alvinegra, 2013. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-direito-a-cidade>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Onde havia excedente da produção, foi-se erguendo casas, prédios, construindo metrô, hospitais, escolas, parques e praças. Se inicialmente em São Paulo a população mais pobre morava ora em cortiços, ora em vilas operárias na região central (neste caso, em bairros como o Brás e a Mooca), em uma divisão bastante relacionada com raça e local de origem, com a industrialização e a vinda de cidadãos de diversas partes do Estado e do País para a Capital, as relações de trabalho se modificam: o empregado passa a ser responsável pelos custos de moradia que sobem no centro da Cidade, a partir da dinâmica imobiliária de rentabilização da terra. É a espoliação urbana que Kowarick (1979) nomeia ao falar da formação das periferias paulistanas:

Com a intensificação da industrialização, cresce rapidamente o número de trabalhadores, aumentando a pressão sobre a oferta de habitações populares. Tais fenômenos ocorrem paralelamente à valorização dos terrenos fabris e residenciais que torna, do ponto de vista da empresa, anti-econômica a construção de vilas para 'seus' operários (...). As empresas transferem assim o custo da moradia (aquisição, aluguel, conservação do imóvel) conjuntamente com os gastos com transporte para o próprio trabalhador e os relacionados aos serviços de infra-estrutura urbana, quando existentes, para o Estado. Deste momento em diante as “vilas operárias” tendem a desaparecer e a questão da moradia passa a ser resolvida pelas relações econômicas no mercado imobiliário. A partir de então surge no cenário urbano o que passou a ser designado de “periferia”: aglomerados distantes dos centros, clandestinos ou não, carentes de infra-estrutura, onde passa a residir crescente quantidade de mão-de-obra necessária para fazer girar a maquinaria econômica. Como acumulação e especulação andam juntas, a localização da classe trabalhadora passou a seguir os fluxos dos interesses imobiliários. (...) No processo desordenado de expansão urbana, o setor imobiliário levava adiante a ocupação espacial, guardando imensas áreas mais próximas aos núcleos centrais à espera de valorização, enquanto zonas mais longínquas, sem qualquer infraestrutura, eram abertas para a aquisição das classes pobres. (KOWARICK, 1979, p. 31-32, grifos nossos)

A visão que entende o espaço urbano como local de acumulação do capital começou a ser bastante utilizada nos estudos que despontam nas décadas de 1970 e 1980, como o de Kowarick (1979). Essas pesquisas não ocorriam por acaso, mas acompanhavam o aumento da ocupação nas bordas de São Paulo, explica Tanaka (2006):

A produção da periferia é resultado de processos urbanos presentes desde fins do século XIX, que se consolidam a partir dos anos 1930, momento de aceleração da urbanização relacionada ao crescimento e consolidação da economia industrial, como forma dominante de crescimento da cidade. O crescimento urbano da metrópole paulista, por meio da expansão do que se denominou periferia, baseou-se em um padrão horizontal realizado à margem dos processos legais e regulares de produção do espaço urbano. Este padrão espacial como forma de crescimento ganhou intensidade nas décadas de 1950 e 1960, período de intenso crescimento populacional de São Paulo, decorrente dos fluxos migratórios que a cidade recebeu atraídos pela oferta de emprego na cidade

industrial. Ele caracterizou-se por apresentar espaços segregados da cidade formal e 'moderna', que começam a ganhar visibilidade e a aparecer na mídia, como resultado do tamanho de suas populações e do aumento da importância das mobilizações dos movimentos de bairro e do interesse econômico (e político) que representam no crescimento da cidade. (TANAKA, 2006, p. 23, grifo nosso)

Destaca-se a palavra segregação nessa passagem, e como a periferia passa a ser vista em diferenciação a um ideal de "cidade formal e 'moderna'". Rolnik (2010)² observa que, com o passar dos anos, a noção de periferia vai se consolidando mais ligada à falta de infraestrutura do que a uma ideia puramente física, dado que a urbanização não ocorreu de maneira linear em São Paulo, sofrendo forte influência do investimento imobiliário, por exemplo, que – como escreveu Kowarick (1979) – anda junto da acumulação do capital:

É preciso lembrar que a periferia é marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização. Hoje há condomínios de alta renda em áreas periféricas que, claro, não podem ser considerados da mesma forma que seu entorno, assim como há periferias em áreas nobres da cidade. (ROLNIK, 2010, grifo nosso)

É como se as características sociais atribuídas a esses espaços não pudessem ser dissociadas da própria ideia de periferia. O que ocorre, também, com a ideia de centro – noção que carrega uma série de propriedades, atributos construídos culturalmente, como iremos ver. Evidente que atentar à ocorrência não-linear da produção espacial, ou seja, olhar para as particularidades de bolsões "periféricos" nos centros, bem como a núcleos ocupados por uma elite socioeconômica nas bordas da Cidade, não exclui a importância fundamental da leitura "geográfica" centro-periferia na explicitação das desigualdades da Capital Paulista, a partir das distâncias. Uma pesquisa da organização não-governamental Rede Nossa São Paulo, o Mapa da Desigualdade 2019, por exemplo, salienta as assimetrias entre distritos do centro expandido e da periferia. Em Marsilac, Distrito mais longe do centro, a mortalidade infantil é de cerca de 25%, enquanto em Perdizes, na Zona Oeste central, é de 1% – a média paulistana é de 10,5%.

Bógus e Taschner (2001, p. 43) mencionam a distribuição descentralizada das camadas de renda média como uma das justificativas da configuração fractal de São Paulo:

Se de um lado, entretanto, pode-se falar da existência de espaços quase exclusivos para as categorias superiores/inferiores na escala social, por outro

² ROLNIK, R. Aplicar a Lei Moura para melhorar vida nos cortiços é positivo. Mas carta de crédito é insuficiente às famílias de baixa renda. Blog da Raquel Rolnik, 17 ago. 2010. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/08/17/aplicar-a-lei-moura-para-melhorar-a-vida-nos-corticis-e-positivo-m-as-carta-de-credito-e-insuficiente-como-opcao-as-familias-de-baixa-renda>. Acesso em: 1 mar. 2020.

detecta-se a diversificação da estrutura social e redistribuição no espaço urbano, particularmente das camadas de renda média. Tais camadas buscam, em geral, localizar-se em áreas próximas às habitadas por população de alta renda, estando também dispersas – como já foi apontado – por toda a Região Metropolitana, criando espaços sociais mistos ou de estruturação social mais complexa, tecido indistinto, retalhado e remendado, um complicado mosaico urbano, um verdadeiro caleidoscópio. (grifo nosso)

Na compreensão desse tecido social, um trabalho importante feito por Caldeira (2000) elenca três padrões de segregação espacial em São Paulo. Até o fim do século XIX, a divisão se daria pelo tipo de moradia, com diferentes grupos sociais se concentrando em uma pequena área urbana; no século XX, seria consolidado o modelo centro-periferia de segregação espacial, caracterizado pela distância física dentro dos limites urbanos, situada por Kowarick (1979); já a partir da década de 1980, apareceria a ideia da segregação por tecnologias de segurança.

A presença dos cortiços na formação da Cidade, em especial em sua área central, seguida da expulsão de populações pobres para as bordas da Capital e, nas últimas quatro décadas, do aumento dos aparatos de controle do espaço em um mesmo bairro, ou em bairros vizinhos, por exemplo – tais como câmeras de segurança, condomínios com muros altos, uma indústria voltada para o enclausuramento no lar – explicitam esses três padrões.

São Paulo, no final dos anos 90, é uma metrópole com mais favelas e cortiços, mas seus muitos bairros pobres na periferia melhoraram consideravelmente; as velhas áreas centrais foram transformadas por processos combinados de enobrecimento e decadência; pessoas das classes altas vivem em regiões centrais e bem-equipadas, mas também em novos enclaves fechados em regiões distantes, perto dos mais pobres, na capital ou fora dela; os empregos terciários estão mudando para áreas ainda não urbanizadas; e a oposição entre oeste (mais rico) e leste (mais pobre) está se tornando mais visível. É também uma região metropolitana na qual as distâncias físicas que costumavam separar diferentes grupos sociais podem ter encolhido, mas cujos muros cercando propriedades são mais altos e os sistemas de vigilância, mais ostensivos. (CALDEIRA, 2000, p. 255, grifo nosso)

Villaça (2015, p. 9) cita a representação midiática de um bairro paulistano para sugerir que periferia e centro envolvem mais do que distância, localização, mas também mais até mesmo do que infraestrutura ou renda, camada socioeconômica. Nesse caso narrado, os conceitos parecem mobilizar ainda um imaginário social e cultural em relação aos espaços. "O que é considerado 'periferia' em São Paulo?", ele questiona:

Em teoria, são os bairros afastados, em áreas subequipadas, ocupadas por classe inferior à média e morando em imóveis irregulares. A Freguesia do Ó não se enquadra nessa definição. Está a oito quilômetros em linha reta do centro da capital (praça da Sé), é um bairro tradicionalíssimo, de classe média, onde a

maioria das moradias têm mais de noventa ou cem anos de idade – portanto, são anteriores ao primeiro Código de Obras da cidade, que foi Lei n.3427 de 1929 e que, por isso, não podem ser chamadas de 'irregulares'. Por outro lado, a Praça Panamericana, a City Butantã ou o Alto da Lapa estão a 8.5 km da Praça da Sé; o Brooklin Paulista está a 9 km e o Morumbi (bairro do estádio do São Paulo Futebol Clube) está a 10 km. Tais bairros, assim como Alphaville ou Granja Viana, jamais seriam chamados de “periferia” pela mídia. No entanto, a Freguesia do Ó é chamada de periferia. (VILLAÇA, 2015, p. 9)

Em um comentário acerca de "Espaço Intraurbano no Brasil", obra de Villaça publicada em 1998, Moya (2011, p. 35) diz que as "classes altas teriam a capacidade de trazer consigo o centro da cidade, atuando sobre a estrutura urbana pelo fato de controlar sua produção e consumo, ou seja, pelo controle do mercado imobiliário e dos poderes públicos". A centralidade no que se refere à infraestrutura (escolas, hospitais, restaurantes, centros culturais e comerciais, transporte), portanto, é deslocável em função do capital. Em relação a esse deslocamento, diz Villaça (2011, p. 4):

A descrição centro *versus* periferia não permite, por exemplo, que se articule a segregação com as estruturas urbana e social. Essa descrição não explica, por exemplo, por que o centro tradicional de nossas cidades cresce mais numa determinada direção do que em outras (ou isso nada tem a ver com a segregação urbana?). Pela própria lógica do esquema centro *versus* periferia, o centro deveria crescer mais ou menos uniformemente em todas as direções. No entanto, há mais de um século isso não ocorre em nossas metrópoles. Não explica ainda a articulação da segregação com as esferas econômicas, que se dá por meio da atividade econômica que maior interesse tem no espaço urbano: a atividade imobiliária. (grifo nosso)

Para Telles, entender a cidade passa por entender os cruzamentos, os "artefatos e redes que articulam espaços e territórios, e que os conectam (mas também separam e bloqueiam) com os centros urbanos e as várias centralidades em torno das quais gravita a vida urbana" (2010, p. 85). Em pesquisa recente, Adorno, Souza e Nery (2019) localizam oito novos padrões urbanísticos. Para eles, as transformações sociais e políticas da segunda metade do século XX exigem olhar além de uma dicotomia que "ignora ou minimiza a diversidade social, a econômica e os usos do tecido urbano" (p. 26). Ou seja, a complexidade e a fragmentação da cidade. Aparecem como fatores relevantes na leitura das desigualdades espaciais: habitação, alfabetização, saneamento básico e taxa de homicídios. O período de urbanização também influenciou na identificação desses padrões. Dizem eles:

Primeiramente, a cidade polarizada no binômio centro-periferia começa a ser matizada e questionada por força do reconhecimento da heterogeneidade intraurbana. As cidades não estão partidas entre bairros ricos e pobres; há uma heterogeneidade urbana na qual tais bairros são criados de modo contíguo,

estabelecendo ou não áreas de comunicação entre seus moradores, serviços e usos do território. Do mesmo modo, muitos deles se comunicam em raios perimétricos que transcendem os limites legais dos municípios. Não sem razão, muitos estudos referem-se mais a metrópoles urbanas, ao processo de metropolização, do que a municípios – até porque as fronteiras formais e institucionais acabam sendo continuamente ultrapassadas. (ADORNO; SOUZA; NERY, 2019, p. 4)

Em investigação sobre o Bairro do Cabula em Salvador, Fernandes (1992) trabalha a ideia de periferia social, que difere da "geográfica": ela simboliza os lugares urbanos em que prevalece uma condição socioeconômica baixa e onde pode haver condições precárias de infraestrutura e habitação. Já em estudo sobre o Bairro soteropolitano de Pernambués, vizinho do Cabula, Rossi (2018) utiliza as ideias de segregação e fragmentação para entender o espaço urbano, lugar que pode conter centralidades múltiplas, como fala Telles (2010).

Esta abordagem sugere que cidades grandes e médias no Brasil tendem a desenvolver uma organização multinucleada, por existir nelas, além dos centros originais, subcentros e outros núcleos locais. Há nos dias atuais uma tendência à expansão de centralidades e funcionalidades diversas e/ou específicas em certas partes da cidade, abrangendo seletivamente funções de atendimento na saúde, administração pública, comércio, lazer, entre outros. (ROSSI, 2018, p. 62)

Importante destacar a noção de seletividade apontada na distribuição infraestrutural nesses subcentros e núcleos locais. Rossi (2018, p. 182) conclui que, apesar da intervenção dos interesses econômicos na urbanização local, as noções de lugar e cotidiano ali dentro revelam singularidades sobre aquele espaço "que o modo de produção não consegue anular". Esta seria a produção microestrutural do espaço, a cidade feita pela ação do dia a dia do praticante ordinário – segundo Certeau (1990), o "homem comum", aquele que se confunde na massa urbana.

Por sua vez, Guasco (2000, p. 17) diz que periferia “descreve uma condição social que costura uma identidade entre pretos e pobres”, sendo dos poucos pesquisadores elencados aqui que traz ao centro a questão racial no processo de construção de sentido do termo. Estudando uma periferia no interior de São Paulo, Ávila (2006) aponta a flexibilidade na compreensão territorial dos moradores acerca de onde vivem:

(...) podemos considerar consenso que a periferia é o lugar de concentração dos mais pobres, com péssimas condições de infraestrutura e carências materiais. É também uma palavra que se define por oposição a um centro, seja este o centro da cidade, ou o centro do poder. Mas, por exemplo, a partir do momento que procuramos entender as representações que os moradores fazem de seu local de moradia, essa concepção de periferia parece ser bem mais flexível e dinâmica, suscitando, por várias razões, um exercício de relativização do significado que o termo assumiu. (ÁVILA, 2006, p. 40, grifo nosso)

Em pesquisa sobre a favela do Gonzaga, em Campinas (SP), Rosa (2008) diz que, para além de espaços de exclusão que a literatura consagrou acerca da ideia de periferia – noção que tem papel de expor as desigualdades, mas que, em sua visão, pode ser utilizada também na manutenção delas, criando estereótipos e uma dicotomia que nubla complexidades –, "há toda uma dinâmica socioespacial em contínuo movimento, produzindo e disputando a cidade em suas fronteiras e, portanto, deslocando-as continuamente" (p. 199).

Tomando, em grande medida, os espaços das favelas e periferias como lócus privilegiado da "tragédia urbana", produzem-se abordagens que, pautadas por análises gerais, levam a conclusões já bastante (re)conhecidas, como a ausência do Estado, a ausência de cidadania e participação, a carência generalizada, a segregação socioespacial, a violência, por vezes (re)construindo estereótipos e tipificações e (re)alimentando a construção da imagem de cidades caóticas, desordenadas e sem salvação. (ROSA, 2008, p. 36, grifo nosso)

Na busca por considerar a dimensão microestrutural da cidade – a "perspectiva do fragmento como miniatura capaz de desvelar o mundo" (SIMAS, 2019, p. 10) –, cabe destacar um texto de Rocha (2017) em que o autor diz que a população periférica constrói centralidades em função da "necessidade de vida social, que demanda um centro". Ou seja, o centro construído não pelo poder econômico ou pela distância física, mas pela vida em comunidade.

As fogueiras de vizinhos durante as festas juninas são um bom exemplo de centralidade demandada pela festa, pois era a reunião em torno do fogo, onde cada um trazia determinado tipo de comida ou bebida e viravam a noite comemorando São João ou qualquer outro santo. É uma centralidade espontânea, não é fixa, cada ano pode ser na casa de um vizinho diferente. (ROCHA, in BAITZ; DAMIANI, 2017, p. 22, grifo nosso)

Em análise sobre as noções culturais de "alto" e "baixo", Hall comenta obra de Stallybrass e White (1986) que analisa a metáfora de carnaval de Bakhtin (1996), na qual há uma reviravolta na ordem simbólica de hierarquia e valores, chegando a conclusão de que o periférico pode ser simbolicamente central³. Vejamos abaixo citação de Stallybrass e White:

(...) as categorias culturais do alto e baixo, do social e estético... e também aquelas do corpo físico e do espaço geográfico nunca são inteiramente separáveis. A classificação dos gêneros literários ou autores em uma hierarquia análoga às classes sociais é um exemplo particularmente claro de um processo cultural muito mais amplo e complexo, pelo qual o corpo humano, as formas psíquicas, o espaço geográfico e a formação social são construídos dentro de hierarquias de "alto" e "baixo", inter-relacionadas e interdependentes. Este livro tenta mapear algumas dessas hierarquias interligadas. Mais especificamente, atenta para a formação dessas hierarquias e o processo pelo qual o baixo perturba

³ STALLYBRASS; WHITE, 1986, p. 23, apud BABCOCK, 1978, p. 32, apud HALL, 2003, p. 241.

o alto. (STALLYBRASS; WHITE, 1986, p. 2-3, apud HALL, 2003, p. 224, grifos nossos)

Já Santos (2006, p. 221) nos fala de espaços luminosos e opacos. Para ele, a cidade teria “espaços luminosos”, “obedientes aos interesses das empresas”, regidos pela lógica mercantil-midiática, os ambientes dos “acelerados”; e “espaços opacos”, espaços “do aproximativo e da criatividade”, produzidos pelos “homens lentos” em suas práticas cotidianas. Em um desdobramento desses conceitos, Olivieri (2012, p. 65-66) propõe o termo “opacificações urbanas” para pensar práticas de desestabilização da lógica luminosa, e vê a relação luminoso e opaco, proposta por Santos, não como dualidade, mas como disputa, oscilação. Os espaços opacos e luminosos são de grande valia para a dimensão micro que interessa ao estudo – o que “não se deixa apanhar”⁴, as centralidades espontâneas (ROCHA, in BAITZ; DAMIANI, 2017, p. 22), o que o “modo de produção não consegue anular” (ROSSI, 2018, p. 182), e serão melhor explorados na quarta seção deste trabalho.

Com base nesse breve balanço bibliográfico que buscou situar as contribuições da literatura ao debate sobre centro e periferia, entendemos que existe uma produção espacial macroestrutural que cria a localização na Cidade, tanto de maneira fragmentada quanto dividindo o espaço urbano com prejuízo recorrente para suas bordas, com base em um seletivo investimento estatal e privado, na ausência de políticas de inserção da população negra na Cidade pós-Lei Áurea, na especulação imobiliária, na autosegregação das elites e no deslocamento das camadas socioeconômicas médias. E, de forma complementar, em relação com essa dinâmica, temos uma produção espacial que chamamos aqui de microestrutural – fruto do cotidiano, das práticas da rotina, da negociação tensionada e contínua com a macroestrutura, das táticas de resistência das populações mais pobres – que produz outras centralidades, além de formas diversas de ocupar os espaços e de se entender como cidadão.

A fim de olhar mais de perto o espaço do Bexiga no fim desta segunda década do século 21, refletindo sobre a relação dos moradores com o Bairro e com a Cidade de São Paulo, buscamos nas páginas a seguir olhar para o dia a dia e para as experiências narradas, sem perder de vista a dimensão mais ampla com a qual esse cotidiano está em jogo constante.

⁴ “O cotidiano tem esse traço essencial: não se deixa apanhar” (BLANCHOT, 2007, p. 237, apud OLIVIERI, 2012, p. 66).

2.2. A tradição seletiva no caso do Bexiga

A formação da região que hoje é o Distrito da Bela Vista, entre o centro antigo da Cidade e a avenida Paulista, envolveu portugueses, africanos e italianos, além de espanhóis, sírios, libaneses, franceses e ingleses, bem como os seus descendentes brasileiros. Há, entretanto, uma versão mais notória para a sua origem, especialmente no que se refere a área do Bexiga (nomenclatura inicial de toda a região, hoje adotada apenas para o pedaço originário dela), bairro cujos limites físicos serão discutidos mais adiante.

A história deste como um bairro italiano se tornou hegemônica ao longo do século XX na imprensa, nas artes, no entretenimento e, por consequência, no imaginário popular. Na década de 1970, haviam iniciativas turísticas e de revitalização no local, e foi o mesmo período em que a grafia no nome com "i"⁵ – Bixiga – ganhou notoriedade (SCARLATO, 1995, p. 118). Essa narrativa confere amplo destaque à imigração do país europeu, focando na chegada dessa população no fim do século XIX, no loteamento do Bairro, na implantação de serviços que valorizaram financeiramente a área e nas festas religiosas de tradição católica.

Nas últimas duas décadas, da virada para o século XXI até o ano de 2020, é possível perceber uma série de trabalhos acadêmicos e audiovisuais, bem como alguns livros, roteiros turísticos e reportagens na busca por tornar mais conhecida a presença e importância da população afro-brasileira ali, fazendo referência ao fato de o local ter sido estratégico para a resistência de escravizados, com a existência de um quilombo na área do vale do Saracura (Grotta do Bexiga) no século XIX — onde hoje fica a quadra do Grêmio Recreativo Cultural Social Escola de Samba Vai-Vai — e, posteriormente, ao local ter sido lar de cidadãos negros deslocados do centro antigo de São Paulo (NASCIMENTO, 2016, p. 109) ou vindos do interior do Estado em busca de trabalho, pela proximidade com a avenida Paulista e com seus casarões, bem como pela ciência de parentes e conhecidos que já viviam ali.

Importante aproximar a esse movimento, a fim de contextualizá-lo, a amplificação de reivindicações históricas de grupos militantes acerca da recuperação da memória de populações afro-brasileiras na Cidade, bem como o aumento de estudantes negros nas universidades, empenhados tanto em pesquisar o assunto quanto em tornar mais conhecidas investigações que

⁵ Em 1963, segundo o jornalista João Sacchetto no livro "Bixiga: Pingos nos is" (2001, p. 69), o fundador do Museu de Memória do Bixiga Armandinho Puglisi (1931-1994) lançou um jornal chamado "O Bixiga", dando contornos mais oficiais ao modo como a palavra é falada, sua fonética.

servem de aporte a esse debate, dando maior evidência a ele e trazendo à tona pontos de vista fundamentais para as pesquisas urbanas.

Ao falar do Bexiga, cabe ainda destacar a grande população de brasileiros de diversos Estados do Nordeste, negros e brancos, que reside ali desde a segunda metade do século XX, cuja invisibilidade praticamente segue até os dias atuais ao se abordar o imaginário do Bairro. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁶, houve um salto populacional entre 1950 e 1960 no Distrito da Bela Vista, período justamente que marca a chegada de migrantes nordestinos na Cidade de São Paulo.

Ao processo que levou essa narrativa do "bairro italiano" a se tornar dominante, cabe o conceito de tradição seletiva. Para o pesquisador britânico Raymond Williams (2011), toda tradição, em uma cultura onde há jogo de forças, depende de uma escolha. Não existe tradição neutra onde há desequilíbrio de poder – mesmo que estejamos falando de um poder relativo. E mesmo que não exista uma intencionalidade explicitamente declarada em apagar outras culturas. A questão é como uma tradição pode se apoiar sendo do interesse da estrutura dominante, conseguindo se firmar, em detrimento de outras.

Além disso, em um plano filosófico, no plano teórico verdadeiro e no plano da história das várias práticas, há um processo que chamo de "tradição seletiva": o que, nos termos de uma cultura dominante efetiva, é sempre assumido como "a tradição", "o passado significativo". Mas sempre o ponto-chave é a seleção — forma pela qual, a partir de toda uma área possível do passado e do presente, certos significados e práticas são escolhidos e enfatizados, enquanto outros significados e práticas são negligenciados e excluídos. (WILLIAMS, 2011a, p. 54, grifo nosso)

Administrada pela Subprefeitura da Sé e parte do primeiro anel de expansão urbana de São Paulo, que começou a se desenvolver em 1860, o Bexiga foi loteado entre o fim de 1870 e 1890, com base nos caminhos utilizados pelos moradores da Cidade e nos limites espaciais delimitados pelos rios Saracura (hoje correndo sob a rua Cardeal Leme) e Bexiga (hoje sob a rua Maria Paula). A denominação Bela Vista ainda não existia.

O Bairro tem origem espacial no Sítio do Capão, cujo registro é de 1559, quando pertencia a um português chamado Antônio Pinto. Nessa época, e até meados do século XIX, o local era de mata cerrada. Esse espaço foi chamado posteriormente de Chácara da Samambaia e Chácara do Bexiga, pertencendo a outros proprietários, como Antonio Soares Calheiros e Abreu

⁶ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População no Censo 1950. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/?view=detalhes&id=767>. Acesso em: 17/09/2020.

(a partir de 1794) – o Antonio "Bexiga", que também foi dono de uma hospedaria na região (SANT'ANNA, 1937, apud SCHNECK, 2010). O mapa a seguir mostra esse pedaço em 1881.

Figura 1 - Bexiga antes do loteamento

Detalhe de planta da Cidade de São Paulo feita pela Companhia Cantareira e Esgotos em 1881 mostrando a região do Bexiga antes de seu loteamento. Escala: 1:100. Fonte: Sempla.

No mapa, é possível ver o entorno da Sé concentrando o espaço edificado, sete anos antes da abolição da escravidão. Nele, pode-se observar ainda os três rios que atravessam a região – Saracura, Bexiga e Anhangabaú –, bem como as ruas Santo Antônio e Santo Amaro.

A população afro-brasileira que vivia ali precedeu a chegada das levas de imigrantes europeus no fim do século XIX. Wissenbach aponta a região como “área de ocupação antiga e historicamente demarcada pela existência de redutos de escravos fugidos, forros e africanos livres da época do Império, nos inícios do século” (1998, p. 115-117).

O trabalho reproduz aqui citação de um livro de quase um século atrás que, para além de evidenciar a presença negra na região, evidencia também a dimensão do racismo à época, falando sobre como era São Paulo em 1870. "No campo do Bexiga, que abrangia todo o espaço entre as ruas da Consolação e Santo Amaro, hoje cortado de ruas e coberto de casaria, caçavam-se perdizes, veados e até escravos fugidos" (FREITAS, 1921, p. 11).

Castro (2008, p. 54), ao demonstrar a origem afro-italiana do Bairro em sua pesquisa, destaca a configuração da Cidade na virada do século XIX:

Quem passa hoje pela praça da Bandeira, soterrada pelo concreto e pelos automóveis que circulam na azáfama do vai e vem da avenida Nove de Julho, no coração de São Paulo, não pode imaginar que há pouco mais de dois séculos o lugar era conhecido como o largo dos Piques. Ali, em torno de um chafariz, reuniam-se tropeiros extenuados das viagens pelo sertão, comercializavam-se escravos, dos quais muitos voltavam ali depois de vendidos para buscar água para as habitações onde trabalhavam, e consolidava-se um minúsculo núcleo urbano, que tinha por referência uma pequena pousada conhecida por muitos como Hospedaria do Bexiga.

Diante da escassez de dados acerca da presença africana no Bairro, Schneck (2016) levanta a questão do apagamento histórico da memória da população negra ali, localizando-o dentro de um projeto de embranquecimento da Cidade que relega ora à invisibilidade, ora ao estigma reforçado pela imprensa da época:

Embora liderada pela comunidade italiana, a composição étnica do bairro envolveu um número significativo de portugueses, espanhóis, sírios e libaneses, mas também, e principalmente, brasileiros brancos e negros. No caso destes últimos, são quase inexistentes as referências historiográficas tradicionais acerca da sua presença no bairro. Tal situação leva a pensar sobre o êxito, mesmo que parcial, do ideário europeizante e branqueador desenvolvido ao longo do século XX, cujo legado predominante parece ser a “invisibilidade”. A confirmação dessa assertiva é dada pela imprensa da época, onde as referências raciais quase sempre associam a cor dos sujeitos a comportamentos desviantes (traição, embriaguez e agressões), quando não como agente causador, como vítima. (SCHNECK, 2016, p. 29, grifo nosso)

É importante situar que a população negra da época não vivia apenas no Bexiga, mas em todo o centro antigo da Cidade. Nascimento (2016) destaca outro projeto urbano de caráter racista em São Paulo: o de expulsão dessa população, inicialmente, desse miolo. Parte migrou para o Bexiga, onde já havia o "núcleo negro do Saracura". A autora explica:

Mesmo após a Abolição da Escravatura, o Bexiga consolidou-se como um importante território negro da zona central da cidade, tendo em vista o considerável número de afro-brasileiros que se deslocou para o referido bairro. Ou seja, mesmo após a abolição da escravatura os negros ainda fizeram presente no cenário do bairro. Dentre os motivos desse deslocamento da população negra para a região podemos destacar a “limpeza” do Centro Velho e o já existente núcleo negro do Saracura. Após a Abolição, a cidade de São Paulo passou por uma intensa redefinição territorial/racial. Essa reestruturação tinha o intuito de adaptar a cidade senhorial-escravista aos padrões da cidade capitalista. (...) Era um projeto encabeçado pelo poder público e pela elite paulistana que queria redefinir a espacialidade urbana aos moldes de grandes cidades européias, e fez com que os negros se deslocassem para as regiões mais periféricas da cidade. Sendo assim, alguns descendentes de escravizados deslocaram-se para o Saracura uma vez que este apresentava uma proximidade em relação às regiões valorizadas da cidade, como Av. Paulista, Consolação, Brigadeiro Luis Antônio e arredores, que demandavam mão de obra braçal, principalmente nas mansões

dos barões do café: concomitante à exclusão geográfica da população negra, houve a exclusão racial do trabalho, restando aos negros os trabalhos mais penosos e mal remunerados. Desse modo, no início do século XX, apesar da abolição da escravidão, a condição dos afro-brasileiros não era muito diferente daquela vivida pelos seus ancestrais africanos escravizados no Brasil. (NASCIMENTO, 2016, p. 6-7, grifos nossos)

No fim do século XIX, à época do loteamento, um novo contingente de afro-brasileiros alforriados da condição de escravizados veio do interior paulista para viver no Bairro, a fim de ficar próximo a parentes e conhecidos que já habitavam ali, bem como de possíveis ofertas de trabalho. Embora houvesse políticas contínuas de apagamento, suas presenças podem ser notadas em partes do Distrito, como ressaltam Nascimento (2016) e Castro (2008).

Além dos calabreses, ceringolanos e negros, outros grupos étnicos ocuparam as ruas e vias do Bexiga. Os portugueses, por exemplo, chegaram a fundar um clube chamado Lusitana. Uma herança clara das vinte famílias, que no início da história do bairro, formaram uma vila, onde se localiza atualmente a Rui Barbosa, conhecida à época como Vila dos Portugueses. Mas, sem dúvida, depois dos calabreses, o grande contingente numérico será o de negros, que ocuparão majoritariamente aquilo que será conhecido por muitos anos como o quadrilátero negro ou da Saracura, formado pelas ruas Rocha, Almirante Marques Leão e Una. Exatamente os logradouros que determinam espacialmente, ainda hoje, os ensaios da escola de samba Vai-Vai, localizada na rua Cardeal Leme, bem no coração desse território, que tem como base do quadrado a avenida Nove de Julho. (CASTRO, 2008, p. 62, grifo nosso)

Para entender a ocupação da região é importante também situar as barreiras físicas que existiam à época de sua formação enquanto distrito, e entender como as populações que ali habitavam se acomodavam diante dessa configuração do solo. Explica Schneck (2010):

A ocupação da área abrangida pelo bairro do Bexiga foi condicionada por alguns aspectos geográficos determinantes: a topografia irregular e de difícil acesso e a proximidade dos rios Anhangabaú, Saracura e Bexiga, onde as baixadas, próximas aos cursos d'água e sujeitas a constantes cheias e inundações na época das chuvas, foram marcadas por más condições de salubridade e pela dificuldade natural de acesso a outras regiões da cidade. Esses fatores, de certa maneira, determinaram o direcionamento do empreendimento a uma parcela da população de baixo poder aquisitivo e com poucas chances de escolha. Nesse sentido é que o imigrante italiano de poucas posses mostrou-se como o sujeito ideal para ocupar o loteamento, seja construindo, seja vivendo nas casas ali construídas. Não apenas italianos ali se encontraram. Também os negros e mulatos egressos da escravidão, sem inserção no mercado formal de trabalho, viveram no bairro, principalmente na região do Saracura, nas proximidades da rua da Saracura Grande – ocupada atualmente pelo leito da avenida Nove de Julho (altura aproximada das atuais ruas Almirante Marques Leão, Una e Rocha, e da praça 14 Bis). Essa foi uma das áreas mais prejudicadas, tanto pelas condições topográficas como pela ausência de infra-estrutura urbana, que só chegaria ali

anos mais tarde, a partir do prolongamento da rua Conselheiro Carrão e da abertura das vias apontadas acima. (SCHNECK, 2010, p. 136-137, grifos nossos)

Gonçalves (2014) também fala sobre esse pedaço mais baixo do Bairro, menos valorizado na virada do século XX em virtude de ser uma área de várzea, afirmando que o loteamento influenciou as posições ocupadas pelos sujeitos que ali viviam.

A comunidade quilombola urbana que viveu nos baixios do Saracura resistiu naquela área até o momento em que a Chácara do Bexiga tornou-se efetivamente área de expansão da mancha urbana de São Paulo. O loteamento da chácara ocorreu no final do século XIX, a partir de 1878, e teve um impacto definitivo na população negra residente. As características do terreno determinaram que algumas porções do loteamento fossem destinadas à população de mais alta renda (nas vertentes que vinham do Triângulo Histórico e naquelas que iam em sentido do espigão da futura avenida Paulista), tendo como consequência a determinação de áreas destinadas às populações de baixa renda, na área de várzea do ribeirão Saracura. A população negra, marginalizada, ficou, portanto, concentrada na região dos brejos e alagadiços da planície de inundação do córrego. (GONÇALVES, 2014, p. 79-80, grifos nossos)

A partir dos autores, é possível portanto dizer que italianos e afro-brasileiros constituíram a maioria do contingente que ocupava a região entre a avenida Paulista e o vale do Anhangabaú nas primeiras décadas em que a Cidade se desenhava como um núcleo urbano. A população autodeclarada negra⁷ do Distrito Bela Vista hoje é de 21.65%, número maior que de distritos vizinhos como Santa Cecília (19.75%) e Liberdade (17.86%), mas menor do que a média da cidade (32.1%), onde há concentração de pretos e pardos nas bordas do mapa, em distritos como Grajaú, Jardim Ângela, Parelheiros, Lajeado, Cidade Tiradentes, Itaim Paulista, Jardim Helena, Capão Redondo, Pedreira e Guaianases. A Bela Vista tem 69.460 habitantes e a densidade demográfica mais alta da cidade, com 26.715 habitantes por km²⁸.

Castro (2008) frisa que entender a dimensão política das marcas africanas no Bairro – e não apenas de entretenimento ou de lazer, relegando-as a um aspecto folclórico – é fundamental para compreender como esse espaço se constituiu:

(...) ao não vislumbrarmos uma prática política e ideológica, desde sempre consciente, no maracatu pernambucano, no jongo do Vale do Paraíba ou nas reuniões de sambistas do antigo Bexiga, encarando-as apenas como diversão, deixamos de apreendê-las como um movimento de resistência e sobrevivência diante de quatro séculos de opressão. (CASTRO, 2008, p. 32, grifo nosso)

⁷ REDE NOSSA SÃO PAULO. Mapa da Desigualdade 2017. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/mapa-da-desigualdade-2017.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

⁸ Dados do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Entre exemplos dessas marcas está a atuação da Escola de Samba Vai-Vai. Fundada em 1930, a Agremiação organiza festejos e ensaios para o desfile de carnaval nas ruas do Bexiga, ocupando-as regularmente com uma manifestação cultural e política afro-brasileira. A seguir, as baianas da Agremiação em ensaio-cortejo da Escola, em ano cujo tema do desfile foi a ialorixá (liderança religiosa no Candomblé) baiana Mãe Menininha do Gantois (1894-1986).

Figura 2 - Baianas da Escola de Samba Vai-Vai

Baianas da Escola de Samba Vai-Vai ensaiam para o carnaval percorrendo o Bairro, registradas na rua Cardeal Leme, em janeiro de 2017. Crédito: Adriana Casarotto Terra

É interessante situar que a região era considerada "periférica" até 1877 – como falam Schneck (2010, p. 11) e Nascimento (2016, p. 6-7) –, um ano antes do lançamento da pedra fundamental que marca a fundação do Distrito. A partir daí, com o começo do loteamento e a previsão de implantação dos serviços de água e esgotos, era moradia de camadas de população de média e baixa renda com ocupações diversas: haviam comerciantes e agentes comerciais (corretores, representantes), profissionais da construção civil, da educação, das artes, da

comunicação, marceneiros, profissionais da saúde, de assessoria jurídica e contábil, costureiras e alfaiates, profissionais de transporte e serviços estéticos (SCHNECK, 2010, p. 429-431).

Para ilustrar a passagem do Distrito de uma região "periférica" a central, é possível comparar os mapas a seguir, que mostram a mancha de expansão da urbanização.

Figura 3 - Difusão da urbanização em São Paulo

Área urbanizada em 1872 (à esquerda) e na virada do século XIX para XX (à direita). Fonte: Mapa da Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo. 2002/2003. Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano (Emplasa) (adaptação Sempla/Dipro). Escala: 1:100.000.

Apesar de o Bexiga ter uma ocupação diferente de bairros vizinhos voltados a camadas socioeconômicas mais altas, como Campos Elíseos e Higienópolis, e de bairros de imigrantes com características operárias, como Brás e Mooca, sua composição era heterogênea e suas construções serviram a atores sociais diversos, cada um "atuando de acordo com suas posses" (SCHNECK, 2010, p. 271). Essa leitura é importante na desmistificação do Bairro como essencialmente popular, homogêneo e sem segmentação social.

No início do século XX, os agentes imobiliários já dispunham do controle sobre as terras loteáveis de São Paulo, de modo que agiram por ali de maneiras variadas em prol de seus benefícios à época, com construções atendendo a interesses múltiplos, o que faz do Bexiga um local significativo da transformação urbana capitalista, da valorização e consequente exploração do solo na Cidade de São Paulo, como coloca Schneck:

Enquanto os novos loteamentos envolviam regiões esparsas pela cidade e distantes do Centro, extensas áreas intermediárias eram preservadas em prol da especulação. Nesse contexto de demanda por moradias é que as possibilidades de uso do solo urbano nas áreas mais próximas do Centro foram exploradas exaustivamente, envolvendo todas as possibilidades habitacionais que permitissem a presença de um maior número de pessoas: casas de cômodos, pensões e cortiços. (SCHNECK, 2010, p. 206, grifo nosso)

Uma conversa com um morador do Bexiga desde a sua adolescência, o produtor audiovisual Paulo, de 75 anos, nascido no Maranhão, branco, filho de mãe maranhense e de pai italiano, mencionou a existência de casas servindo a interesses distintos, como será abordado na terceira seção deste trabalho. Residente na rua Santo Antônio, Roberto já viveu em outros endereços no Bairro. A entrevista foi feita em julho de 2019 no local de trabalho do produtor, no Morro dos Ingleses, em uma tarde de dia de semana. Segue trecho dela:

O Bexiga sempre foi um bairro de cortiços. O cortiço mudou com o tempo, porque antes principalmente o imigrante italiano ia construindo as casas conforme a família ia crescendo, e as casas são todas grudadas e não tinham garagem, mesmo as casas boas. E as casas, todas elas, tinham porão. Porque como é pra baixo, eles usavam o assoalho e embaixo pra poder arejar, e aí eles alugavam os porões.

Apesar de o morador destacar a presença de cortiços no Bairro, é importante aqui fazer uma ressalva para a não-homogeneidade da região – seja de populações, culturas, ou seja de formas de moradia –, como defendido por Schneck (2019):

A representação do Bexiga como um bairro italiano ocupado pelas camadas mais pobres da população é resultado de uma narrativa construída ao longo do século XX e, como tal, sujeita a distorções. Se pretendemos nos aproximar mais efetivamente do objeto de estudo – o cenário e os atores correspondentes –, é necessário repensar as bases materiais e sociais sobre as quais esses agentes atuaram. Trata-se de um bairro que, em suas origens, foi prioritariamente ocupado pelas camadas médias e baixas da população, oriundas de contextos étnicos e culturais diversos. Mas não somente, pois ainda que em número reduzido, ali também encontramos chefes de família cujas especializações profissionais indicam o pertencimento às camadas altas da sociedade paulistana, tais como médicos, advogados, negociantes bem-sucedidos etc. (SCHNECK, 2019, p. 28, grifos nossos)

Segundo Gonçalves (2014, p. 81):

(...) nos edifícios assobradados resultantes de tal distribuição fundiária, os porões eram, em certo sentido, habitáveis. Na maioria dos casos, construir no bairro e alugar quartos ou mesmo casas inteiras era bastante acessível, dadas as condições naturais do terreno.

Rolnik (2007, p. 107), por sua vez, explica que era nesses porões do velho centro de São Paulo, e em cortiços, que residia em sua maioria a população negra da época.

Em mais uma entrevista de campo foi ouvido o comerciante Bruno, de 72 anos, paulista, branco, descendente de italianos cujos avós se instalaram no Bairro no início do século XX em um sobrado que, na época da conversa, abrigava o café que administrava – onde não mais vivia, sendo a outra parte da casa alugada. A conversa se deu em uma tarde de dia da semana em março de 2019, em frente ao seu estabelecimento. Bruno, logo no início, buscou contextualizar a história que conhecia do Bairro. Frisou a existência do quilombo, a chegada dos italianos e o envolvimento destes com o comércio, situou a experiência de seus antepassados ali e destacou que a vida no Bexiga sempre foi difícil e com precariedade de habitação:

O Bairro tem um antecedente que eu acho que comentei com você: a questão do quilombo foi na verdade a formação do Bairro, através dos negros, que saíam do Vale do Anhangabaú e formaram um quilombo, que é o quilombo da Saracura. Com o passar do tempo houve a abolição da escravidão e os negros ficaram ao léu. Começou a ser substituída a mão de obra escrava pela mão de obra europeia. Então o Bairro começou a ter a vinda de outra cultura que foi a italiana – não que eles vieram pra ir pra lavoura, mas pra vir pro comércio, estabelecer serviços. E foram formando essa comunidade e de uma maneira ou de outra como se fosse um Bairro de origem italiana. Minha vó veio pra cá nos idos de 1890, 1890 e pouco. Eles vieram até com um certo poder aquisitivo que eles venderam uma propriedade na Sicília por conta de uma perseguição familiar que teve lá. Ela com os irmãos vieram pra cá, ela estabeleceu aqui, um irmão dela lá na rua Rui Barbosa, e os outros para outros lados. E ela quem construiu essa casa, de 1923 pra frente, e montou um armazém de secos e molhados, e foi aí que ela começou a ter a vida aqui no Bairro. O Bairro, a consistência dele, sempre foi de classe média pobre, quem era rico era quem morava na rua dos Ingleses e dos Franceses, ali era um lugar especial em termos de habitação. Aqui, não. Tinha precariedade de habitação, muitos cortiços – que eram diferentes do que se chama hoje de pensão, cada cômodo era de uma família. Era uma vida difícil. (grifo nosso)

Quando Bruno fala sobre a condição socioeconômica dos moradores, ele atenta para as divisões: "aqui", nas cercanias da rua 13 de Maio com a rua Conselheiro Carrão, não seria uma área rica, diferente do Morro dos Ingleses, que já é outro Bairro, mas muitas vezes considerado como parte do Bexiga. Essas separações do Bairro em pedaços, altos e baixos, os primeiros mais próximos da avenida Paulista e as baixadas da várzea do rio Saracura, como levantado por Castro (2008), Schneck (2010) e Gonçalves (2014), constituem um aspecto relevante no reconhecimento socioespacial e na construção de imaginários referentes a esse local. Ainda que não houvesse uma homogeneidade populacional em nenhuma dessas áreas, e que mesmo partes identificadas como mais ricas – e pensadas para tal – não tenham conseguido ser exclusivamente

das elites, há padrões que podem ser concluídos a partir da historiografia e de depoimentos. No alto é que ficavam as populações com mais dinheiro e as melhores casas, distante das cheias dos rios em dias de chuva. Nas baixadas, as populações mais pobres.

Em mais uma das entrevistas de campo, percebe-se que o depoimento de Marco Antônio, analista de sistemas e músico de 56 anos que integrou um grupo de *rap* pioneiro no fim dos anos 1980, perpassa também essas distinções e reforça a ideia de um Bairro múltiplo e com posições socioeconômicas variadas. Paulista, negro, nascido na avenida Brigadeiro Luís Antônio e tendo vivido infância, adolescência e início da vida adulta no Bairro, ele hoje mora em na Zona Leste da Cidade, para onde se mudou após comprar um imóvel. A entrevista com ele foi realizada em Itaquera, em abril de 2019. Abaixo, um trecho de seu depoimento:

É um Bairro com várias classes sociais. Os italianos tinham uma posição financeira melhor, mas eram da quebrada ali. Eu tinha uma visão romântica, mas eu prefiro ficar com ela, de que todo mundo era amigo. Não quero mudar, não. Ali na 13 de Maio tinha um clube dos italianos, passando a rua Luís Barreto do lado direito. Tinha esse clube, mas a negrada invadia ali, discutia futebol, comendo feijoada, fazendo churrasco. Claro, eles mantinham aquilo e não tinha como xingar, mas para nós ali era um lugar nosso, não era dos italianos, era o lugar em que a gente se encontrava. É uma visão ingênua, não deixa de ser. (...) Acho que [o mais representativo era] a negrada e a italianada junto. Acho isso bem louco. E futebol, samba. Outro dia a gente tava lembrando as histórias do [cordão carnavalesco] Fio de Ouro na rede social, só a velharada, eu morava em uma vila chamada Zamataro e me lembro uma vez em que o pessoal do Fio de Ouro foi arrumar os instrumentos lá – antes era tudo [pele] de couro, e quando rasgava eles descartavam. Então a gente pegava, deixava de molho na água pra amolecer e prendia, deixava secar e saía tocando pela vila. E a gente ficava só ali esperando eles arrumarem os instrumentos pra gente ir lá pegar as sobras (...) Foi o primeiro contato que eu tive com instrumento de percussão. Ali foi a primeira escola de samba que a gente começou a enxergar. E parece que tinha uma rixa entre o Fio de Ouro e o Vai-Vai, isso eu ouço falar. E minha mãe me levava na [rua] Rui Barbosa pra ver o Vai-Vai passar, e a gente não ia embora enquanto não visse o rei e a rainha, tinha esse negócio antigamente. E essa é a lembrança que eu tenho mais forte da Bela Vista, do Vai-Vai: futebol, samba, som, italianada, negrada, macarrão, pizza. (grifo nosso)

O depoimento de Marco aciona questões importantes que serão desenvolvidas ao longo das terceira e quarta seções do trabalho: as negociações e relações construídas nesse espaço, os momentos de sociabilidade e comunhão, a noção afetiva e o carinho ao se referir ao local de origem, a ideia de centro como um espaço privilegiado em relação ao acesso à informação e à cultura, a noção sobre quem detinha as propriedades e os patrimônios físicos.

A ideia de uma tradição seletiva que conferiu maior visibilidade a uma cultura em detrimento de outras encontra então uma lógica cotidiana, visível para quem circula por ali, em

que essa noção do Bexiga italiano não se sustenta como homogênea: você tem outras culturas que fazem parte daquele espaço, como falaram os autores aqui citados e os moradores ouvidos, e cabe ver como a existência delas por vezes é pactuada dentro dessa tradição dominante, desse poderio econômico. Sobre essa administração, vai dizer Williams que ela é parte da operação complexa de produção de sentido na nossa sociedade – "é por isso que a hegemonia não pode ser entendida no plano da mera opinião ou manipulação" (2011, p. 53). Diz o autor:

O processo está continuamente ativo e adaptando-se; não se trata apenas do passado, de embalagens vazias de uma ideologia que pode ser facilmente descartada. O processo só pode funcionar, em uma sociedade complexa, se for algo mais substancial e flexível do que qualquer ideologia abstrata imposta. (WILLIAMS, 2011, p. 54-55)

A tradição seletiva (WILLIAMS, 2001a) tem a capacidade de seguir operando, desse modo, negociando as diferenças locais, mas sem romper com as hierarquias. A seguir, será abordado como essas diferenças aparecem na própria forma de se referir ao Bairro.

2.3. Bexiga, Bela Vista, Bixiga, BV, Saracura

Para o carnaval de 2019, uma das camisetas da Escola de Samba Vai-Vai trazia escrito, na altura do ombro, de um lado "Bela Vista" e, do outro, "Bixiga". A utilização das duas denominações para se referir ao local em que ela está situada também é recorrente em sambas da Agremiação, como se pode ver, por exemplo, em dois trechos de sambas-enredos a seguir: "Axé, eu sou a negra alma do Bixiga / Herança que marcou a minha vida / Tem que respeitar minha raiz"⁹ (CASANOSSA et al, 2019); "Poeta, a sua obra imortaliza / O amanhecer da Bela Vista / Sempre mais... / E foram tantos carnavais"¹⁰ (ALMEIDA et al, 2005).

O nome Bexiga surgiu antes do nome Bela Vista. Há três versões mais notórias para ele: uma conta que este seria o apelido do proprietário do terreno, a partir de 1794, onde hoje fica o Bairro, também dono de uma hospedaria que recebia tropeiros no largo dos Piques, atual praça da Bandeira. Chamado Antonio Soares Calheiros, ele tinha marcas provenientes da varíola em seu rosto, sendo conhecido como Antonio Bexiga. Essa é a versão mais referenciada por

⁹ CASANOSSA, M.; CIRILLO, E.; DEMA, KZ.; RICARDO, A.; MINUETTO, Rodrigo; MINUETTO, Rodolfo. Quilombo do Futuro. 2019. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/carlos-junior/quilombo-do-futuro>. Acesso em: 4 out. 2020.

¹⁰ ALMEIDA, V.; ALVES, D.; ESTEVAM; FRÁ; JAPOLE; MARQUITO; MINEIRO; RÉGIS. Eu Também Sou Imortal. 2005. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/sambas/1193294>. Acesso em: 4 out. 2020.

pesquisadores. Após a propriedade ser de posse de Calheiros, consta na próxima aquisição do terreno o nome de Antonio José Leite Braga, em 1978, quando o espaço começa a ser loteado (SANT'ANNA, 1937; apud SCHNECK, 2010).

Outra narrativa diz respeito também à varíola, contando que portadores da doença iam ao Bairro para se curar quando acometidos pela enfermidade, marcada pela presença de "bolsas" no corpo que a faziam ser conhecida como bexiga, apontando o mito da água milagrosa do rio Saracura. Aos que contam esta versão, depoimentos colhidos mostram que há variações sobre quem seriam os portadores da doença – se seriam os africanos ou os italianos. E uma terceira teoria diz ainda que o Bairro teria esse nome devido a presença, na rua Santo Amaro, de um matadouro onde eram vendidas bexigas de bois e de porcos.

A mudança para Bela Vista se deu em 1910 e tem a ver com a especulação imobiliária. Havia a intenção dos responsáveis pela venda dos terrenos da região, após seu loteamento, de desvincular o local de referências entendidas como pejorativas que o nome Bexiga traria. Houve um abaixo assinado, em 1883, pedindo a alteração ao poder municipal, referendado por pessoas com interesses na comercialização dos terrenos do loteamento. Na Lei publicada no Diário Oficial no dia 26 de dezembro daquele ano, 1910¹¹, oficializando o novo nome, estipulou-se também as divisas dele enquanto distrito, e não mais bairro:

Artigo 2.º - As divisas do novo districto são as seguintes: Começam no largo do Riachuelo, sóbem pela rua Santo Antonio, tomam á esquerda pelo aterrado da rua Martinho Prado, dahi na direcção da rua Frei Caneca, por esta em toda a sua extensão e pela linha do seu prolongamento até ao rio Pinheiros, tomam á esquerda, dividindo com o districto de paz de Butantan, seguem o curso do mesmo rio Pinheiros, até encontrar as divisas de Villa Marianna, por estas, até encontrar as da Liberdade e por estas, finalmente, até ao ponto inicial. (SÃO PAULO, 1910)

Quatorze anos depois da oficialização do novo nome, o mapa a seguir traz tanto a presença de Bela Vista (com dois Ls) quanto de Bexiga: o primeiro indicando distrito (fonte toda em caixa alta) e, o segundo, bairro (fonte em caixa alta e baixa). O segundo nome está em cima da área que corresponde a parte mais baixa do Distrito, próxima ao vale do Anhangabaú, indicando uma região que permaneceu, de fato, conhecida como Bexiga até os dias atuais, ainda que não seja oficializada.

¹¹SÃO PAULO (Estado). Lei nº 1242 de 26 de dezembro de 1910. Cria o Distrito da Bela Vista. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, São Paulo, 26 dez. 1910. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1910/lei-1242-26.12.1910.html>. Acesso em: 14 set. 2020.

Figura 4 - Coexistência de Bexiga e Bela Vista no mapa

Detalhe de planta de 1924 de São Paulo. Fonte: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. Instituto Geográfico e Cartográfico - IGC. Acervo - Tombo: 1162. Escala: 1:30.000.

Esse conhecimento, essa fama, não ocorre apenas em razão de uma lembrança do passado que se perpetua inconscientemente. Passadas quase seis décadas da criação do nome Bela Vista, os anos 1970 foram cenário de um movimento de retorno, ou ao menos de ampla divulgação do nome Bexiga, para indicar esse pedaço que originou o Distrito – e grafado com "i" no lugar do "e", que seria uma forma "mais italiana" de se falar a palavra. Na pesquisa de campo, conta o comerciante Bruno (2019), 72 anos, descendente de italianos cujos avós se instalaram no Bexiga no início do século XX, ao ser entrevistado em frente a seu comércio no Bairro – seu tom é meramente narrativo: "Bixiga ficou porque o Armandinho [Puglisi, fundador do Museu de Memória do Bexiga, falecido em 1994] dizia que o italiano falava assim".

Segundo Scarlato (1989), a denominação era do interesse dos descendentes de italianos que constituíram comércios ligados à cultura do País europeu, por remeter a esse passado, ajudando na publicização de seus espaços. Uma tentativa dessa população no Bairro, ou de parte dela, de resgatar uma identidade que teria se perdido. No fim da década de 1980, o autor disse:

O Bexiga é hoje um espaço que se vende através da mídia e de pessoas que o frequentam, envolvidos pela sua “magia”. (...) No contexto da produção ideológica, reforça-se o sentido de italianidade do bairro, como se esta ainda guardasse a mesma força da época de sua formação, como que esta italianidade pudesse ser resgatada como nos velhos tempos, “embalada” e vendida para seus consumidores. (SCARLATO, 1989, p. 1, grifo nosso)

Em conversas realizadas com moradores para esta pesquisa, foi possível notar como a denominação é vista de formas diferentes, embora haja um acordo sobre o fato de Bexiga indicar uma área mais específica do que Bela Vista, que representa tanto todo o Distrito oficializado em Lei, bem como a parte mais alta do terreno (região logo abaixo da avenida Paulista) enquanto um bairro, sendo assim útil para se referir a este pedaço dele.

Segue a seguir trecho de entrevista realizada por e-mail com Cristina, 55 anos, gerente comercial, paulista, amarela, na pesquisa de campo. Sua família hoje não vive mais ali, mas trabalha no local, onde tem uma cantina, e frequenta o Bairro.

- *Como você se refere ao Bairro: Bexiga ou Bela Vista? E por que?*
- O trecho onde trabalho é Bixiga (e não Bexiga). Bela Vista é o Distrito que contém essa localidade, que é descrita como “estado de espírito” – Bixiga, mas que tem alguns contornos delineados.

A expressão "estado de espírito" é oriunda de citação de Armandinho Puglisi¹² (1931-1994), fundador do Museu Memória do Bixiga – "Bixiga é um estado de espírito", hoje uma frase reproduzida em cartazes tipo lambe-lambe colados pelo Bairro – e conecta-se, de certa forma, com a magia referida por Scarlato.

Hall (2003, p. 173) diz que os meios pelos quais se dá o registro material da ideologia são a linguagem e o comportamento, rituais e práticas que "sempre ocorrem em locais sociais, associados a aparelhos sociais. É por isso que devemos analisar ou desconstruir a linguagem e o comportamento para decifrar os padrões de pensamento ideológicos ali inscritos". Em razão de características como as mencionadas (estado de espírito, magia), Scarlato classificou o Bexiga como um lugar "em transe" (1989, p. 119), onde o imaginário por vezes se descola da realidade, e que faz "emergir as contradições entre o estado e sociedade, o individual e o coletivo, o velho e o novo" (SCARLATO, 1989, p. 16).

Em uma entrevista realizada em março de 2019 na pesquisa de campo, o comerciante Bruno, previamente apresentado, disse não se importar com a grafia do "i" no nome do Bairro – e explicou o motivo, como mostra o depoimento a seguir:

Primeiro, assim: o Bexiga foi um apelido que foi dado por conta de uma história que não é bem definida, né, são hipóteses. E aí ficou. Naquele época era uma denominação um pouco pejorativa. Esse pessoal que tem essa referência do

¹² Em entrevista à Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, Maria Puglisi, filha de Armandinho, diz: "O meu pai costumava falar – e é muito verdade isso – que o Bixiga é um estado de espírito". PUGLISI, M. P.. Memória Popular Armandinho do Bixiga. Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, n. 38, São Paulo, 1995. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/72029>. Acesso em: 9 out. 2020.

Bexiga falava Bexiga. Tanto que de Bexiga passou a ser Bixiga que é uma escrita errada. Outro dia passou um rapaz aqui que comentou sobre o título do [livro de Márcio Sampaio de Castro] "Bexiga, um Bairro Afro-Italiano" (exposto no balcão de seu comércio e elogiado por ele durante a conversa). Mas tá certo.

Bruno continua, acerca dos limites do que seria o Bexiga:

Muita gente vem e fala: aqui é o Bexiga? Eu digo: Bexiga não é um bairro definido. O que eu posso dizer é: lá naquela região da [avenida] Paulista é Bela Vista. Lá pra baixo (apontando para o outro lado da rua Rui Barbosa) não é totalmente Bexiga, aqui (rua 13 de Maio na altura do número 500) é Bexiga. Ali na [rua] Santa Madalena também não é Bexiga, é Bela Vista. Na [avenida] Nove de Julho atravessando a Vai-Vai é Bela Vista. Então nem tudo que é Bela Vista é Bexiga, como apelido. Uma vez teve lá uma vereadora que quis fazer média com o bairro, então queria colocar uma lei municipal que determinasse a área do Bexiga. Não pega.

É interessante notar que Bruno consegue delinear em sua fala o que seria o Bexiga em um mapeamento de alguém que pertence, alguém de dentro, mas não vê a necessidade de se oficializar um perímetro para o Bairro – mesmo porque os bairros em geral não têm, de fato, contornos tão definidos, como será falado mais adiante. Segundo ele, isso seria uma medida "para quem vem de fora", útil para a figura do turista, artificial. É notável também como o comerciante diz não supervalorizar sua origem italiana, ao contrário do que pessoas de seu entorno parecem esperar dele, bem como não se identificar com as características pelas quais o morador do Bairro era famoso na época de sua juventude, nos anos 1960 e 1970 – ou seja, haviam características que constituíam uma identidade notória ao lugar. No trecho do depoimento a seguir (2019), o comerciante diz ainda que Bexiga não seria um bairro. De certa forma surge, novamente, a ideia do "estado de espírito":

Assim, o pessoal falava bexiguento. A gente (ele e sua irmã) não se considerava bexiguento, porque como o Armandinho [Puglisi] fala, Bexiga não é um bairro, não existe bairro do Bexiga, existe uma denominação genérica e imaginária, mas é um estado de espírito. Então o cara que era bexiguento ele tinha lá suas características pelas quais a gente não se interessava, tipo jogos, bares. Essas eram coisas que não me atraíam. A gente participava muito da Festa da Achiropita, das festas religiosas. Depois, na adolescência eu fiquei mais retirado e quando casei fui morar na Zona Leste, onde encontrava maiores referências, porque por incrível que pareça eu sou descendente de italianos mas tenho maior afinidade com a cultura nordestina, sempre tive. E não valorizo essa coisa do italiano, sempre foi muito positivo, mas não é uma coisa tipo "meus avós italianos, tenho orgulho". Não tenho essa coisa de orgulho de ser italiano. Esses dias eu passei e alguém falou qualquer coisa de *carcamano*, não sei se ele se referiu a mim porque eu estava falando com um senhor antiquíssimo, mas de qualquer maneira a mim pouco importa porque não sou desse tipo de pessoa que pensa – até rebato – "ah, descendente de italiano, o senhor é muito respeitado". Fui visitar a Itália, mas não no sentido de querer ser valorizado por ser

descendente nem nada. Então não fui procurar cidadania, a mim não importa, vou pôr aqui no quadro que sou cidadão italiano? Sou cidadão brasileiro, do qual tenho bastante orgulho, porque o Brasil realmente é um país maravilhoso. (grifos nossos)

A passagem mostra como a questão da italianidade bradada, reforçada com um grande orgulho e esbarrando até mesmo em uma ideia de superioridade, postura que se conecta com os ideais eurocêntricos de São Paulo em sua urbanização, não agrada em nada ao comerciante. Scarlato (1989, p. 16) fala sobre como o Bexiga enquanto ideologia funciona tanto para um ideário romântico quanto para o interesse do capital. É uma consideração do fim da década de 1980 que, com a devida atenção às alterações físicas e demográficas pelas quais o Bairro passou de lá para cá, bem como às transformações culturais e políticas mais amplas da sociedade – e que afetam a identidade local –, ainda ajuda muito a pensar a região.

Para o produtor audiovisual Paulo, 73 anos, residente no Bexiga desde a adolescência, a abertura de avenidas que o "cortaram" ao longo do século XX funcionou como que quebrando a unidade do Bairro, fazendo com que ele se espraiasse por regiões que hoje não são mais consideradas Bexiga, mas que, unindo os retalhos "geográficos", costuram uma cultura comum a esses espaços. A entrevista foi realizada em seu local de trabalho, no Morro dos Ingleses. A seguir, trecho do depoimento do morador, colhido em 2019 (grifos nossos):

O Bexiga antes chegava até a Brigadeiro [Luís Antônio]. Quando abriram a [avenida] 23 de maio, ela ficou uma barreira, então ali é Liberdade. Mas a Vila Itororó ninguém fala que não é Bexiga. E ali tinha a primeira piscina de São Paulo. Tinha um clube que chamava Éden Liberdade que era um dos grandes rivais, porque o Bexiga sempre teve muitos clubes, principalmente de futebol e carteados. Essas rivalidades se acabaram porque a Liberdade ficou mais para lá, e para cá ficou Bexiga. O Bexiga foi se amoldando. Por exemplo, a chácara [do Bexiga] começava ali no [largo dos] Piques, na Ladeira da Memória. Ali era Bexiga, por isso não se pode falar que é um bairro ou distrito: é uma região. O [nome] Bela Vista mudou em 1910 por causa da especulação imobiliária, o pessoal achava que o nome Bexiga era pejorativo e aí sugeriram mudar. Mas às vezes o pessoal confunde, acha que Bexiga e Bela Vista são a mesma coisa. Não são. O Bexiga é maior em alguns lugares. A Bela Vista vai até a alameda Santos: ali não é Bexiga, o Masp (Museu de Arte de São Paulo) não é Bexiga. O Bexiga tem uma característica muito pessoal. Aqui é Morro dos Ingleses, que é um pedaço do Bexiga. Outro grupo que temos. Porque tem os ingleses, e você tem os judeus que ficavam ali na região do [Teatro] Oficina, principalmente egípcios.

Uma questão que aparece na fala do morador Paulo (2019), e que se conecta com depoimento do ex-morador Bruno (2019), é a subjetividade observada na definição do que seria ou não Bexiga. Como se o espaço do Bairro estivesse intrinsecamente conectado a uma série de

modos de vida, culturas, arquiteturas, populações, lembranças – e também com configurações físicas mais antigas. É importante ainda ver como o produtor audiovisual menciona no Bairro a presença não só de italianos e africanos (e seus descendentes), mas de outros grupos étnicos, como ingleses, judeus e egípcios.

Ainda acerca de seu depoimento, aparece a noção da Vila Itororó e do Morro dos Ingleses dentro do Bairro. Schneck (2019, p. 88) aponta que "desde os anos 1980, observa-se a tendência de ver o Morro dos Ingleses, assim como o Paraíso e parte da Liberdade (caso particular da Vila Itororó), como sendo parte do Bexiga, o que se deve à resignificação do lugar em função do potencial turístico". Nesse sentido, parece importante atentar aos modos como a identidade de um lugar, por mais ligação que tenha com ele – tanto nos casos do Morro dos Ingleses quanto da Vila Itororó, mencionados pelo morador Paulo, estamos falando de regiões bastante importantes para o Bexiga em sua origem –, ganha notoriedade e pode ser embalada, para usar expressão de Scarlato (1989), e entregue ao público por meio da imprensa, de iniciativas do poder público, do entretenimento e das artes de forma simplificadora, sem contradições, criando espécies de produtos geográficos para serem consumidos: seja por meio do lazer e do turismo, seja por meio da especulação imobiliária.

Em mais um depoimento colhido em campo, em fevereiro de 2019 foi entrevistada a moradora Águida, de 44 anos. Ela tinha, na época, um pequeno comércio na região do Saracura, onde também morava. Mineira, negra, veio para o Bexiga aos três anos de idade com a família, e viveu fora do Bairro por pouco tempo. Para ela, a denominação Bela Vista é mais abrangente, e é a que costuma usar. A entrevista com a comerciante foi realizada em sua casa:

Eu me refiro à aqui como Bela Vista, mas quando a gente está na [rua] 13 [de Maio], [rua] Rui Barbosa, eu falo Bexiga. O Bexiga por causa daquela coisa do italiano. Até a [rua Almirante] Marques Leão é Bela Vista, passou da 13 [de Maio], ali é Bexiga. Mas eu acho que é tudo Bela Vista, é uma tribo só.

A associação do nome Bexiga com a presença italiana aparece em sua fala. Mais da metade dos entrevistados indicou como representativo do Bexiga o cruzamento da rua Conselheiro Carrão com a rua 13 de Maio, onde a padaria de origem portuguesa, a igreja da Achiropita, os bares de samba, a barbearia roqueira e as cantinas se encontram. Não por acaso, é a área que está repetidamente na televisão, no cinema, nas novelas.

Na letra de "Respeito é Lei"¹³, do *rapper* paulistano Sabotage (1973-2003), a denominação Bela Vista é usada como referência geográfica da Escola de Samba Vai-Vai: "Ô, Zeca, quem dera! Tem samba toda sexta / Tem mais, você conhece o Vai-Vai, curte essa festa? / Carlinhos presidente, a Bela Vista vai tremer / Ensaia o ilê, o samba enrê, os manos aplaudem em pé" (SABOTAGE, 2015).

Ao conversar com um grupo de frequentadores da Escola de Samba em 2015, notou-se que alguns preferiam falar Bela Vista, repetindo a mesma associação do nome Bexiga ao imigrante italiano mencionada por Águida (2019) como justificativa, embora não houvesse uma opinião homogênea acerca do uso de um ou de outro nome – no entanto, a conversa, por si só, despertou uma discussão animada. Ali se ouviu também a denominação "BV", iniciais do nome do Distrito, presente em nomes de músicos, grupos de pagode e intervenções urbanas. A seguir, a alcunha grafada dentro de uma pintura da bandeira do Brasil em foto do chão da rua Major Diogo durante a Copa do Mundo de 2018.

Figura 5 - A denominação BV

Fotografia de pintura feita por ocasião da Copa do Mundo de 2018 no chão da rua Major Diogo, com as iniciais do Bairro dentro da bandeira brasileira. Crédito: Adriana Casarotto Terra.

¹³ SABOTAGE. Respeito É Lei. 2015. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/sabotage/respeito-e-lei.html>. Acesso em: 15 set. 2020.

Saracura é outro nome por vezes usado como sinônimo de Bexiga. Indica a região onde fica a Escola de Samba, área da várzea do rio de mesmo nome e núcleo negro (Nascimento, 2016, p. 6-7), espaço loteado mais tarde pela sujeição a alagamentos e pelo relevo acidentado (Schneck, 2010, p. 69), inicialmente morada de populações pobres (Gonçalves, 2014, p. 79-80), explicitando a junção de condição socioeconômica e raça na produção de desigualdades espaciais em São Paulo.

Ao mesmo tempo que essa divisão, ainda que sutil, é identificada, outros dois casos relevantes – para tomarmos como exemplo – mostram que ela não exclui a associação de grupos não-italianos ao nome Bexiga, o que pode indicar tanto uma forma de pertencimento quanto de demarcação de espaço na origem do Bairro. As hipóteses podem ser percebidas na já citada letra do samba-enredo de 2019 da Escola de Samba Vai-Vai ("Eu sou a negra alma do Bixiga")¹⁴ ou em depoimento audiovisual de Francisco de Oxum, babalorixá (liderança religiosa do Candomblé) baiano que vive há décadas na região: "Eu sou Bixiga"¹⁵.

De acordo com Schneck (2010, p. 71-72, grifo nosso):

Temos notícias de que, desde 1883, havia tentativas de alterar o nome do bairro, o que só ocorreu em 1910. Assim, a presença dos dois nomes parece indicar um fato, ao que parece, incontornável: a impossibilidade de apagar do imaginário popular o nome original pelo qual a região ficou conhecida.

Para a funcionária da indústria aposentada Solange, de 62 anos, paulista, negra, nascida, criada e residente no Bairro, tendo vivido em vários endereços ali, a nomenclatura Bexiga remete às origens da região, e para quem não se identifica com estas ou não as têm como referência, ela perde força. A entrevista com a moradora foi realizada em janeiro de 2020, em uma tarde de dia da semana, na sala de seu apartamento na rua Abolição. Disse ela, à época:

Bexiga é a tradição. Bexiga ficou por causa da negrada, caracterizado pela negrada e pela italianada. Pro jovem isso não existe. (...) Meu filho tem 15 anos e fala "eu moro na Bela Vista". Eu acho que isso é até natural. Pela minha idade, era a negrada, não era um bairro alternativo, com várias tribos. O que predominava era o samba, a malandragem, todo mundo se conhecer e estar integrado com uma parte da italianada. Acho que de uns trinta anos pra cá que o pessoal começou a migrar pra cá e conseguiu esse espaço. O bairro era tipicamente negro, e a gente só dividia com a italianada que se dava com a

¹⁴ CASANOSSA, M; CIRILLO, E.; DEMA; KZ; RICARDO, A.; MINUETTO, Rodrigo; MINUETTO, Rodolfo. Quilombo do Futuro. 2019. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/carlos-junior/quilombo-do-futuro>. Acesso em: 4 out. 2020.

¹⁵ EU SOU BIXIGA. Direção: Adeline Haverland, Adriana Terra, João Dias, Marco Paraná, Otávio Penteado e Vinicius Paroni. São Paulo, 2015. 15 min., cor. Disponível em: <https://vimeo.com/139536049>. Acesso em: 4 out. 2020.

negrada. Acho que de vinte anos pra cá o que mudou muito foi essa característica, perdeu o contexto da negritude pra entrar o nordestino. Em cada esquina tem um forró. Então o Bairro já é tão deles quanto nosso. Acho até que hoje em dia é mais deles, porque onde rola um samba vem o PSIU (Programa Silêncio Urbano, da Prefeitura), mas no forró não vai ninguém.

No depoimento de Solange (2020) aparece a percepção do Bairro como local de oportunidade por estar próximo à infraestrutura do centro, e da chegada de um novo contingente. Também aparece a referência aos locais de samba continuarem visados pela Prefeitura por ali. Um dado importante que ela acrescenta em sua fala é geracional: os mais jovens estariam mais distantes do nome Bexiga, menos conectados a ele, por estarem mais distantes da história de sua origem – a presença dos negros, a chegada dos italianos. Com a profusão de grupos que hoje vivem no Bairro, a identidade representada por esse nome teria se diluído um pouco.

Em outra entrevista de campo foi ouvido o morador Jorge, de 38 anos, gerente comercial, paulista, negro, nascido na avenida Brigadeiro Luís Antônio, criado e residente no Bairro. A entrevista com ele foi feita em uma tarde de abril de 2019, no estabelecimento que gerenciava, um pequeno bar, em frente ao qual muitos que passaram o cumprimentaram. Na ocasião, ele contou que, quando está na avenida Paulista, sente-se fora do Bairro:

Quando estou na Paulista digo: 'vou pra quebrada, lá pra Bela Vista'. A gente sabe que [ali] é Bela Vista também, mas se a gente está na Paulista ou centro diz: 'vou lá pra quebrada'. Que é o Bexiga. Porque Bela Vista mesmo é da [avenida] Brigadeiro [Luís Antônio] pra cima.

É interessante novamente ver que o morador localiza o Bairro em que mora como Bexiga, mas usa também a denominação "Bela Vista": "Eu falo Bela Vista, mas o certo seria Bexiga", corrige Jorge (2019). Novamente, o uso de "Bela Vista" não tem a ver com buscar se associar a uma região mais "nobre" (pensando aqui no motivo de surgimento do nome, no início do século XX), mas parece envolver outra camada de pertencimento dentro do próprio Bairro.

A produtora cultural Silvia chegou ao Bexiga ainda bebê. Mineira, branca, 47 anos, ela foi trazida pelo pai para que sua tia, costureira que vivia na rua Major Diogo, a criasse com melhores oportunidades e condições, por estar mais estabelecida financeiramente. Silvia se refere ao local em que foi criada como "comunidade da Bela Vista". Hoje ela trabalha na região, mas não vive mais ali. A entrevista com ela foi realizada no Belenzinho, na Zona Leste paulistana, onde mora. "Eu conheci o lado muito carente daquele Bairro. Inclusive eu nem ouvia falar em Bexiga. Não tinha esse fervor de hoje de falar em Bexiga", disse, na ocasião. Ela situou a rua Rui Barbosa como "divisória de mundos" – esta não é a única via entendida dessa forma,

de demarcação de modos de vida e cultura, que irá aparecer nas falas dos entrevistados. A seguir, foto mostra cruzamento das ruas 13 de Maio com Santo Antonio, Delegado Everton e Luis Porrio, onde se lê "Bixiga" em estabelecimento de esquina, o Teatro do Incêndio.

Figura 6 - A denominação Bixiga

Entroncamento das ruas 13 de Maio, Santo Antônio, Delegado Everton e Luis Porrio, com a inscrição Bixiga no estabelecimento de esquina, o Teatro do Incêndio, 2016. Crédito: Adriana Casarotto Terra.

Em outro depoimento ouvido em campo, a jornalista Maria, de 35 anos, paulista, branca, disse ver o nome Bexiga como uma forma de pertencimento – e enxergar que, para quem não sabe muito sobre a região, a referência mais evidente é a da fama italiana do Bairro. Ela havia, na época, se mudado para o Distrito há mais de uma década, tendo vivido até então tanto nos

bairros do Bexiga quanto da Bela Vista. A entrevista foi realizada no apartamento em que morava, em fevereiro de 2019, nos arredores da avenida Brigadeiro Luís Antônio:

É curioso porque eu acho que Bexiga dá uma sensação mais afetuosa, é um jeito mais carinhoso de chamar. Tem algo no nome que remete a algo mais tradicional. Bela Vista é só um bairro. Bexiga já gera uma sensação de mais pertencimento, de mais comunidade. Geralmente eu me refiro a Bexiga. Quando a pessoa não sabe exatamente onde é, eu falo Bela Vista ou Bexiga. Acho que especialmente o pessoal da Zona Oeste não tem muita noção do que é essa parte. Aí você vai puxando as referências das cantinas, o "bairro italiano", o *cannoli*...

Tanto no depoimento da produtora cultural Silvia (2020) quanto da jornalista Maria (2019) aparece um dado novo: a palavra comunidade. Essa noção será abordada nas próximas seções. Cabe aqui, entretanto, situar alguns conceitos para ajudar na leitura dos depoimentos. Para o sociólogo e crítico Antonio Candido de Mello e Souza (1987, p. 57), a noção de bairro se caracteriza por um "'sentimento de localidade' entre os moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico". Já para George (1983, p. 76), "o bairro tem um nome que lhe confere uma personalidade dentro da cidade". Souza (1989) explica que:

(...) o bairro pertence àquela categoria de 'pedaços da realidade social' que possuem uma identidade mais ou menos inconfundível para todo um coletivo; o bairro possui uma identidade intersubjetivamente aceita pelos seus moradores e pelos moradores de outros bairros da cidade, ainda que com variações". (SOUZA, 1989, p. 149)

São visões que se comunicam. Lefébvre (1975, p. 200-201 apud BEZERRA, 2011, p. 27) vai dizer que o bairro é:

(...) a diferença mínima entre os espaços sociais múltiplos e diversificados, ordenados pelas instituições e pelos centros ativos. Seria o ponto de contato mais acessível entre o espaço geométrico e o espaço social, o ponto de transição entre um e outro; a porta de entrada e saída entre espaços qualificados e espaço quantificado, o lugar onde se faz a tradução (para e pelos usuários) dos espaços sociais (econômicos, políticos, culturais etc) em espaço comum, quer dizer, geométrico. (grifo nosso)

Sendo espaço social aquele que, segundo Bourdieu (1989), é o local das relações:

Se é verdade que existem na objetividade das configurações perceptíveis, Gestalt sociais, e que a proximidade das condições, portanto, das atitudes, tende a reproduzir-se em ligações e em reagrupamentos duradouros das unidades sociais imediatamente perceptíveis, tais como região ou bairros socialmente distintos (com a segregação espacial), ou dos conjuntos dos agentes dotados de propriedades visíveis perfeitamente semelhantes, como os Stände, também é verdade que só há diferença socialmente conhecida e reconhecida para um sujeito capaz de não só perceber as diferenças, mas também de as reconhecer

como significantes, interessantes, quer dizer, para um sujeito dotado de aptidão e da inclinação para fazer as diferenças que são tidas por significativas no universo social considerado. (BOURDIEU, 1989, p. 143-144, grifo nosso)

Ao contrário do distrito que tem seus limites bem definidos, compreende-se portanto que a noção de bairro abarca a dimensão social, mais subjetiva e que de certo modo se aproxima da ideia de lugar do geógrafo Milton Santos (2006, p. 36): "É o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica".

Às ideias de bairro e de lugar, cabe acrescentar a noção de território que irá aparecer mais à frente, em entrevistas. Para Santos (2006), território implica em relações de poder, de apropriação sobre um espaço. Diz o geógrafo:

O território como um todo se torna um dado dessa harmonia forçada entre lugares e agentes neles instalados, em função de uma inteligência maior, situada nos centros motores da informação. A força desses núcleos vem de sua capacidade, maior ou menor, de receber informações de toda natureza, tratá-las, classificando-as, valorizando-as e hierarquizando-as, antes de as redistribuir entre os mesmos pontos, a seu próprio serviço. (SANTOS, 2006, p. 154)

Tendo em vista essa breve pontuação acerca desses conceitos, o Bexiga parece ser um bairro composto por vários lugares, espaços onde as noções de pertencimento e de identidade são significadas constantemente pelas pessoas que ali vivem e circulam: Bexiga, Bixiga, BV, Saracura, Comunidade da Bela Vista. Podemos ainda entender o Bexiga como um território – espreado de forma irregular pela paisagem, como nos falou o morador Paulo (2019) –, ou até mesmo envolvendo vários territórios, dadas as relações diversas de apropriação das pessoas sobre este espaço e de alterações de aspecto físico, da paisagem.

Sobre a noção de "quebrada" que aparece em depoimentos como o do morador Jorge (2019), entende-se que ela pode tanto ser sinônimo de periferia, como usualmente é empregada, quanto uma maneira orgulhosa de se referir ao local de origem. "Era nossa quebrada, mas cada gente de cada bairro chama de um jeito. Eu entendo que quebrada é mais afetivo, não necessariamente periferia", disse, também na pesquisa de campo, o ex-morador Marco Antônio em seu depoimento sobre o Bexiga (grifo nosso), onde nasceu e viveu até parte da vida adulta. Ele continua, em entrevista realizada em Itaquera, na Zona Leste paulistana, em abril de 2019:

No *rap*, que é onde eu tenho mais vivência, se você ver as letras da galera das periferias falando das suas quebradas, na visão romantizada que eles tinham cada um de seus lugares, até quando falavam de morte e assassinatos, você vê esse amor, esse carinho, esse afeto. Inclusive quebrada era até um mote para letra de *rap*, era algo que era um orgulho, o cara gostar da sua quebrada era um orgulho,

então tinha bastante isso no *rap*. E você vê que cada um entende da sua área, põe a mão no fogo pela sua área, critica mas lava roupa suja em casa. Vem o outro falar pra você ver.

Marco fez parte de um grupo de *rap* formado no Bexiga nos anos 1980. Seu depoimento (2019) sobre a sua atuação nesse universo é interessante para pensar identidades e referenciais:

A gente era considerado uma elite no *rap*, a gente era tido como um grupo do centro. O *rap* era de periferia, era de raiz, contestatório, a gente era como se fosse um Gabriel o Pensador. As minhas letras tinham linguagem universitária, e nosso grande público mesmo era [da] Vila Madalena, [dos] Jardins, [o bar] Madame Satã, as grandes casas culturais. Quando a gente ia na periferia, no fundão, uma ou outra música que agradava. Isso no começo, depois foi se integrando, o *rap* cresceu. Não ficou mais exclusivo da galera que exaltava ou denunciava o dia a dia da periferia.

Esse cenário aparentemente dicotômico que o entrevistado coloca – estar no centro "geográfico" da cidade, mas fazer uma música de periferia – é melhor entendido ao pensarmos nas diferenças e nas desigualdades socioeconômicas e raciais existentes ali, naquilo que estrutura um imaginário de periferia e de centro. Por exemplo, a linguagem universitária se ligaria a uma ideia de centro, enquanto a periferia teria uma verve mais contestatória, fruto do sofrimento experienciado pela vida nesse espaço.

No entanto, é importante contextualizar que se trata de um grupo de maioria negra originado no Bexiga – e que, se não abordava exatamente as mesmas questões que grupos de *rap* de periferia colocavam à época, em alguns pontos as temáticas se encontravam: denúncia social, cotidiano difícil. "Foi o sistemão que me jogou na rua na praça da Sé", diz a faixa "Sistemão", enquanto a letra de "Gueto"¹⁶ fala: "Nasci na Bela Vista, no núcleo do Bexiga (...) / Vou transmitir pra vocês o que acontece no gueto, é uma vida bandida (...)". O depoimento de Marco (2019) nos ajuda a pensar novamente na ideia de tradição seletiva sobre o Bairro – ou no que conhecemos mais popularmente sobre ele, nas suas expressões culturais mais notórias –, além de como os nomes e as formas de se referir a ele contêm informações.

No próximo item, as ideias de identidade, memória e imaginário serão discutidas levando em consideração uma característica natural do Bexiga – a presença dos rios sob seu asfalto, e como isso interfere nos modos de vida e nas condições de existência locais – e outra característica urbanística – as moradias coletivas, comuns ali desde o loteamento.

¹⁶ REGIÃO ABISSAL. Hip Rap Hop (1988) [Álbum Completo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kly3tt3QJ68>. Acesso em: 17 set. 2020.

3. ENTRE O INVISÍVEL E O IDEALIZADO

3.1. Rios e avenidas: memória persistente

É domingo na rua São Vicente, fim de tarde de janeiro de um dia quente, e a Escola de Samba Vai-Vai está ensaiando a céu aberto, como de costume. No palco, localizado em um terreno cujo fundo serve de estacionamento da Agremiação, na esquina das ruas Cardeal Leme e Lourenço Granato, compositores e intérpretes entoam o samba-enredo do ano. No chão, a bateria se desloca tocando pela extensão delimitada como quadra. Logo começa a cair uma chuva cuja intensidade vai aumentando rapidamente, até virar um temporal. O mestre pede que os ritmistas não parem de tocar. Algumas baianas seguem rodando debaixo d'água. Diretores ordenam que o ensaio siga: "se cair chuva no dia do desfile, vamos sair". A enxurrada enche de água o Vale do Saracura ao ponto de sua força empurrar a tampa de um bueiro. Passistas seguem em um balé sobre as águas, enquanto o toque de caixas e surdos marca o passo.

A cena que, gravada em vídeo¹⁷, viralizou nas redes sociais, é um exemplo do que ocorre em dias de chuva na região mais baixa do Bexiga. Não é por acaso a força dessas águas. Sob a rua em que ensaia a Escola corre um rio cujo nome aparece em sambas e nome de ala (Orgulho da Saracura), além de ser usado muitas vezes como sinônimo da Agremiação e mesmo do Bairro, como abordado na segunda seção deste trabalho.

No processo de pesquisa, um aspecto que pareceu interessante, além de observar como as alterações físicas vão ocorrendo e transformando não só a paisagem dos lugares, mas também a identidade dos mesmos, foi buscar compreender os focos e as razões das permanências, sejam elas de nomes, formas de vida e de cultura – lembrando "o processo de persistência de práticas residuais" do qual fala Williams (2011a, p. 59). Uma dessas continuidades é a da ideia da existência e da força do rio, bem como do uso da palavra Saracura.

Sobre a lembrança do rio, mesmo que coberto pelo asfalto, sugere-se uma memória ligada à experiência de vida de muitos moradores que é passada adiante em nomes, letras de música, nas histórias contadas em família, e que constituem um imaginário persistente,

¹⁷ SAMBISTAS DA DEPRESSÃO. Vai-Vai ensaiando embaixo de uma tempestade. 7 jan. 2019. Facebook: Sambistas da Depressão. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=334469114061545>. Acesso em: 17 set. 2020.

poderoso. Acerca dessa capacidade dos lugares de reter histórias, vai dizer Damiani (1995), referenciando a noção de rugosidades de Santos¹⁸ (2002):

(...) o espaço tem essa propriedade complexa de guardar tempos históricos, e os fixar – a questão das sobrevivências, tratada por muitos geógrafos, como Milton Santos com as rugosidades do espaço – constituindo um impedimento ao movimento, imobilizando e impondo conteúdos; ao mesmo tempo, nesses tempos resguardados, aparece a memória da vida na cidade. Para seu habitante, metamorfoseada à sua experiência pessoal e social, faz reviver conteúdos avessos, muitas vezes, às formas atuais e impostas. (DAMIANI, 1995, p. 114)

Batizado com o nome da ave homônima, um tipo de garça de pernas finas que havia ali, o rio Saracura nasce na região da avenida Paulista, tendo várias nascentes na área atrás do hotel *Maksoud Plaza*, na rua São Carlos do Pinhal. Desce pelas curvas da alameda Campinas e da rua Dr. Seng – nesse pedaço, as temperaturas mais baixas, o clima úmido e a vegetação com taiobas são indicativos da presença dele (NUNES, 2013). Segue então pelas ruas Rocha e Cardeal Leme até a praça 14 Bis, e de lá vai para a avenida Nove de Julho, chegando até a praça da Bandeira, onde se junta aos rios Itororó (que corre sob a avenida 23 de Maio) e Bexiga, formando o rio Anhangabaú, que segue dali até a rua 25 de Março e deságua no rio Tamanduateí, na avenida do Estado, ao lado do Mercado Municipal.

Razoavelmente estreito, com cerca de dois metros de largura, hoje – canalizado, escondido sob o chão sólido – é possível vê-lo e ouvi-lo por uma pequena abertura na saída do viaduto Doutor Plínio de Queiroz (NUNES, 2013). Uma rugosidade (SANTOS, 2002). Quando chove, o ritmo e o som de suas águas ficam estrondosos por ali.

O trajeto subterrâneo fluvial que o Saracura percorre dá pistas de maneiras de ocupação, jeitos de viver e segue presente no cotidiano de quem circula por ali – e isso não só nas cheias que causam transtornos urbanos recorrentes, como a descrita no início desta seção. Em conversas informais, moradores costumam contar que a água de um posto de gasolina da praça 14 Bis usada para a lavagem dos carros já foi do rio Saracura, bem como a água que fora utilizada em um lava-rápido na rua Rocha durante alguns anos. São informações que precisam de mais dados que comprovem a sua veracidade. No entanto, são citadas aqui por importar, neste momento, o imaginário do rio e como ele aparece nos relatos.

¹⁸ "As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço" (SANTOS, 2002, p. 173).

A seguir, a infografia ilustra o trajeto do Saracura – e de outros rios – descrito aqui, e fotografia mostra o resultado de ação de um grupo ativista do meio ambiente na Capital, feita para lembrar da existência do rio sob uma das vias do Bairro.

Figura 7 - Por onde corre o Saracura

Infografia mostra trajeto do rio Saracura, desde a avenida Paulista até a região do Brás; seu principal distrito de influência é a Bela Vista, por onde passam também os rios Itororó e Bixiga. Arte: MZK.

Figura 8 - Ruas que eram rios no Bexiga

Atividade organizada pelo projeto Rios e Ruas colou em 2015 adesivos nas placas das vias da Bela Vista informando se tratar de bacias do Saracura. Crédito: Adriana Casarotto Terra.

Foi a partir de 1930 que o projeto de industrialização pensado pelos governantes para São Paulo fez com que os rios dessem lugar a ruas e automóveis, moldando a Cidade em que vivemos hoje. "A ascensão do modelo de cidade baseado em preceitos higienistas e sanitaristas ao final do século XIX levou a intervenções no espaço público para combater focos de estagnação, retificando e canalizando rios", diz Gonçalves (2016, p. 173). Não foi só uma questão de saúde: a retificação dos rios estava ligada, de forma mais ampla, a uma ideia de urbanização priorizando automóveis, e que abria espaço para o avanço imobiliário¹⁹.

Acerca da ligação da retificação dos rios com o que chama de "mercado da terras em formação" em São Paulo, Seabra (1987) diz:

Incorporar a Várzea do Carmo e transpor o Anhangabaú não significava simplesmente aumentar a superfície territorial da cidade, mas fundamentalmente que esses terrenos tornados internos à própria cidade, teriam ainda que se tornarem orgânicos a ela; que pudessem assumir uma forma funcional adequada na estrutura urbana de São Paulo àquela época. E que esse enquadramento funcional fosse de tal relevância que justificasse os investimentos necessários a tal fim. (SEABRA, 1987, p. 25, grifos nossos)

Desse modo, boa parte dos rios que corriam naquela época estão hoje debaixo de ruas e avenidas (RAMALHOSO, 2016). É o caso do Saracura, cuja canalização foi feita em virtude da construção da avenida Nove de Julho. A obra teve início em 1929, com inauguração da via em 1941. Parte do Plano de Avenidas do engenheiro civil e ex-prefeito de São Paulo Francisco Prestes Maia, que tinha por objetivo ampliar o perímetro central da cidade e facilitar o tráfego, a obra alterou bastante a paisagem e o ritmo da região²⁰.

Outra obra que transformou este espaço teve início dez anos depois, em 1951. A avenida 23 de Maio foi construída sobre o rio Itororó, e inaugurada em 1969. "Com a avenida pronta, a expectativa é a de que o trajeto entre a região central e o aeroporto de Congonhas possa ser feito

¹⁹ Em entrevista, o pesquisador Janes Jorge explica o argumento que embasava a obra: "os rios retificados produziram mais salubridade. Além disso, a retificação liberava espaço para o mercado de terras. No século 20, esses dois motivos permaneceram. Uma parte do espaço retirado dos rios pelas retificações foi parar no mercado de terras, outra parte foi ocupada pelas avenidas". RAMALHOSO, W. Prefeitos urbanistas do século 20 moldaram a cara da São Paulo atual. UOL, São Paulo, 22 jan. 2014. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/01/22/prefeitos-urbanistas-do-seculo-20-moldaram-a-cara-e-o-debate-da-sao-paulo-atual.htm>. Acesso em: 17 set. 2020.

²⁰ "Prestes Maia tem uma importância muito grande para o que São Paulo tem de bom e de ruim atualmente. A organização e o caos da cidade foram propiciados pela implantação do Plano de Avenidas", disse o historiador Cláudio Hiro Arasawa em reportagem. RAMALHOSO, W. Prefeitos urbanistas do século 20 moldaram a cara da São Paulo atual. UOL, São Paulo, 22 jan. 2014. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/01/22/prefeitos-urbanistas-do-seculo-20-moldaram-a-cara-e-o-debate-da-sao-paulo-atual.htm>. Acesso em: 17 set. 2020.

em 15 minutos", dizia texto publicado no jornal *Folha de S. Paulo* no ano de 1968²¹. Em razão dela, em 1960, um decreto desapropriava trechos das ruas Jaceguai, Conde de São Joaquim, Condessa de São Joaquim e rua da Liberdade (hoje avenida).

Já o alargamento de duas vias importantes do Bexiga é bastante citado por moradores, simbolizando uma alteração espacial com considerável efeito simbólico e afetivo. Trata-se da rua Rui Barbosa, ampliada na década de 1960, e da avenida Brigadeiro Luís Antônio. É comum moradores e ex-moradores se referirem a essas modificações como "divisores" do Bairro, como é possível identificar em trecho de depoimento de Bruno, 72 anos, comerciante:

Outra coisa que aconteceu que foi uma ruptura muito difícil: chegou no final da década de 1960 e se concretizou um projeto que era a demolição de casas para fazer ruas, viadutos, aquela mentalidade de que o carro era melhor do que qualquer coisa. Existiu aí um prefeito chamado [José Vicente] Faria Lima que concretizou a urbanização da cidade sob a ótica do carro, que o [Paulo] Maluf veio complementar. Aqui você tinha ruas como essa (a 13 de Maio) e do lado de lá era a mesma coisa, passava um bonde, o bonde Bela Vista, onde tinha a Rui Barbosa. Primeiro desativaram o bonde e começaram a demolir as casas. Casas em que morava essa gente que eu coloquei. E foi muito difícil porque as pessoas tiveram que ir embora do bairro sem indenização. E aí fizeram as avenidas e inclusive a criação da praça [Dom Orione] que não existia. Então não tem nada de romântico nisso que as pessoas chamam de "saúde". Não tem que ter saúde, a gente pode ter referência, lembrar de coisas agradáveis, mas nunca dizer "naquela época era melhor". Hoje nós estamos vivendo num país pior em termos de política, mas sempre foi difícil. Ninguém foi entrevistado lá para dizer "como é que a senhora vive?". Aqui as casas nem tinham garagem, o Bairro não era antes constituído sob esse aspecto, mas isso não só aqui, a cidade toda. E aí as casas velhas foram demolidas e depois se criou essa ideia de preservação, do tombamento, mas e daí? O que você faz? Aluga os quartos lá dentro e fora fica só a fachada? (grifos nossos)

Para além da percepção das dificuldades socioeconômicas e de sua postura acerca de não romantizá-las, a fala do comerciante traz a relação entre obras de urbanização e a expulsão de populações mais pobres do Bexiga. A esses deslocamentos se somam outros, fruto da especulação imobiliária que teve ondas no Bairro. "O que nunca deveria ter sido feito é sacrificar os moradores, o que aconteceu lá, porque na urbanização sempre são os moradores quem são prejudicados", opina Bruno (2019).

O comentário do ex-morador e comerciante sobre preservação e locação reflete um dilema recorrente que envolve patrimônio e moradia no Bairro, que será abordado na subseção

²¹ FOLHA DE S. PAULO. Av. 23 de Maio ficará pronta em janeiro e ligará centro ao aeroporto. Folha de S. Paulo, São Paulo, 1968. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2018/11/1968-av-23-de-maio-ficara-pronta-em-janeiro-e-ligara-centro-ao-aeroporto.shtml>. Acesso em: 17 out. 2020.

seguinte. Esses fluxos de saída podem ser percebidos ao conversar com ex-moradores que hoje vivem nas zonas Norte, Sul e Leste da Cidade (CASTRO, 2008). Um alto contingente de integrantes da Escola de Samba Vai-Vai não mora mais no Bexiga, muitos deles tendo passado ali parte da infância ou juventude, com pais ou avós nascidos no Bairro.

A seguir, trecho de outro depoimento colhido na pesquisa de campo, do produtor audiovisual Paulo (2019), de 73 anos. Ele cita a presença não só do Saracura, mas de outros rios correndo por baixo de outras ruas. Como uma memória que permanece viva em suas referências.

Se você pegar a história de como São Paulo foi se desenvolvendo, vai ver que onde tem o túnel Nove de Julho é a nascente do rio Saracura, e onde tem a Vai-Vai era um riacho, onde tem o Saracura Pequeno, que saía no Saracura Grande. E na [Vila] Itororó tem a nascente do rio Itororó. E esses três juntos com o riacho do Bexiga, que sai ali atrás do Teatro Oficina. Por exemplo, a rua Japurá tem um riacho que vai por baixo, que eles chamam de rio Bexiga. Então você tem o Itororó, Bexiga, Saracura e Saracura Pequeno, essa é a composição hidrográfica desta região. Você imagina isso na época da colônia. Aqui antes era uma aldeia indígena, né, e depois virou quilombo, porque os negros vendidos ali na Ladeira da Memória fugiam e vinham pela margem do Saracura e aqui ninguém entrava, aqui era um território meio que... (não completa) E quando arruaram o Bexiga começam a chegar os imigrantes italianos, principalmente da baixa Itália, calabreses, [região da] Basilicata... (grifo nosso)

A frequente associação do rio com a população negra ocupando sua área de várzea antes da oficialização do Bexiga enquanto um bairro e nos primórdios da urbanização da Cidade, entre o fim do século XIX e o início do século XX, parece indicar tanto uma forma de compreender a influência africana na região quanto de reforçar uma história que ainda é bastante invisibilizada, de marcar uma posição importante. Nas entrevistas feitas, bem como em conversas informais tidas durante a pesquisa, foi também unânime a afirmação de que não há homogeneidade no Bexiga. As divisões mencionadas por vezes tinham a ver com aspectos físicos, mas não só. Em cada pedaço – apesar da heterogeneidade existente mesmo dentro deles – seria mais predominante um perfil, seja de morador, seja de construções, tipos de comércio e de serviços, formas de ocupação do espaço público, de lazer e de relação com a rua.

A seguir, com ajuda das entrevistas e de referenciais teóricos, será abordado como essas diferenças, e também as desigualdades que elas envolvem, estão refletidas na habitação: de que maneira as moradias coletivas, os cortiços e as pensões, bem como os imóveis tombados e os prédios erguidos na segunda metade do século XX interferem nas formas de vida e de identidade locais, simbolizam pertencimentos, deslocamentos, maneiras de viver a Cidade.

3.2. A importância dos cortiços

Em geral compreendido como um bairro popular, o Bexiga tem uma ocupação marcada pela existência de segmentos sociais variados (SCHNECK, 2010, p. 20). A diversidade de experiências de vida muitas vezes está lado a lado, em uma mesma rua. As casas compartilhadas são uma forma de moradia comum desde o início da urbanização ali, e entender o Bairro, suas características, contradições e desigualdades, passa por olhar para elas.

Os cortiços foram difundidos em São Paulo na virada para o século XX, quando o aumento populacional ainda não havia correspondido à expansão territorial da Cidade, já que os moradores se acomodavam em casas divididas no perímetro central da Capital, em bairros como Santa Ifigênia, Brás, Bexiga, Bom Retiro e Barra Funda (SEABRA, 1987, p. 37-38).

Durante a pesquisa de campo, ao questionar um morador de mais de 70 anos de idade sobre as características que representam o Bexiga, ele menciona as suas construções. É esse casario que hoje é tombado que, muitas vezes, abriga dezenas de cômodos superpopulosos e multifuncionais. Parece que a mesma tradição seletiva (WILLIAMS, 2011a, p. 54) que deu notoriedade maior à imigração italiana no Bairro atuou sobre essas casas no seguinte aspecto: ficou a valorização arquitetônica, o olhar para a paisagem e para questões estéticas, acima da valorização das pessoas que ali vivem, o olhar para as condições sociais, bem como para as culturas e memórias presentes que não sejam as do imigrante.

A definição de cortiço que existe hoje em São Paulo vem da Lei Moura – nome pelo qual ficou conhecida a Lei 10.928²², de 1991, que buscava adequar as moradias a determinada condição infraestrutural, responsabilizando para isso os proprietários e/ou exploradores do imóvel. Nesta Legislação, o cortiço se define por uma habitação que apresenta, "total ou parcialmente", as seguintes características:

- a) constituída por uma ou mais edificações construídas em lote urbano; b) subdividida em vários cômodos alugados, subalugados ou cedidos a qualquer título; c) várias funções exercidas no mesmo cômodo; d) acesso e uso comum dos espaços não edificadas e instalações sanitárias; e) circulação e infraestrutura, no geral precárias; f) superlotação de pessoas. (SÃO PAULO, 1991)

²² SÃO PAULO (Cidade). Lei n. 10.928, de 8 de janeiro de 1991 (Projeto de Lei nº 504/89, do Vereador Luiz Carlos Moura). Dispõe sobre as condições de habitação dos cortiços. Secretaria do Governo Municipal, 8 jan. 1991. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-10928-de-08-de-janeiro-de-1991/consolidado>. Acesso em: 22 set. 2020.

A seguir, placas de locação de quartos em casas do Bairro. Anúncios como esses são comuns em todo o Bexiga, onde a oferta de cômodos em moradias coletivas se dá, em geral, por meio de informe direto nas propriedades. Os moradores mais pretendidos, a observar pelas placas, são pessoas avulsas (parece haver mais oferta para homens) ou casais sem filhos.

Figura 9 - Anúncios de locação no Bexiga

Placas oferecendo quartos na rua Conselheiro Ramalho, 2019. Crédito: Adriana Casarotto Terra

Ao longo da pesquisa, relatos ouvidos deram conta de diversas formas de morar coletivamente no Bexiga, sendo importante questionar a visão generalista de moradia precária. As condições descritas e observadas variavam muito em relação ao nível de conforto, havendo casas com cômodos repartidos para famílias ou moradores solteiros; terrenos com três casas, sendo algumas para uma só família e outras com cômodos divididos; casas em fundos de estacionamentos com mais de uma dezena de pessoas morando; quartos em sobrelojas, com banheiro e cozinha e compartilhados; quartos divididos por tapumes; quartos com beliches ou triliches abrigando pessoas de mais de um núcleo familiar. Moradores relataram serem essas alternativas viáveis a quem não pode arcar com burocracias como comprovante de renda fixa ou necessidade de um fiador, comumente exigidas pelas imobiliárias da Cidade.

Cabe aqui incluir citação de Furtado (apud Kowarick, 2011, p. 89. In: KOWARICK, MARQUES, 2011), já que a palavra pensão foi mais recorrente nas entrevistas de campo, o que

'Cortiço', descrição pejorativa para os que veem de fora, a partir do bairro, 'habitação coletiva', na avaliação do linguajar técnico da Prefeitura, é 'pensão' e 'casa de cômodos', na avaliação aparentemente neutra de seus moradores.

Figura 10 - Mapa de moradias classificadas como cortiços na Bela Vista

A discussão sobre habitações compartilhadas vem de longe. Acerca da legislação instaurada na urbanização da Cidade e da difusão dos cortiços, o Código Sanitário de São Paulo de 1894, Schneck (2018, p. 32) escreveu que houve falta de transparência na definição das moradias, entendendo que categorias como "habitações coletivas", "habitações das classes pobres" e "hotéis e casas de pensão", assim chamadas na Lei, por vezes se misturavam e se confundiam, embora a intenção de remover os pobres (na maioria, moradores negros) do

perímetro central fosse explícita²³: "A partir da década de 1910 ficou evidente a tendência, se não de eliminar os cortiços, de evitar que aumentassem de tamanho", colocou a autora.

Rolnik (2013) também apontou como motivações sanitárias, expressas no Código de Posturas de 1886 e no Código Sanitário do Estado de São Paulo de 1894, serviam a uma renovação urbana que expoliava do centro quem tinha menos dinheiro.

A costureira Ângela, que morou por mais de três décadas no Bexiga, fez um comparativo de quando chegou ao Bairro, no fim da década de 1970, para os dias atuais, a segunda metade do século XXI. Em seu depoimento está a noção do descuido dos proprietários com as construções. A entrevista foi realizada em 2019 na casa em que vivia com a família, onde também tinha o seu ateliê, na rua 13 de Maio. Nascida na Bahia, negra, Ângela tinha à época 69 anos.

A maior diferença [de quando cheguei] são essas construções de puxadinhos, esses andares, que não existiam. Você olha na frente e não tem nada, mas no fundo tem dois, três andares. Essa casa aqui do lado ficou mais de trinta anos fechada. Quando morreu o penúltimo herdeiro, o último vendeu pra esse cara que tem várias pensões aqui. Sempre teve pensão, para trás das fachadas. E aqui mora muito haitiano. Na maioria das pensões [do Bexiga]. (...) A condição é ruim para quem aluga, e eles falam que é tombado, não pode fazer nada, mas é tudo de mentira. (grifos nossos)

Em outras entrevistas realizadas em campo, surgiram relatos de inúmeras reformas nos cômodos das casas antigas no Bexiga, mais atreladas entretanto a uma ideia de produzir novas vagas do que de gerar bem estar aos residentes. Schneck (2010, p. 90) escreveu que, na época do Código Sanitário de 1894, as classes mais ricas, mesmo sabendo da necessidade de certas regras e as respeitadas em suas próprias casas, tendo "consciência de seus benefícios", não as levava tão a sério nas construções para terceiros, e que percebe-se uma "tendência à desobediência" na formação do Bairro, entre 1881 e 1913.

Acerca do tombamento, a Resolução nº 22/2002²⁴ do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP) referente

²³ "Deve ser terminantemente proibida a construção de cortiços, convindo que as municipalidades providenciem para que desapareçam os existentes", diz Artigo 138. SÃO PAULO (Estado). Decreto n. 233, de 2 de março de 1894. Estabelece o Código Sanitário. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2 mar. 1894. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1894/decreto-233-02.03.1894.html>. Acesso em: 22 set. 2020.

²⁴ SÃO PAULO (Cidade). Resolução nº 22/2002. Dispõe sobre o tombamento de imóveis no Distrito da Bela Vista. Diário Oficial da Cidade, 14 dez. 2002. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/resolucao-conselho-municipal-de-preservacao-do-patrimonio-historico-cultural-e-ambiental-da-cidade-de-sao-paulo-conpresp-22-de-13-de-dezembro-de-2002/detalhe>. Acesso em: 23 set. 2020.

ao Distrito da Bela Vista justifica a salvaguarda de casas do Bairro a partir de dimensões históricas, urbanísticas, afetivas, turísticas, de preservação populacional e cultural. A preservação de imóveis isolados ou conjuntos arquitetônicos envolve a praça Amadeu Amaral, a praça Dom Orione, a escadaria das ruas 13 de Maio e dos Ingleses, as encostas e os muros de arrimo da rua Almirante Marques de Leão, os arcos da rua Jandaia e áreas identificadas como: do Bexiga; da Grotta; da Vila Itororó; quadra correspondendo às ruas Jandaia e Asdrúbal do Nascimento; quadra correspondendo às ruas Pedroso, Martiniano de Carvalho e Monsenhor Passalacqua. Esse tombamento tem três níveis: parcial (só exterior ou exterior e interior, em partes) ou integral (todo o imóvel). O nível parcial só exterior é o mais comum no Bexiga.

Vale ainda contextualizar que o Bairro tem ZEIS, "porções do território destinadas, predominantemente, à moradia digna para a população da baixa renda"²⁵. Há a noção de demanda habitacional popular ali. O mapa a seguir mostra a localização das ZEIS do Distrito – assim como os cortiços, elas estão aglomeradas na região do Bexiga.

Figura 11 - Mapa das ZEIS da Bela Vista

As Zonas Especiais de Interesse Social (em tons de amarelo), destinadas à moradia de populações de baixa renda: mais próximas da região da Grotta e avenida Nove de Julho, e entre rua Rui Barbosa e avenida 23 de Maio. Escala: 1.100 000. Fonte: Prefeitura de São Paulo - Geosampa - Habitasampa

²⁵PREFEITURA DE S. PAULO. Zona Especial de Interesse Social - ZEIS. Disponível em <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/zona-especial-de-interesse-social-zeis>. Consulta em 05/10/2020.

Além do mencionado descuido por parte dos proprietários, é notório o lucro obtido com moradias compartilhadas, dada a quantidade de pessoas pagando para viver ali. Sobre ele, Scarlato (1995, p. 119) escreveu: "A possibilidade de se viver de uma renda imobiliária, através dos aluguéis, fascinava os proprietários daqueles lotes que apresentavam áreas 'ociosas'".

Uma das moradoras ouvidas em campo nos fez um relato, acerca da casa vizinha a sua, no miolo do Bairro: "O quarto [disponível para locação] é quase a metade disso (compara a um cômodo de 25 m²) e [custa] 700 reais. E os com um banheirinho, [custam] 900 reais. Aqui ao lado a casa tem uns 20 ou 30 quartos". Outra moradora, que subloca a casa em que vive, disse: "Tem pessoas que conheço aqui que têm carro, viajam todo ano e moram num quarto de pensão há trinta anos, com marido e filhos que se formaram. Têm carro, moto, compraram casa no Nordeste, mas não saem daquele quartinho", contou na ocasião, em 2019.

Em pesquisa acerca dos cortiços em São Paulo, que incluiu a vistoria a trinta imóveis na região do chamado centro expandido da Capital, Souza (2011, p. 29) concluiu:

(...) o cortiço, mesmo sendo um tipo de habitação ainda visto como um "problema", já que muitos se encontram em situações precárias, porém com alguns em processo de reforma ou concluídas as adequações à Lei Moura, ainda pode ser considerado como um recurso habitacional, que atendeu e atende um grande número de famílias. (grifo nosso)

Ou seja, há um papel relevante deles na possibilidade de permanência de moradores mais pobres no centro, em sua presença justa e fundamental, mas pouco considerada em termos de melhores condições de moradia, aluguéis mais baratos e infraestrutura urbana do entorno preocupada com essa população. Percebe-se dessa forma que os cortiços foram e são vistos como uma forma de habitação ora tolerada (aceita, mas muito estigmatizada) pela sociedade externa a eles e pelos governantes como uma solução para o problema de moradia urbano (SCARLATO, 1995, p. 121) – e fonte de rendimentos abusivos para proprietários dos imóveis, que no caso do Bexiga muitas vezes não vivem mais ali –, ora ameaçada pela especulação imobiliária e pela verticalização, quando há a possibilidade de lucros ainda maiores tanto para os donos dos imóveis, por meio da venda do terreno, quanto para os investidores que visam erguer prédios que muito provavelmente não serão destinados a quem já vive ali, prédios que também representam uma alteração brusca de modos de vida, ignorando as questões culturais envolvidas na habitação. Scarlato (1989, p. 116) disse que estavam, na década de 1980 no Bexiga, "os

velhos casarões sob a mira das companhias construtoras, grandes ou pequenas. As populações dos cortiços e os antigos moradores cada vez mais ficam sob a pressão desta nova tendência".

Sobre os maus cuidados de parte dos imóveis e a vulnerabilidade a que ficam sujeitos os seus moradores, diante de interesses privados diversos e da ausência de políticas públicas urbanas mais eficazes, Rolnik (2010) escreveu²⁶:

Quando o cortiço não está de acordo com as condições mínimas, o dono tem um prazo para se adaptar senão ele paga uma multa e o imóvel pode ser interditado. Mas a grande questão é o destino dos moradores. Quando a habitação é reformada e as famílias podem permanecer em condições mais dignas, ótimo. Mas quando o cortiço é interditado, a única opção apresentada às famílias é uma carta de crédito, com a qual elas podem comprar um imóvel. (grifo nosso)

A pontuação sobre o destino dos moradores nesses casos de interdição é importante: além da mudança muitas vezes no jeito de morar, muda-se o local em que se vive, a vizinhança. Na pesquisa de campo, em entrevista realizada em março de 2019, o comerciante Bruno, de 72 anos, criticou quem vê de maneira simplista a situação de moradia ali:

Aqui não é certo ter o adensamento que tem, fruto de uma casa com sessenta pessoas sem ventilação. Isso teria que ter uma intervenção para que as pessoas morassem ali decentemente. Obrigar que não houvesse especulação do dono, conivente com o atravessador, para explorar as pessoas. Isso é uma coisa importante, mas não é tão simples para implementar. Isso no centro urbano da cidade... por isso que às vezes os aluguéis aqui são caros, mas a pessoa vai morar na vila e tem o problema da locomoção, então prefere ficar aqui. Tem gente que é ignorante e fala: "ah, esse bando de vagabundo não quer sair daqui". Não é isso, é dificuldade mesmo. (grifo nosso)

Em estudo sobre a visibilidade dos moradores pobres de São Paulo pelo prisma dos cortiços, Paris (2013, p. 2) justificou a escolha do distrito da Bela Vista por estar situado "na divisão administrativa da Sé, região central da cidade, que conta com o maior número de habitações classificadas como cortiços". No entanto, colocou ser importante também o fator qualitativo: o fato de o Distrito ser "um dos mais antigos e mais tradicionais de São Paulo", localizado no "núcleo histórico", delimitado por "uma das principais avenidas da Cidade e particularmente verticalizada", com "torres empresariais, hotéis internacionais, centros culturais, etc". Ou seja, bastante privilegiado em termos infraestruturais, colado a uma área verticalizada e exemplo da metrópole moderna e do poder econômico, uma área rica.

²⁶ ROLNIK, R. "Aplicar a Lei Moura para melhorar vida nos cortiços é positivo. Mas carta de crédito é insuficiente às famílias de baixa renda". In: *Blog da Raquel Rolnik*, ago/2010. Disponível em <https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/08/17/aplicar-a-lei-moura-para-melhorar-a-vida-nos-corticis-e-positivo-mas-carta-de-credito-e-insuficiente-como-opcao-as-familias-de-baixa-renda>. Consulta em 01/03/2020.

Na pesquisa, Paris constatou um padrão de "distanciamento no centro" e "isolamento na periferia" (2013, p. 6). O "distanciamento no centro" é um aspecto que interessa a essa pesquisa, e será melhor abordado a seguir, na próxima subseção. Segundo a autora, esse distanciamento, no caso dos cortiços, se daria pela sua invisibilidade na paisagem – para a qual contribuem o caráter subterrâneo e labiríntico dos mesmos – e pelo papel da fachada preservada ao sugerir uma paisagem que evoca um imaginário relacionado a uma burguesia, a camadas mais ricas. Cabe aqui questionar se, por um lado, essa configuração pode ser vista como um obstáculo para o enfrentamento das condições ruins de moradia, por outro, em uma sociedade que criminaliza a pobreza, essa ocultação pode atuar protegendo a moradia das pessoas ao permanecer como um segredo entre quem divide a mesma realidade, as mesmas necessidades.

Paris (2013) destaca ainda o sistema de administração dessas moradias como um componente da invisibilidade delas: a sociedade que não vive essa realidade pouco sabe sobre como ela opera, e mesmo moradores por vezes têm informações esparsas sobre a forma como o local em que vivem é gerido, diante da atuação de atravessadores, compondo um cenário que ela aponta dificultar inclusive a união de quem vive nas pensões e nos cortiços.

De acordo com a autora, essa organização e a alta rotatividade nas casas tornaria raro um sentido de comunidade entre os moradores. No entanto, em entrevistas de campo, notou-se a ideia de que nas casas em que as pessoas vivem por mais tempo há mais chance de se construir laços, e que isso diminuiu ao longo dos tempos no Bexiga, mas não se perdeu completamente.

Uma ex-moradora ouvida em 2019 relatou que viveu com o marido em três cômodos de diferentes casas no Bairro, durante a época em que morou em pensões, devido ao alto custo dos aluguéis de outros imóveis por ali. Criada no Bexiga, ela disse ter muitos amigos na região, mas não relatou relações das quais se lembra com carinho construídas no período em que morou coletivamente, descrevendo uma situação de assédio sexual por parte de outro morador, na qual teve de se defender com uma faca, além de discussões frequentes com vizinhos e da presença constante da Polícia no local.

Explicada a invisibilidade, a visibilidade dos cortiços (PARIS, 2013, p. 9) se daria por meio da vantagem da localização: a possibilidade tanto de trabalhar mais próximo de casa, diante de maiores ofertas de empregos nesta região, tornando a rotina menos árdua e também mais barata; quanto a possibilidade de colocar no currículo um endereço em um distrito central, o que ofereceria uma carta de apresentação mais bem vista pelos empregadores, ou seja, aumentaria as chances de conquistar uma vaga.

A seguir, registro de uma sequência de sobrados tombados do Bairro, muitos deles divididos em diversos cômodos para aluguel, com suas fachadas preservadas, localizados em uma pequena travessa da rua Abolição, rua próxima ao Viaduto Júlio de Mesquita Filho.

Figura 12 - Rua de casario preservado no Bexiga

Casas da rua Jardim Heloísa, 2018. Crédito: Adriana Casarotto Terra

Desdobrando o conceito de Paris (2013), a visibilidade também parece se revelar a partir da experiência da rua, segundo mostrou a pesquisa de campo, incluindo depoimentos colhidos, frequência em reuniões de moradores e observação diária ao longo de três anos. A existência de uma quantidade grande de lixo em frente a imóveis é por vezes indício da existência de muita gente vivendo naquele local – e também alvo frequente de críticas de moradores que não vivem a mesma realidade que, ao julgarem quem mora em cortiços e pensões como protagonistas do problema da sujeira nas vias, demonstram uma compreensão pouco complexa e bastante preconceituosa da realidade que os cerca.

O uso das calçadas e das ruas para o lazer, e até mesmo para afazeres domésticos e profissionais, também parece reflexo da falta de espaço interno, e não um modo de viver que se dá unicamente por escolha. Embora, com o passar do tempo e a cristalização de comportamentos operada tanto pela rotina quanto pelo imaginário, cabe investigar até que ponto essa prática não é (ou não se tornou) também cultural. É um aspecto que precisa ser melhor estudado.

Dessa maneira, entende-se que a permanência dos cortiços e das moradias compartilhadas, em suas diversas formas, é fundamental para pensar a identidade do Bairro e de seus moradores: quem são eles, quais os arranjos que fazem, as lutas, as necessidades entre a população mais pobre, as formas de vida. No entanto, ela não é suficiente para entender a criação de relações nesse espaço, dado o alto fluxo de moradores e a convivência "forçada" que por vezes se estabelece. Como será abordado a seguir, a ideia de comunidade, os elos afetivos no Bexiga parecem ter menos relação com a proximidade física e mais com desejos, interesses e necessidades parecidos – quando há a possibilidade de compreensão dos mesmos. Dada a diversidade e as desigualdades e assimetrias locais, esses desejos, interesses e necessidades podem ser múltiplos, variados e até mesmo opostos, divergentes.

3.3. Guetos e fronteiras

Em uma compreensão comum aos moradores ouvidos, no Bexiga a moradia desponta como indício de um bairro que abriga muita gente que não é de camadas socioeconômicas mais altas, gente que enfrenta uma série de dificuldades. Ao serem perguntados sobre o que sentem falta no Bairro, os entrevistados mencionaram desde atividades gratuitas para crianças até iniciativas municipais relacionadas à coleta de lixo ou ao tráfico de drogas – este considerado por alguns um problema, por outros algo que sempre esteve ali e que não mudaria, lidável.

Apesar de o Bexiga se localizar em uma região bem infraestrutura, a percepção é a de que essa organização não supre as demandas existentes ali. Alguns moradores, refletindo sobre os motivos disso, apontaram o adensamento, sendo numerosa a população pobre²⁷, exatamente a que depende mais dos órgãos públicos para fins de saúde, educação, trabalho e lazer.

²⁷ A análise mais ampla do distrito dificulta a compreensão dos dados do Bexiga como bairro. Embora saiba-se que, de modo geral, a renda média do cidadão diminua quanto mais longe ele está da região central, os distritos não são blocos homogêneos, e a fluidez dos limites dos bairros exige um olhar mais minucioso, territorializado. No entanto, é na porção espacial entendida como Bexiga que localizamos – como demonstrado na subseção anterior – a existência concentrada de cortiços, bem como de ZEIs, dentro da Bela Vista, que é o 10º distrito, entre 96 existentes em São Paulo, com maior renda da Cidade (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2017).

Em depoimento acerca das desigualdades perceptíveis no Bairro, o gerente comercial Jorge, 38 anos, menciona "dois lados" e a ideia de resistência da população no Bexiga – noção que irá aparecer em outros depoimentos colhidos na pesquisa. A entrevista com ele foi realizada em abril de 2019 em uma tarde de dia da semana no bar em que trabalhava.

Convivi muito dentro das pensões e vi muita dificuldade. É triste saber que tem pessoas no Bairro que poderiam dar uma assistência melhor a esses moradores de pensão e na verdade tratam eles como... intrusos, né? Arruaceiros. Na verdade, a pessoa tá vivendo com o que ela tem e pode pagar. Deveria ser visto com esses olhos. Não como "vai desvalorizar o imóvel". Isso é triste, as pessoas valorizarem mais o dinheiro do que o bem estar das pessoas. Por mais que as outras pessoas às vezes sejam folgadas, e a gente entende, são pessoas. É muito louco você conhecer esses dois lados. Saber que você vai chegar na sua casa e ter uma oportunidade, e a pessoa que está morando num cortiço, uma pensão como agora é chamada, não vai ter a mesma oportunidade. Você tá aqui, eu tô ali, a gente convive nessa Escola, vai para os mesmos passeios. A gente vê assim que essas pessoas ainda resistem. (grifos nossos)

Destaca-se na fala do morador Jorge a afirmação de certo convívio entre pessoas com condições socioeconômicas distintas na esfera do lazer, porém com oportunidades assimétricas, bem como a noção de que a ocupação de casas pelos mais pobres seria vista por moradores mais ricos e proprietários de imóveis no Bexiga como algo que causaria desvalor às construções.

Em entrevista por e-mail, a ex-moradora e gerente comercial Cristina, em resposta à pergunta "Como você avalia a questão da moradia dentro do bairro?", disse que antes haviam "muitos membros da mesma família ocupando minúsculos cômodos, hoje são trabalhadores e pessoas avulsas ocupando camas em 'pensões'. As condições de moradia degradaram-se muito" (2019). Outras entrevistas feitas ao longo do trabalho mencionaram a palavra degradação.

Vale contextualizar que, se antes quem vivia nos cortiços eram em sua maioria brasileiros negros que ocuparam inicialmente o Bairro, hoje eles são também moradia de migrantes de diversos estados do Nordeste, bem como de imigrantes e refugiados vindos de países africanos e caribenhos, populações cujas culturas e histórias pouco aparecem relacionadas ao Bexiga – e isso mesmo após décadas de presença ali, no caso dos moradores nordestinos. Em campo, foi notório como a experiência de morar em cortiço no Bairro foi compartilhada por quase todos os moradores negros ouvidos, enquanto apenas por uma moradora branca. Para a produtora cultural Silvia, 46 anos, a população nordestina é "a comunidade que está sendo mais do que esquecida: está sendo lembrada e desprezada. E uma hora vão atacar lá", disse em 2020. A seguir, fotos mostram conjunto de casas com entrada comum e placas de locação de quartos.

Figura 13 - Conjunto de casas no Bexiga

À esquerda, conjunto de casas onde vivem diversas famílias na rua Almirante Marquês de Leão; à direita, detalhe de casa com quartos para locação na rua Rui Barbosa, 2017. Crédito: Adriana Casarotto Terra

Figura 14 - Placas de locação de quartos em pensões

Placas informam vagas em quartos de casas na rua 13 de Maio, 2017. Crédito: Adriana Casarotto Terra

Também em janeiro de 2020 foi ouvido em campo o cabeleireiro Ray, de 45 anos, maranhense, negro, que chegou ao Bexiga em 1992, vindo da cidade de Caxias (MA). O morador trabalhou em salões de beleza de terceiros antes de empreender em seu próprio comércio, no mesmo endereço em que hoje vive, na rua Major Diogo. Nesse entremeio, graduou-se em Direito e fez cursos na área de cenografia. Ele conta que enfrentou preconceito por sua origem, especialmente em relação ao modo como fala: o vocabulário, a pronúncia das palavras. Explica que, por um tempo, dedicou-se a uma pesquisa sobre linguística, a fim de se munir de argumentos para rebater comentários ouvidos. Para ele, o Bairro tem trechos mais ricos e outros mais pobres, lugares em que há características periféricas representadas pelas formas de moradia, pequenos "guetos" onde há fragmentos de uma riqueza antiga. A entrevista com ele foi feita em seu comércio em uma manhã de dia de semana.

Periférico eu abordo as pensões, os cortiços invadidos, condições precárias, imigração interna da população brasileira de estados que vem com expectativa de melhorar na vida, uns vão e outros não, e às vezes terminam morando em condições inacreditáveis, dentro do próprio Bairro da Bela Vista. Existem blocos ou miniguetos dentro da Bela Vista. Quando eu digo que tem uma pluralidade, eu trago isso que eu considero subjetivamente gueto, que não existe na divisão geográfica, mas na realidade fática existe. Se observarmos as ruas e o que acontece em cada região a gente vai ver claramente. Na região da [avenida] Paulista eu não vou chamar de classe baixa. Vou classificá-la como alta e altíssima. Ao contrário de algumas ruas como parte da Paim, parte da Abolição. Nenhuma delas generalizada, mas predominante. Porque vão haver exceções. No meio de uma rua dessas, vai ter uma antiga casa com um italiano de classe média alta que não quer deixar suas raízes. Ali tem uma história, não é um valor em dinheiro, é um valor sentimental, dos antepassados, da bisavô. Quando eu falo essa divisão, eu vejo ela objetivamente. Existe quebra de padrão, não é generalizado determinar que rua, viela ou travessa seja generalizado. Isso vai se encaixar com o que venho mencionando: é o mosaico que faz o bairro da Bela Vista. Existem fragmentos de ricos no meio desse gueto todo, até considerado paupérrimo. Parte da rua São Vicente cola ao Morro dos Ingleses, onde há um conflito, uma contradição de mundos bem notória, visível. É um choque. Existe ali um posto de gasolina, ponto geográfico para demarcar território. (grifos nossos)

Ray (2020) diz: "É o mosaico que faz o bairro da Bela Vista" – usa, dessa forma, a mesma palavra de Bógus e Tashner (2001, p. 43) em citação que aparece na primeira seção deste trabalho: "espaços sociais mistos ou de estruturação social mais complexa, tecido indistinto, retalhado e remendado, um complicado mosaico urbano, um verdadeiro caleidoscópio".

Apesar de mencionar nem sempre haver uma divisão "geográfica", o morador explicita trechos físicos que funcionariam como fronteiras: o posto de gasolina da esquina da rua Conselheiro Carrão com a rua Doutor Luís Barreto que, nesse pedaço, muda de nome para rua

dos Ingleses seria um exemplo. Sua fala sugere a ideia de uma fragmentação do Bairro e de eventuais quebras de padrões. Destacamos ainda o que o morador chama de "miniguetos", palavra que voltaremos a ouvir de outros entrevistados. Cabe também notar a conexão que seu depoimento traz entre a imigração europeia ("um italiano de classe média alta") e o valor histórico e afetivo da propriedade (os "antepassados", a "bisa").

Para o comerciante Bruno, 72 anos, em entrevista realizada em março de 2019, o Bexiga "é um Bairro pobre, mas dentro do contexto da Cidade. Não acho que é uma periferia aqui, não, até mesmo porque tem um monte de coisa aqui, comércio, teatro. Talvez tenha sido no começo, porque estava ao redor do centro, que era caro", disse ele, questionado se o Bairro seria mais central ou mais periférico. A reflexão sobre a possibilidade de o Bairro ter sido inicialmente uma "periferia" (ao redor do centro, mais pobre e um tanto distante, considerando as distâncias na época, que ao nosso olhar contemporâneo estão muito próximas), se relaciona com o relatado em estudo por Schneck (2010, p. 11) e já referido na segunda seção deste trabalho: "Até o ano de 1877 esta chácara ainda aparece nas plantas da cidade como região periférica", diz a autora.

Em outra entrevista realizada para este estudo, a moradora Águida, comerciante de 44 anos, reforça a ideia da fragmentação, e também do preconceito, quando questionada se o Bairro seria mais homogêneo ou heterogêneo. A conversa com ela se deu em fevereiro de 2019 em um cômodo da casa que aluga, com cozinha e quintal compartilhados, na região do Saracura.

Existem pedaços distintos. Se você for, digamos, na [rua] Plínio Barreto, já é um povo mais diferente. Eu tenho uma amiga que tem um barzinho lá onde eu vou, mas já é outra tribo de faculdade. Aqui na rua [Rocha] tem um povo da [F]GV [Fundação Getúlio Vargas] mal educado que mescla com nós, não respeitam o povo do Bairro, ficam bebendo na calçada. Agora onde você encontra todas as tribos é na [rua] 13 de Maio (...) Sendo que tem o preconceito também, se você ficar parado analisando você vê coisas horrorosas. (grifo nosso)

O ex-morador ouvido em campo Marco Antônio, 56 anos, analista de sistemas e músico, complexifica as noções de periferia e de centro como lugares apenas pobres ou apenas ricos. A referência de centro aparece marcante em sua fala ao comentar sua experiência no Bairro, onde nasceu e morou até meados da vida adulta, lugar que para ele é muito mais central do que periférico. Nesse sentido, infraestrutura e possibilidade de acesso ao que estava ocorrendo no mundo são fundamentais, mais do que possibilidades econômicas, por exemplo. A entrevista com Marco Antônio foi realizada em abril de 2019 em Itaquera, na Zona Leste de São Paulo, para onde se mudou após comprar um imóvel.

Eu nasci na [rua] Conselheiro Ramalho. Tinha um vilão daqueles tipo italianos, um casarão antigo. Era uma vila e aquilo ali era um cortiço. Eu morava num

cortiço. No centro, Bela Vista, centrão da cidade, mas num cortiço. Daí fica meio difícil de você definir, porque aqui na periferia mesmo, onde eu moro, tem uns casarões, tem muita gente com grana. Não é assim que todo mundo é assalariado, tem uns caras de poder. Lá [no Bexiga] não era um bairro rico. Tinha os *predições* da [avenida] Paulista, mas ali na Bela Vista onde a gente morava era pé na chão. Mas também não se compara ao que era a periferia onde não tinha asfalto, ali pelo menos a gente tinha asfalto. Inclusive eu não quis morar na periferia antes, porque eu fiquei sabendo que onde eu ia morar a padaria era uma perua que passava. Eu tinha me inscrito na Cohab (Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo) quando eu tinha 18 anos. Então pra gente o centro era Nova York, você entendeu? E depois também tinha a questão de informação na Bela Vista. Ali era um centro cultural. A gente tinha muita informação. E acho que tem mais a ver com assistência, as periferias são menos assistidas, e até certo tempo teve um tom pejorativo – e de fato tudo chegava, e chega até hoje, mais lentamente nas periferias. (grifos nossos)

A fala do ex-morador sugere que pensar periferias e centros implica, de certa forma, em pensar pontos de vista também. Em relação à avenida Paulista, a parte do Bexiga em que ele morava, a rua Conselheiro Ramalho, era "pé no chão". Mas em relação a bairros mais distantes da Sé, tomada como Marco Zero da Cidade, "era Nova York", um local privilegiado em termos de acesso, onde a informação chegava, um centro cultural. No entanto, mesmo com mais urbanização, ali não deixaria de ser um "gueto". Marco Antônio (2019) segue:

Eu lembro que na época que a gente ia nos bailes a gente até ironizava o pessoal que morava nas periferias falando "ó os *pé de barro*", quando eles saíam com uma menina que a gente queria pegar. E pra eles a gente era "nego boy", "nego rico", "preto metido", como se a gente fosse os riquinhos. Mas na Bela Vista os nossos guetos eram diferentes dos guetos deles. A gente tinha mais informação, mais urbanização, mas era o nosso gueto, a nossa quebrada. (grifo nosso)

Importante abordar o conceito de gueto, dado seu aparecimento em mais de um depoimento, em vez de usá-lo de maneira meramente descritiva, da mesma forma que se objetiva refletir sobre periferias e centros. De origem italiana, a palavra foi inicialmente usada para designar agrupamentos forçados de judeus na Europa Medieval, posteriormente usada para falar sobre a experiência negra na metrópole do século XX e sobre a marginalidade étnica na África e na Ásia Oriental. Segundo Wacquant (2004, p. 155):

(...) o gueto revela-se como um dispositivo sócio-organizador composto de quatro elementos (estigma, limite, confinamento espacial e encapsulamento institucional) que emprega o espaço para reconciliar seus dois propósitos contraditórios: exploração econômica e ostracismo social. O gueto não é uma "área natural", produto da "história da migração" (como Louis Wirth defendia), mas sim uma forma especial de violência coletiva concretizada no espaço urbano.

Wacquant (2004, p. 158) diz ainda que o gueto "é uma forma muito peculiar de urbanização modificada por relações assimétricas de poder entre grupos etnoraciais", e sua ambivalência reside no fato de que, a despeito de ser construído a partir de opressão e desigualdade, pode resultar em comunidades com senso de pertencimento e orgulhosas do modo como se organizaram. Ele coloca:

O reconhecimento de que o gueto é um produto e um instrumento de poder de um grupo permite-nos a apreciação de que na sua forma completa ele é uma instituição de duas faces, na medida em que serve a funções opostas para dois coletivos aos quais une em uma relação assimétrica de dependência. Para a categoria dominante, sua função é circunscrever e controlar, o que se traduz no que Max Weber chamou de "cercamento excludente" da categoria dominada. Para esta última, no entanto, trata-se de um recurso integrador e protetor na medida em que livra seus membros de um contato constante com os dominantes e permite colaboração e formação de uma comunidade dentro da esfera restrita de relações criada. (WACQUANT, 2004, p. 159)

Wacquant (2004) alerta também para o fato de que o gueto nem sempre representa pobreza, mas divisão racial e cultural, dimensão importante ao analisarmos o Bexiga. A ideia de Bairro-mosaico, diverso e desigual, parece não se restringir a uma questão de renda, embora ela seja um marcador importante, dizendo também respeito à desvantagem de grupos socialmente racializados (população negra, população de diversos estados do Nordeste brasileiro) que vivem ali, bem como ao preconceito que sofrem nesse espaço.

A seguir, será feita a reflexão sobre como, em um cenário fragmentado como esse, agrupamentos sociais variados, percepções de interesses e vontades comuns ou conflitantes, bem como a vida intensa na rua e as relações constituídas ajudaram a criar ora elos e amizades, ora embates e discordâncias, produzindo uma identidade complexa.

4. AS RELAÇÕES HUMANAS, A RUA E O LAZER

4.1. A experiência dupla e a confiança

A compreensão de alterações urbanísticas, como a canalização de rios e a abertura de ruas e avenidas impulsionando o mercado imobiliário, bem como a contextualização das condições de moradia nos ajudam a entender um pouco a forma como se acomodaram as populações no Bexiga. Se, a grosso modo, a ideia de áreas mais ricas e áreas mais pobres parece repetir uma estrutura histórica na Cidade de São Paulo, com as partes altas privilegiadas em detrimento das baixadas, foram colhidos também na terceira seção deste trabalho relatos de fragmentações no interior do Bairro: o casarão de uma família de classe média alta em meio a um pedaço de maioria pobre, o sobrado que serve de moradia coletiva ou a pensão que ocupa uma área com prédios voltados para camadas socioeconômicas mais altas.

Nos depoimentos, aparece uma ideia de periferia social – de condições de vida difíceis, distância social –, articulada à uma ideia de centro recorrente, percepção vinculada à localização e à possibilidade de acessos. A proximidade que permite certo convívio, ou contato, entre pobres e ricos, brancos e negros, imigrantes e migrantes, bem como oportunidade de usufruto de uma infraestrutura privilegiada não seria suficiente, entretanto, para garantir acessos iguais a todos.

Ambas essas noções em campo, jogando uma com a outra, tornam a experiência de vida do morador do Bairro "dupla" – desdobrando aqui conceito de Hall (2003, p. 55), que fala sobre como o colonialismo opera na sociedade contemporânea, tentando "inserir o colonizado no 'tempo homogêneo vazio' da modernidade global, sem abolir as profundas diferenças ou disjunções do tempo, espaço e tradição"²⁸. Em um comparativo, podemos pensar no colonialismo enquanto a urbanização da Cidade, acomodando sujeitos diversos em um mesmo local, o Bexiga, entendido como parte da metrópole moderna, do centro cultural e social de São Paulo, mas que não conseguiu, até hoje, vencer as suas assimetrias, as suas desigualdades, reparar os danos de uma abolição precária e de uma tradição seletiva.

No entanto, em meio a essas assimetrias, destacam-se também características de elos e relações de afeto e amizade, de ajuda e construção de pertencimento. Vai dizer Hall (2003, p. 67) sobre a noção de comunidades, enfocando grupos etnicizados na Inglaterra:

²⁸ Bhabha, 1994; Hall, 1996a, apud HALL, S. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

Um sinal de que elas ultrapassaram as categorias do senso comum é o fato de que servem de exemplo de um 'senso de comunidade' que a sociedade liberal supostamente perdeu e, ao mesmo tempo, são os significantes mais avançados da experiência metropolitana do pós-moderno urbano!

Ou seja, ao mesmo tempo em que lugares marcados pela migração e pelo multiculturalismo seriam vistos como focos de resistência e união, exemplo do que a sociedade liberal teria deixado para trás, eles seriam também um arquétipo da experiência urbana contemporânea, com pessoas de diferentes origens e culturas, representando uma nova configuração cultural das cidades. Hall (2003, p. 62) fala ainda sobre como a existência dessas comunidades de migrantes na Inglaterra trouxe "as margens para o centro, o 'particular' multicultural disseminado para o centro da metrópole ocidental".

Traçando um paralelo com o pensamento do autor, as características do Bexiga evocam um multiculturalismo – Bairro africano, italiano, nordestino, de migrantes caribenhos, palestinos, Bairro do samba, do pagode, do *rock*, forró e teatro. Esse multiculturalismo pode ser pensado ignorando as suas contradições, em uma leitura que busca "'administrar' as diferenças culturais da minoria, visando interesses do centro" ou pode ser pensado enfocando "o poder, o privilégio, a hierarquia das opressões e os movimentos de resistência" (MacLaren, 1997, apud HALL, 2003, p. 53), buscando alterar a realidade a fim de proporcionar vida digna para todos.

Ao ser questionado sobre as características que, em sua visão, representariam bem o Bairro, o comerciante Bruno, de 72 anos, disse enxergar o Bexiga ainda solidário – mesmo tendo se mostrado, na entrevista realizada em março de 2019, uma pessoa bastante realista e avessa à romantização das desigualdades locais que ele tanto percebe. "Bem ou mal as pessoas se comunicam, se conhecem de certa maneira", falou ele.

O morador Ray, cabeleireiro de 45 anos que também relatou discriminação vivida no Bairro devido a seu sotaque diz que – apesar disso – nunca pensou em morar em outro lugar de São Paulo. A entrevista com ele foi feita em janeiro de 2020 em seu salão. Ele disse, na ocasião, acreditar na importância de criar raízes, justificando:

[Porque] eu não sou mais uma pessoa estranha no barzinho, no açougue, na padaria, e assim sucessivamente. Eu termino sendo uma pessoa um pouco esquecida alguns momentos, e já fui no açougue e mandei pesar carnes que eu desejava e não tinha dinheiro. Quando você fala de raiz eu menciono isso porque se eu não tivesse em um local onde eu fosse conhecido, tivesse aquele elo de ligação, eu terminava não trazendo a carne. Nosso Bairro ainda tem alguns comércios que fazem venda no caderninho. Quando a gente fala de raiz são inúmeros fatores. (grifo nosso)

Ambos os entrevistados reconheceram questões que os desagradavam no Bairro, mas conseguiam ver ali uma noção de relações humanas, de trocas, ainda viva. A ideia de centro costuma ser atrelada a uma impessoalidade, e o Bexiga seria, em certa medida, diferente disso: Ray (2020) fala da confiança do comerciante nele, do ser conhecido e ter uma reputação, do sentimento de ter raiz, de ter um lar. Embora caiba aqui também entender essa relação de confiança mencionada como parte de uma negociação, de um arranjo dentro da hegemonia: o comerciante precisa dos clientes que nem sempre podem pagar na data.

Segundo Francisco (2018, p. 114), "no processo de metropolização de São Paulo há um fetiche (de cidade) cujo sentido é o moderno e tem sua realização efetivada através do processo (pretendido) de modernização". Esse processo que é idealizado parece tanto abarcar a cidade verticalizada e feita para o trabalho, a cidade fria e impessoal de prédios e muros altos – ou seja, esse centro social e cultural, simbólico, do qual falamos –, quanto a cidade multicultural pós-moderna mencionada por Hall (2013), a São Paulo de gente de todos os cantos, mas vista sem considerar as suas hierarquias (e não a cidade multicultural revolucionária, que rompe com elas), artificial e adaptada como um produto útil na preservação de uma estrutura desigual.

Dessa forma, o Bairro parece não ter se modernizado como outras partes do centro de São Paulo – ele ainda é familiar, nele ainda as pessoas se falam na rua – e sua característica multicultural – ele é familiar, mas tem gente de muitos lugares –, ao ser entendida de maneira apaziguada e sem conflitos, seria usada para lhe situar na Cidade, dar-lhe uma feição metropolitana contemporânea dentro de um pensamento hegemônico liberal. No entanto, a pesquisa crê que ao abordar essa característica multicultural valorizando a relevância de suas tensões, de seus conflitos, ela pode ganhar potência, abrindo caminhos para uma transformação.

Sobre a importância do processo de situar, de dar uma "cara" para a Cidade, Frúgoli Jr. (2000, p. 33) diz que "ainda que em crise, vemos como, para muitos atores, a interação social típica dos grandes centros define em grande parte uma identidade à metrópole, devendo por isso mesmo ser mantida ou recriada". É uma dimensão que tem, portanto, um papel importante na identidade das cidades. O Bexiga, como parte da região central paulistana, não fica de fora dessa construção – sua identidade é, assim, parte de uma disputa maior do que o bairro.

Em uma tarde de janeiro de 2020, foi ouvida como parte da pesquisa de campo a moradora Solange, de 62 anos, funcionária da indústria aposentada, paulista, negra, nascida, criada e residente no Bexiga, na sala de seu apartamento na rua Abolição. Na ocasião, ela disse:

Ele (o Bexiga) é central, mas não tem nada a ver com o pessoal da República, entendeu, e outras áreas centrais. Uma parte especificamente da Bela Vista, você

tem tudo na mão mas você tem essa coletividade, é o cabeleireiro, a mulher da floricultura que te cumprimenta e sabe sua história. Pode não ter aquela amizade, mas são pessoas que sabem quem você é. "Depois você paga aqui". E outros bairros centrais que não são de ninguém, você não tem isso, as pessoas não sabem quem você é. E o Bairro tem isso, as pessoas podem até não te cumprimentar, mas têm sua história pra contar. Eu aviso meu filho que não vai dar tempo de fazer almoço e ele desce e pede no seu Nirlando uma marmita e [fala]: "depois minha mãe paga". Precisa fazer um trabalho, tira o xerox e depois eu acerto. E isso é muito bairrista, você só vê em vila. E aqui tem. Não sei te explicar por que, porque é região central, mas esse vínculo existe, não foi morto, seja para qualquer tipo de comércio: banca de jornal, restaurante, açougue, costureira... É aquela história: mas no Bairro tem muita *conchetta*, muita gente fofqueira. Mas faz parte, porque aqui todo mundo cuida de todo mundo, pro bem ou pro mal. Eu saio, vou no salão do meu amigo, se alguém toca meu interfone, o porteiro ou alguém da rua capaz de falar assim: "ela saiu agora com o neto dela, foi em sentido Major Diogo, deve ter ido no supermercado", e a pessoa vai me procurar na rua. Aqui a gente tem um morador de rua já faz uns 10, 15 anos. Eu voltava de madrugada uma vez, tô descendo do táxi no posto onde ele dormia, e no outro dia ele: "eu te vi, chegando às 3h da manhã, você e sua amiga". Você vê que até o morador de rua cuida da sua vida... (grifos nossos)

Ao falar sobre a aparente incoerência em relação ao Bairro com cara de "vila" ser "geograficamente" central, Solange (2020) reforça o papel da coletividade, da confiança, do crédito (como destacado pelo morador Ray), das relações de cuidado entre as pessoas, características que afastariam o Bairro do estereótipo de uma São Paulo impessoal. No entanto, ao abordar sua preocupação com a circulação de crianças na rua, mencionando o caso de um menino da vizinhança que havia desaparecido na véspera da entrevista feita para esta pesquisa, ela faz referência também a esse centro frio, distante. Talvez porque ambas as dimensões tenham graus de atuação no Bexiga. Fragmentado, o Bairro mantém características, mas também incorpora outras ("os dois Bexigas" que a moradora irá mencionar a seguir). Ao lado do centro – região movimentada, verticalizada, de grandes comércios e escritórios, com gente de todo lugar circulando –, sair de seus limites é fácil. Disse, na ocasião, Solange:

(...) aqui você fica mais exposto – pela proximidade do centro e pelo abandono das mães. A criança fica mais vulnerável porque não tem o policiamento do Bairro, hoje em dia tem muita gente de fora. E fica à mercê desses dois Bexigas, mais o pessoal do centro, porque ele está brincando aqui e de repente pode estar na República. Pra gente, foi pro Masp, saiu do bairro. Tá muito perto, mas já foi pra uma zona em que ninguém o conhecia. (grifo nosso)

O produtor audiovisual Paulo, de 73 anos, trabalhava em um projeto acerca da presença nordestina no Bairro no período em que foi realizada a entrevista para esta pesquisa, em julho de 2019. Na ocasião ele disse crer que "o Bexiga é uma das poucas coisas do Brasil que perdeu o

nome, mas manteve a identidade". Ao falar do nome, ele se refere à mudança oficial para distrito da Bela Vista, em 1910, como abordado na segunda seção do trabalho. A ideia de comunidade aparece outra vez – conseguir "ver as pessoas" no Bairro, ter noção de quem são elas:

Estamos falando de 109 anos, veja, já era pra ninguém chamar isso aqui de Bexiga. Mas pra mim e pra muita gente que eu conheço é Bexiga. A Vai-Vai quando entra na avenida fala "olha o Bexiga". (...) E é uma das poucas coisas que manteve a identidade. E acho que quando você precisa ter tradição de resiliência, de manter um pouco a história da cidade... Aqui é um Bairro em que você anda em qualquer lugar. (...) E o Bexiga tem muita vida comunitária, a Achiropita tem mais ou menos 800 famílias que fazem a festa, na Vai-Vai são 4 mil componentes. Então você consegue ver as pessoas. (grifos nossos)

A produtora cultural Silvia, 46 anos, ex-moradora com quem conversamos em janeiro de 2020, disse na ocasião não enxergar algo que fosse mais tão representativo do Bexiga. Mencionou figuras notórias que, segundo ela, "gritaram mesmo pelo Bairro". No entanto, acerca de uma noção comunitária, embora visse muita "competição", disse que ainda era possível enxergar uma relação de ajuda, citando como exemplo a doação de leite entre vizinhos – algo próximo à ideia de solidariedade colocada pelo comerciante Bruno, e também de confiança mencionada pelo cabeleireiro Ray. Nesse momento, aparece uma noção de pertencimento e identidade que sua fala, inicialmente, parecia descartar:

Hoje eu enxergo a Bela Vista, o Bexiga, enxergo como a última comunidade central que lutou muito. De pessoas trabalhadoras mesmo, de mães, famílias que lutaram tanto pra manter ali com uma cara de comunidade. Só que parece que eles estão mandando a comunidade embora. (grifo nosso)

Silvia (2020) então localiza o sentido de comunidade, não o estendendo a todo o Bairro:

Na minha concepção, a Bela Vista... preciso passar bem o meu sentimento. As pessoas que organizam, que eu conheci depois de alguns anos... que eu conheci aquela comunidade carente, eu não conheci o lado que eu chamo de elite. Que sempre tem: a elite, a média, a ralé. A elite eu não conhecia. Eu conheci nos meus primeiros anos de vida o lado mais carente. Mas eu lembro que nessa época existiam pessoas que cuidavam dos projetos para tentar fazer com que o Bairro ficasse melhor, mantivesse aquele ar de comunidade, tipo um bairrinho do interior no meio de São Paulo. A Bela Vista sempre teve muito isso. O Bexiga, não. Não sei se ele teve antes de eu conhecer melhor ali. A elite são as cantinas, casarões, e pessoas que falam que fizeram alguma coisa pelo Bairro, mas eles fizeram pra se beneficiar, pra manter os comércios bem frequentados, ganhar o dinheiro e manter o domínio daquela parte. Eles estão preocupados com a parte deles, a Bela Vista eles querem que se dane. A comunidade vendo isso, porque existe uma comunidade, as famílias que gostavam de fazer aquelas festas pro pessoal sem muito apoio... Por exemplo, o seu Alfredo (...) ajudava mesmo todo mundo, não preocupado com o que eu vejo que a elite do Bexiga é preocupada: em fazer grandes eventos. Inclusive, hoje eu penso assim: a elite do Bexiga, o interesse único e exclusivo dela é o de dominar um Bairro que logicamente é um

bairro cultural, só que além disso, nesse centro cultural, existe um monte de famílias necessitadas, e eles não estão ajudando essas famílias, eles não vão ajudar essas famílias. Inclusive, se eles puderem tirar essas famílias de pobres dali para tornar um Bairro culturalmente que não tenha mais nem um botequinho aberto com um baianinho trabalhando ali, o que eles mais querem é tirar todo baianinho, todo nordestino dali. Eu não estou falando isso para queimar o filme, mas de sentimento mesmo. (grifos nossos)

Questionada se seria possível indicar geograficamente a comunidade citada, Silvia (2020) fez referência aproximada ao lado da Rui Barbosa em direção à avenida 23 de Maio, pedaço onde cresceu. É importante considerar que, apesar disso, uma comunidade não se restringe a sua delimitação espacial. Segundo Nisbet (1977, p. 215), "o termo abrange todas as formas de relacionamento caracterizadas por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral, coerção social e continuidade no tempo".

Interessante lembrar aqui de um dado já citado na primeira seção do trabalho acerca dessa mesma entrevista: a produtora cultural contou que, na infância, pouco ouvia o nome do Bairro – "não tinha esse fervor que tem hoje de falar em Bexiga nas redes sociais". No depoimento de Silvia (2020), a noção de um bairro "cultural" pensado pelas camadas mais ricas aparece como uma dimensão que esconderia, ou ao menos não abrangeria, o lado mais pobre do Bairro. Também cabe aqui compreender que a ideia de cultura, nesta fala, não tem relação com a ideia de cultura como modos de vida, práticas cotidianas, mas no sentido de produto cultural.

A noção de bairro cultural e ao mesmo tempo com carências sociais aparece, de igual maneira, no depoimento de Jorge, de 38 anos. Além de administrar um bar, ele atuava, na época da entrevista, realizada em abril de 2019, na organização de um projeto de lazer comunitário e na Escola de Samba Vai-Vai. Disse ele, na ocasião:

Vou falar pra você: [a oferta cultural do Bexiga] dificilmente é pra elas (populações mais pobres do bairro). Porque a gente não encontra uma peça teatral na rua, a gente até encontra algumas mostras de cinema gratuitas (...), mas a informação não chega em todas as pessoas que tem que chegar. É um Bairro muito voltado ao artista, mas as pessoas que vêm assistir esses artistas não são daqui. São pessoas com um poder aquisitivo maior e que conseguem – não que pessoas que morem aqui não tenham o poder aquisitivo, mas é que as pessoas talvez achem que não é pra elas. Então também rola muito essa coisa do pessoal que mora aqui plantar uma barreira, e o outro lado ter uma barreira natural. (grifos nossos)

Em 1989, Scarlato (p. 127) escreveu que "o Bexiga, mais uma vez passa a ser um símbolo das contradições do urbanismo capitalista. Quanto mais cresceu a 'indústria do lazer' mais a sua população viu-se privada de ingressar nesse mercado". Depoimentos como os de

Jorge e de Silvia provocam a reflexão sobre a continuidade dessa lógica, bem como sobre o lazer visto no âmbito da indústria. Aqui, reforça-se mais uma vez a experiência do duplo: estar em uma mesma localidade, mas não ter parte em todos os benefícios que ela oferece.

A partir do que foi percorrido nesta subseção, entende-se ainda que a noção da experiência dupla pode ser uma ferramenta para refletir, além do âmbito social e racial das desigualdades no Bairro, o âmbito cultural, das formas de se viver a Cidade no cotidiano: estar em um espaço em que as pessoas se conhecem, mantêm relações de confiança importantes e valorizadas em seus reconhecimentos como cidadãos, e ao mesmo tempo estar vizinho a um espaço (centro) mais impessoal, em que uma criança não é cuidada na rua.

Esse "duplo" parece influenciar uma identidade forjada no conflito: seja da comunidade que não é o Bairro todo e que luta para permanecer ali, diante de interesses que não a enxergam ou não a incluem – o comércio, o mercado do lazer; seja dos moradores antigos que percebem novos moradores, de condições econômicas e origens variadas, chegando com outros hábitos. É sobre esses conflitos, e sobre os seus simbolismos, que se concentra a próxima subseção.

4.2. Identidade no conflito e na resistência

Durante a pesquisa de campo, as entrevistas com moradores afastaram a ideia de uma coletividade harmônica – o fluxo de residentes e os interesses diversos são pontos já mencionados no trabalho que tornariam isso difícil. "No Bexiga tem umas quarenta organizações e cada uma quer uma coisa", disse uma das pessoas ouvidas. No entanto, não são poucos os relatos de convívio e amizades duradouras vinculados à percepção de uma vida comum, dividindo o Bexiga em grupos que podem ter a ver com localização (determinada rua ou pedaço do Bairro), lugar de origem (migrantes, imigrantes), questões raciais, camada socioeconômica, interesses comerciais e financeiros, interesses culturais e artísticos, interesses esportivos, modos de enxergar o mundo, constituindo grupos ou comunidades que eventualmente se conversam, se entendem ou entram em conflito, em embates, produzindo relações de acordo com os contextos locais. Percebeu-se como tanto a ideia de divergências quanto de alianças estão presentes por ali, reforçando essa identidade no relacional.

A comerciante Águia, de 44 anos, criada e residente no Bairro, afirmou ter grandes amizades no Bexiga, porém mencionou mais de uma vez situações de racismo vividas ali. A entrevista com ela foi realizada em fevereiro de 2019 em sua casa. Também na pesquisa de

campo, a moradora Solange (2020), funcionária da indústria aposentada, citou a expressão "comunidade da Bela Vista" – que a produtora cultural Silvia, ex-moradora, mencionou na segunda seção do trabalho. Em seu relato, Solange fez referência a um contato tensionado envolvendo um símbolo cultural e de lazer do Bairro:

Depois dos prédios que começaram a maior parte dos conflitos, que o pessoal veio pro centro imaginando que ia estar só próximo ao centro, e não da comunidade da Bela Vista, que é a guerra, né. O que eu falo da Vai-Vai: "nossa, tem que parar o ensaio às 20h". Gente, o Vai-Vai chegou antes de todo mundo! Se fosse o inverso, de boa. O Vai-Vai demorou anos e anos pra conseguir aquilo lá (o espaço). Agora o barulho da Escola de Samba atrapalha... eu não entendo. Eu não entendo. Você comprou ou alugou lá pelo seu livre arbítrio, a Escola de Samba já estava lá. (grifos nossos)

A fala da moradora reflete uma discordância conhecida. Noticiada com frequência na imprensa como divergência corriqueira em torno do barulho, as reclamações de moradores acerca do samba evocam também diferentes visões de Cidade e de lazer, relacionando-se com questões sociais e raciais que parecem estar sempre à flor da pele dos acontecimentos no Bexiga, interferindo na forma como seus moradores se identificam e até mesmo como se organizam.

Ao comentar as reclamações de moradores sobre barulho, o gerente comercial Jorge, de 38 anos, entrevistado em abril de 2019 em uma tarde no bar que administrava à época, disse:

Tem núcleos, e as pessoas que reclamam são pessoas que não moram aqui. Moram em outro lugar, e pelo fato de o pai ter um comércio, por terem apartamentos, querem a valorização do imóvel, não estão preocupadas com o bem-estar das pessoas que vivem aqui. Então quer dizer que as pessoas devem viver aqui sem nem um tipo de alegria, de festa, sem nenhum tipo de evento? Elas têm que ter utilidades dentro do Bairro em que moram, residem, convidem. (...) Tem pessoas hoje que só têm bens no Bexiga, mas não são mais bexiguenses, não moram na Bela Vista, não são mais da quebrada, e acham que têm que ser como elas querem. A gente tem um Conseg aqui, e eu acompanho, vejo que tem coisas com razão, mas outras, não. Querem barrar coisas que são da natureza das pessoas que moram no Bairro. Não tem como você transformar um bairro que é boêmio, artístico, extremamente cultural, num bairro de classe média alta, que essa é a visão deles. Transformar isso num bairro de classe média alta, acho que esse é o sonho de muitos. Mas felizmente não vai acontecer. Porque eles não conseguem envolver todos os desejos das pessoas, eles podem querer transformar, mas sempre vão existir pessoas que vão ter a mesma capacidade do alto escalão para poder morar aqui e continuar fazendo. Acho que daqui 100, 150 anos ou mais vão existir essas mesmas pessoas, netos, bisnetos, e vão continuar esse fluxo, porque é natural. (grifo nosso)

O depoimento do morador carrega a ideia de uma resistência de populações mais pobres, como também falou Silvia (2020) – "hoje eu enxergo a Bela Vista, o Bexiga, enxergo como a

última comunidade central que lutou muito". Traz ainda a dimensão da tentativa de controle de pessoas que não morariam mais ali – e teriam interesses financeiros no espaço – sobre algo que seria prática tradicional local. Para Jorge (2019), a ideia de parte dos proprietários do Bexiga era transformá-lo em um bairro para populações de alta renda, alterando o uso da rua, as práticas de diversão e lazer. Sobre essa dinâmica da ocupação do espaço público, a reportagem a seguir é um exemplo de como esse cenário costuma ser veiculado na mídia.

Figura 14 - Reportagem aborda conflitos acerca do barulho

Agora
são paulo

Capa Olá! Zapping Nas ruas Grana Trabalho Dicas Defesa do Cidadão Editorial Vencer Show! Brasil Mundo Máquina Domingo é Show!

Nas ruas

19/01/2019

ENVIAR POR E-MAIL

Comunidade se une contra bagunça geral na Bela Vista

Regiane Soares
do Agora

Moradores e comerciantes da Bela Vista, na região central da capital, estão se mobilizando para enfrentar problemas provocados pelo uso irregular de ruas e avenidas do bairro, considerado um dos mais boêmios de São Paulo.

Lixo nas ruas e calçadas, música alta que embala multidões, tráfico de drogas e violência têm, literalmente, tirado o sono de quem mora ou trabalha na região.

O assunto já é alvo de inquérito no Ministério Público do Estado e está na fase final de investigação.

A violência no bairro chegou ao padre Antonio Bogaz, da Igreja Nossa Senhora da Achiropita, que levou uma facada no braço esquerdo na noite de 27 de dezembro.

- [Leia esta reportagem completa na edição impressa do Agora neste domingo, 20 de janeiro, nas bancas](#)
- [Assine o Agora](#)

Resposta

A Secretaria de Estado da Segurança Pública, do governo João Doria (PSDB), disse que as polícias Civil e Militar realizam ações integradas para combater a criminalidade na Bela Vista. Segundo a pasta, de janeiro a novembro de 2018 foram presas 142 pessoas no bairro, além da apreensão de armas e drogas. Segundo a pasta, os comandos das polícias promovem reuniões mensais com moradores, por meio do Conseg, para aprimorar o policiamento local e o esclarecimento de eventuais crimes ocorridos na região. A Prefeitura de São Paulo, sob a gestão Bruno Covas (PSDB), disse que a Guarda Civil Metropolitana de São Paulo estuda a possibilidade de uma base fixa na praça Dom Orione. Segundo a gestão, o local já conta com rondas periódicas e possui seis câmeras instaladas nas imediações que fazem parte do City Câmeras. Sobre o imóvel na praça Dom Orione, a prefeitura disse que pertence à Subprefeitura da Sé e que estuda uma destinação definitiva para o local. Já o banheiro é utilizado pelos artesãos que expõem aos domingos na praça. Com relação ao lixo na rua 13 de Maio, a gestão Covas disse que o horário da coleta domiciliar na via foi antecipado. Desde agosto de 2018, o serviço passou a ser realizado diariamente a partir das 18h. Antes era às 22h. Sobre a tampa do buleiro, a Subprefeitura Sé disse que vai fazer uma vistoria no local e providenciar a reposição.

A reportagem não localizou nenhum representante da escola de samba Vai-Vai para falar dos problemas causados pelos ensaios na rua São Vicente. Ninguém respondeu aos emails enviados na sexta-feira.

BUSCA

VEJA AS CAPAS DE:

Qua Qui Sex Sáb Dom Seg Ter

Agora

1,3 milhão de benefícios do INSS podem ser bloqueados

DE QUE VOCÊ PRECISA? Previdência

PREVIDÊNCIA

- Agende sua consulta pela internet
- Consulte as perícias agendadas
- Peça a declaração de tempo de contribuição
- Veja o andamento do seu processo

FALE COM O AGORA

Tire suas dúvidas, mande sua reclamação e fale com a redação.

Matéria publicada em janeiro de 2019 no jornal Agora São Paulo. Crédito: Reprodução Agora

A matéria chama de "bagunça geral" a situação do Distrito da Bela Vista em janeiro de 2019, tendo como foco mais precisamente o entorno da Igreja Achiropita, na rua 13 de Maio. De acordo com o texto, a conjuntura envolveria música alta, violência, tráfico de drogas, descarte irregular do lixo e a Escola de Samba Vai-Vai, e isso teria culminado em uma facada levada pelo padre local naquele período – evidentemente não é identificado um culpado, mas é elencada uma junção de fatores, o que acaba dando a eles igual peso na história. É relatada a abertura de um inquérito, mas é importante observar que não foi ouvida ou registrada a palavra do único envolvido que é listado nominalmente, ou seja, a Agremiação carnavalesca. É interessante ainda perceber como a reportagem identifica as reclamações como vindas de uma comunidade de moradores, de um grupo residente no Bairro que parece estar unido em um pensamento homogêneo. No entanto, essa é uma postura que não se sustenta segundo os depoimentos colhidos em campo, havendo uma série de dissonâncias.

Não é da competência deste estudo fazer uma análise da questão criminal no Bairro. No que cabe ao recorte desta pesquisa, tentou-se entender como esse tema, no entanto, interfere na experiência de quem vive ali, bem como no imaginário acerca do Bexiga, a partir de relatos em campo. Em 2019, segundo a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP), o 1º Distrito Policial (DP), localizado na Sé, Subprefeitura onde fica o Bairro, registrou 139 casos de tráficos de entorpecentes²⁹. Na área central, ficou atrás do 3º DP (Campos Elíseos). A menção ao tráfico apareceu em algumas entrevistas, de forma não provocada diretamente em perguntas, mas em respostas acerca do que faltaria ou seria problemático no local.

O primeiro depoimento colocado aqui para refletir sobre o assunto é o da moradora Solange (2020), de 62 anos, e envolve a noção de território – a ser lembrada: "o território como um todo se torna um dado dessa harmonia forçada entre lugares e agentes neles instalados" (SANTOS, 2006, p. 154). Disse ela, na ocasião:

As bocas da Bela Vista são uma coisa que não vai sair do lugar. Todo mundo sabe onde tá, onde vende, até isso tem que investigar na hora de mudar. Não vai mudar, não tem jeito. (...) É uma linha tênue, porque eu já nasci com isso na Bela Vista, eu nasci e já tinha bandido. Muda o tipo de bandidagem, droga, arma, mas as pessoas são as mesmas, não tem como você mudar. Então hoje já netos de traficantes me conhecem, eu não tenho que desviar pela minha idade, tem as rodinhas deles, eu vou na mesma calçada, passo com carrinho, eles estão fumando e vão pra outro lado. Fazer o quê? Eu não me incomodo.
- *Tem gente que diz que trouxe uma certa segurança...*

²⁹ SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA. Dados estatísticos do Estado de São Paulo. Disponível em <https://www.ssp.sp.gov.br/estatistica/pesquisa.aspx>. Consulta em: 28 set. 2020.

Mas traz. Você está no seu distritinho em que ninguém vai mexer com ninguém. O pessoal tem medo de mexer porque tem alguém no Bairro que vai correr pelo prejuízo do pessoal da região que ele toma conta, então ele prefere nem abordar, fica proibido dentro dos territórios se envolver. Então acaba te dando uma segurança. (grifo nosso)

Entrevistado em julho de 2019, o produtor audiovisual Paulo, de 73 anos, disse acreditar que o consumo de drogas é mais problemático do que o tráfico no Bairro, e mencionou a existência de um estigma de perigo que não corresponde aos fatos por ali, ou seja, um imaginário de medo exagerado em relação ao local. "O Bexiga tem seus problemas, mas é um bairro muito mais assustador do que real", disse ele, que já viveu em diversas partes da região.

Seu relato insere na conversa a ideia do Bairro como "assustador", e relaciona essa impressão a quem o conhece pouco. A produtora cultural Silvia comenta algo parecido ao citar a época em que sua tia, costureira com quem morava e que a criou, decidiu se mudar do Bexiga:

- Você falou que sua tia começou a achar o Bairro pesado...

O pesado que ela achava era muito bar abrindo, muito bar, barulho. Minha família gostava mais de silêncio. E na época também, nos anos 1990, incrivelmente, não sei se era uma questão de energia, tinha muito acidente de carro... na Rui Barbosa, Humaitá. Fora que nessa época também, não sei se foi quando surgiu o crime organizado, era muita matança. Toda semana matavam alguém da Bela Vista. Então ela começou a ficar apavorada, e sempre me proibindo de não frequentar a Bela Vista, não frequentar a Vai-Vai, "porque você tem que estudar, trabalhar". "Mas eu estudo", eu dizia. "Não, porque você vai conhecer bandido", ela falava. "Tem pessoas boas, eu conheço... tem que entender que tem uma comunidade onde nem todo mundo é bandido, vamos conversar". Mas não teve jeito, ela foi embora, e eu fui depois. (grifo nosso)

Marco Antônio, 56 anos, ex-morador que viveu nos anos 1980 e 1990 no Bairro, conta que não foi a ação do crime, mas a repressão da polícia que marcou a sua experiência ali. "Esse lance da polícia era terrível (...). A maioria ali trabalhava e estudava. Mas a gente passou um tempo terrível, andar nas esquinas era complicado. Fez parte da nossa trajetória, da infância, da adolescência", disse o analista de sistemas e músico, em entrevista realizada em abril de 2019 em Itaquera, na Zona Leste da Cidade, durante a pesquisa de campo.

Os depoimentos mostram como registros de violência, operando tanto na esfera do crime quanto na esfera da repressão policial, interferem no modo como quem vive na região constrói o imaginário acerca dela e constrói também a sua identidade, sua trajetória, como fala Marco (2019). No entanto, a supervalorização da violência (que gera a noção do Bairro como "perigoso") ou a descontextualização dela (que gera a noção de que a violência vem só do cidadão envolvido com o crime, e não da ação policial que controla e reprime) seria um fator de

estigmatização do Bexiga, ou de parte dele, como "lugar de bandido" – que a produtora cultural Silvia contestava ao conversar com a sua tia, por exemplo.

Explicando esse "parte dele": é importante perceber, seja nos relatos de entrevistados, seja na reportagem abordada anteriormente, que o estigma de bairro problemático costuma cair sobre lugares e práticas culturais específicas, bem como sobre os agentes delas – a Escola de Samba Vai-Vai, por exemplo, ou o jovem morador negro que não podia andar tranquilo em seu local de moradia –, sugerindo uma conduta racista de criminalização de espaços.

Retornando ao debate sobre como a identidade do morador é afetada pela presença do tráfico e do crime, mais um depoimento das entrevistas de campo colabora nessa reflexão. Respondendo acerca do valor para se morar no Bairro, se o considerava caro ou barato, a moradora Solange (2020), de 62 anos, discorreu:

O que eu penso na realidade pode parecer um pouco preconceituoso, mas eu tô falando de Bexiga, de gente da minha época e da descendência desse povo. Sou de família humilde, minha mãe trabalhava como doméstica, já morei em lugar pequeno. Para mim – mãe, separada, um só salário – era caro, era difícil. Só que ao mesmo tempo o que eu vejo do pessoal da minha época, a gente já morou em kit, casa grande meio abandonada, e sempre foi caro, mas tem uma acomodação do pessoal do Bairro. Não tô tirando a questão social, do negro, do salário mínimo. Mas eu não acho que tenha encarecido. Digo isso porque eu conheço três gerações que vêm no mesmo esquema de avô na pensão, adulto que não estudou mas teve oportunidade, e filhos que seguem isso. Dizem que eu dei sorte, mas não viram que eu fui trabalhar, fazer curso, tudo no mesmo bairro. Eu sempre estive aqui, nos mesmos bailes, mesmos sambas, mesmos lugares. Então é complicado. E eu vou bater pra você entender o que eu quero dizer. Tem toda a questão social, que nunca teve e nunca vai ter o amparo que a gente precisa do governo, só que tem outro lado que é um conformismo da pessoa estar no Bairro e se acostumar com uma certa condição. Isso ninguém me tira da cabeça, que eu estou vendo só na terceira geração a pessoa chegar no ensino médio. (...) Eu ainda vejo muito o filho do traficante assumindo a boca que veio do avô, gente que o pai poderia ter oferecido educação em vez de corrente de ouro e [celular] iPhone. Eu acho que muita coisa é o social, mas outras coisas são da pessoa e vejo que isso não muda na Bela Vista. Aqui tem a facilidade de estar ao lado das coisas, e não acontece. Minha mãe teve poucas condições, mas investiu em mim no que pôde. Ela me dava coça se eu fosse no Vai-Vai, mas pagava curso pra mim com salário de doméstica. Tem amigas que dizem "por que você manda o Pedro (filho mais novo) estudar na Vila Leopoldina?". Lá é o dia inteiro, tem psicólogo, natação. Que vai adiantar ele estudar aqui do lado e não fazer nada porque não tenho dinheiro pra oferecer? (grifo nosso)

Atendo-se à inquietação expressa pela moradora em um depoimento bastante pessoal, como ela mesma reforça, e com muitas nuances: a proximidade à infraestrutura urbana, cultural, aparece como insuficiente para "mudar", para fazer "acontecer", para tirar um morador que

eventualmente viva na ilegalidade para atuar legalmente na sociedade. Como se a estrutura de desigualdades que opera ali, e seus desdobramentos sociais, culturais, comportamentais, nem sempre conseguisse ser vencida pelas facilidades "geográficas" da localização. Ou seja, proximidade não se traduzindo invariavelmente em acesso.

Na mesma entrevista, Solange (2020) contou sentir falta de atividades gratuitas para crianças no Bexiga, citando o projeto social Arena Bela Vista como uma exceção articulada pela própria comunidade. Para ela, a oferta de centros culturais locais não se conecta com todos, retornando a um tema já abordado – o Bexiga como "um símbolo das contradições do urbanismo capitalista" (SCARLATO, 1989, p. 127) que não incluiu sua população na indústria de lazer local –, e quem mais sofre são as crianças que moram em condições piores.

Se fosse pra colocar uma coisa [que falta] eu acho que seria atividade infantil, porque as mães não têm tempo e as crianças não podem ir sozinhas. Parque não tem, e há essa carência na primeira infância, principalmente pra quem mora pior e não tem onde brincar. Teu caminho é a rua. Como ficou um bairro muito urbano você tem que deixar na rua, e quanto menor a condição social isso piora, e muitas vezes a criança se envolve com a criminalidade. Então mais parque, projeto infantil, isso falta. As mães não vão levar pro Centro Cultural São Paulo por dinheiro, tempo, falta de informação. Acho que isso na primeira infância faz muita diferença. (grifo nosso)

O morador Jorge (2019), de 38 anos, fez um relato com pontos em confluência com o de Solange (2020). Ele sugeriu, na entrevista realizada em campo, uma permanência de desigualdades – como se elas fossem um "ritual" que enxerga no Bairro.

Eu gosto muito de ajudar as outras pessoas, coisas que eu não tive na minha infância e hoje vendo, tendo uma reflexão, acho que posso ajudar muito. Às vezes as pessoas não enxergam assim, quais são as grandes dificuldades que têm aqui no centro. A gente tem muitas dificuldades: mãe que tem que sustentar cinco ou seis filhos, pais alcoólatras que não respeitam a família, adolescentes que com tudo isso acabam entrando na vida do crime. Que isso parece que é um ritual aqui do Bexiga, da molecada... Eu já fui moleque, já passei isso na pele e sei como é. O que a gente tenta a cada minuto é passar uma visão diferente, que isso vai estar presente mas não é uma coisa que pode ser eterna.

O morador Paulo (2019) também mencionou o aspecto de dificuldades e possíveis colaborações da própria comunidade para reverter essa situação. Atuante, na época da entrevista, em uma organização voltada para crianças e adolescentes do Bairro, uma situação narrada por ele ajuda a mostrar o estigma que os jovens mais pobres sofrem por ali:

Aqui embaixo tinha um abrigo onde moravam doze jovens (...), e eu perguntei se eles não queriam mexer com vídeo. Três se interessaram. Era um feriado prolongado de abril de 1998 e nós tivemos atividade para os três dias. E o pessoal dizia que eles iam roubar meu equipamento. Terminou a gravação, eles

queriam trabalhar com isso. Eu falei com um amigo que tinha uma produtora. E eu mandei um por vez. (...) Depois (...) passamos a trabalhar no Bexiga com crianças, porque tinham muitas entrando no crime com dez, onze anos, e nesse processo saiu um edital da União Europeia (UE) que estava selecionando oito organizações na região central para ser escritório da UE, e nós entramos na concorrência e ganhamos. E aí ficamos quatro anos com eles (...). Agora a gente entrou no mesmo esquema que o [Projeto] Aprendiz, a gente não faz mais trabalho direto, nós fazemos dentro de escolas ou na comunidade. (grifos nossos)

Os três depoimentos – de Paulo, Jorge e Solange – vêm de moradores com perfis e histórias de vida diferentes, nascidos e/ou residentes no Bairro há décadas, e convergem para o aspecto das dificuldades de crianças e adolescentes pobres ali, bem como de suas famílias, frisando ainda o apuro das mães. Esse aspecto é situado a fim de mostrar como as relações que envolvem o espaço do Bexiga não ocorrem em simetria de poderes.

Se há uma identidade local que diz respeito às relações humanas, e muitas vezes essas relações são desarmonicas, conflituosas, é preciso entender o que pesa nessa desarmonia – e as desigualdades social e racial são fatores percebidos na pesquisa, embora não pareçam ser os únicos (há diferenças culturais, religiosas que também podem interferir). Por fim, dos conflitos se cria também resistência, maneiras de seguir adiante, de reconhecer e fazer valer seus direitos nesse espaço, como bem colocam os depoimentos de Jorge (2019) – "transformar isso num bairro de classe média alta, acho que esse é o sonho de muitos. Mas felizmente não vai acontecer. Porque eles não conseguem envolver todos os desejos das pessoas" – e Solange (2020) – "o Vai-Vai chegou antes de todo mundo". Na subseção final, será abordada a relevância do contato na rua, da vida experienciada no espaço público, para o Bairro.

4.3. Na rua é outra batida: o espaço vivido

"Do que você mais sente falta quando não está no Bairro?", foi a pergunta feita ao morador Jorge. Depois de pensar alguns segundos, ele responde: "Eu sinto falta do barulho quando saio daqui". Jorge, 38, foi criado no Bexiga, mas tem família em Carapicuíba, município da Região Metropolitana de São Paulo, onde morou por um período. Quando vai visitar os parentes, diz sentir-se fora de seu lugar. Na época da entrevista, em abril de 2019, ele abria o bar que gerenciava por volta das 15h, onde ficava até a madrugada. Durante a conversa, em uma tarde de dia da semana, quase uma dezena de vizinhos que passou em frente ao estabelecimento o cumprimentou amigavelmente. Ele prosseguiu, explicando:

Aqui não para, tá funcionando tudo, e você funciona nesse tempo. Eu adoro isso. E é o lugar em que eu cresci, então eu adoro o pessoal. Toda hora aparece alguém, a gente troca uma resenha. Eu cresci em apartamento. Sempre morei em apartamento. (...) Mas a parte baixa, a rua, me convenceu desde sempre. É bom saber onde você está pisando. E conhecer lá pra baixo do morro. Pra mim, a Bela Vista, nesse momento, ela é bem mais periférica. Acho que a diferença da periferia pra cá é que aqui é tudo perto de você conseguir as coisas. Quem só passa de carro não conhece nada daqui, agora quem anda, circula, convive, é outra pegada, outra batida. (grifo nosso)

Mencionando a relação entre periferia e centro, a fala de Jorge (2019) traz a importância da rua no contexto abordado. "Quem só passa de carro não conhece nada daqui" é um indicativo tanto de que há mais lugares dentro de um mesmo Bairro, do Bairro-fragmento, como abordado nas segunda e terceira seções do trabalho, quanto da vivência do espaço público como fundamento identitário, do andar na rua para entender onde se está pisando, do se estranhar e do se reconhecer. Interessante também ver como o barulho, alvo de disputas entre moradores e motivo de reclamações que viram manchetes de jornais, é encarado aqui como algo positivo, algo que simboliza não estar sozinho, estar "funcionando" junto.

Marco Antônio, 56 anos, refere-se com carinho ao modo como as ruas do Bairro foram parte importante de sua formação. Ele é ex-morador dali, residente na Zona Leste à época da entrevista, feita em abril de 2019 em Itaquera. Disse, na ocasião, o analista de sistemas:

Acho que eu morei lá [no Bexiga] trinta anos. Morei em dois lugares: na [rua] Conselheiro Ramalho e na [rua] Manoel Dutra com a [rua] 13 de Maio, numa casa de esquina. De lazer era encontrar com a galera no larguinho, a gente tinha a Turma da MJ, [rua] Maria José, e lá que a gente se encontrava pra jogar bola e pra ensaiar pro carnaval, que a gente tinha a ala Sente o Drama. À noite tinha gente direto lá, tinha gente que nunca estudou que ficava o dia todo [por ali]. E a gente se encontrava lá pra ir nos bailes *blacks*, no [estádio do] Palmeiras, no [bairro do] Limão. Em todos os bailes *blacks* da época a gente ia. Eu trabalhava no Banco Francês na [avenida] Paulista, depois trabalhei no centro, no Banco Estadual da Bahia. Mas nunca peguei condução pra trabalhar. Isso que eu adorava. E pra ir pra qualquer lugar da Cidade tinha saída. Ou era a pé que a gente ia. Por exemplo, quando a gente voltava do Limão à noite a gente voltava bem doido a pé. E pegava metrô, ônibus, na avenida Nove de Julho, Paulista, Brigadeiro [Luís Antônio]. (grifos nossos)

O fato de o deslocamento ser fácil no Bairro – ir a pé ao trabalho, pegar pouco transporte público e, quando pegar, ter oferta boa e próxima – é um dos marcadores mais importantes relacionados à percepção e à identidade de centro entre os moradores entrevistados. O depoimento de Marco Antônio (2019) abrange ainda a importância da vida social experimentada no espaço público: encontrar amigos, jogar bola, preparar-se para o carnaval, ficar na rua. Embora os interesses que operem no Bexiga não sejam homogêneos, mas múltiplos e por vezes

divergentes, é interessante entender como certos hábitos vêm se mantendo há décadas por ali. Cabe aqui aproximar o conceito de Williams (2011) acerca da "persistência de práticas residuais", sugestionando a importância simbólica delas:

Por "residual" quero dizer que algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante são, todavia, vividos e praticados como resíduos – tanto culturais quanto sociais – de formações sociais anteriores. (...) Uma cultura residual está geralmente a certa distância da cultura dominante efetiva, mas é preciso reconhecer que, em atividades culturais reais, a cultura residual pode ser incorporada à dominante. Isso porque alguma parte dela, alguma versão dela – sobretudo se o resíduo é proveniente de alguma área importante do passado – terá de ser, em muitos casos, incorporada se a cultura dominante quiser fazer sentido nessas áreas. Também porque, em certos aspectos, uma cultura dominante não pode permitir que muitas dessas práticas e experiências fiquem fora de seu domínio sem correr certo risco. Assim, as pressões são reais, mas certos significados e práticas genuinamente residuais, em alguns casos importantes, sobrevivem. (WILLIAMS, 2011a, p. 56-57, grifo nosso)

A relevância do espaço público parece ser o que torna o Bairro tão atraente (e, por vezes, também fetichizado) quanto alvo de brigas entre moradores, comerciantes e poder público. É um fator de identidade do Bexiga. Manifestado pelo jogar bola, pelos "rachas" de bicicleta, pelas batalhas de capoeira, rodas de samba, festas de santo, por corridas de carrinho de rolemã, crianças empinando pipas, piscinas de plástico armadas nas calçadas nos dias de calor, mesas de festas de aniversário adornadas com bexigas coloridas em frente a bares, por vizinhos batendo papo no portão de suas casas e churrascos de esquina, o lazer na rua por ali se distancia de atividades consolidadas pelo imaginário de uma São Paulo cosmopolita, uma São Paulo do cartão-postal turístico e da publicidade – tais como o *shopping center*, o clube, as quadras esportivas privadas, os museus e até mesmo os grandes parques. Essa é uma situação que parece fruto não apenas de uma escolha ou de uma aversão a essas práticas que se tornam hegemônicas no centro e em bairros ricos da Cidade, mas que dialoga com questões estruturais do Bairro, como não ter quintal ou não ter condições de arcar financeiramente com esse lazer privatizado. Conjuga práticas residuais com arranjos dentro da cultura dominante. É um aspecto positivo de ocupação da cidade, apreciado e valorizado por seus moradores, de rasura na produção do espaço, mas que demanda um olhar para essas complexidades e violências estruturais.

A seguir, a foto mostra outra prática que se mantém pelo Bairro, articulando necessidade econômica e informalidade de trabalho com cultura e cotidiano: a venda de produtos na janela, os serviços oferecidos nas casas, mais comuns em periferias paulistanas do que no centro.

Figura 15 - Comércio na janela de casa

Placa em casa na rua São Vicente anunciando geladinhos. Crédito: Adriana Casarotto Terra

Um dado interessante observado em campo é que tanto os moradores Marco Antônio (2019) quanto Jorge (2019) se referem a uma mesma localidade e, apesar de terem vivido infância e adolescência ali em períodos distintos, trazem em seus depoimentos a ideia de sociabilidade muito forte relacionada à ela. A rua Maria José tem um lugar especial em suas falas, como se fosse compreendida principalmente pelo que viveram ou pelo que vivem nela – os encontros, o lazer, as amizades, o "matar o tempo" – e não apenas pelo que enxergam ou pelo que ouvem falar. Como se ela constituísse o tecido da emoção do qual fala Santos (2006), ou seja, aquele que escapa "aos rigores das normas rígidas" das cidades:

Ao mesmo tempo, parcelas significativas do espaço geográfico, situadas sobretudo nas cidades (especialmente as grandes cidades dos países subdesenvolvidos), escapam aos rigores das normas rígidas. Velhos objetos e ações menos informadas e menos racionais constroem paralelamente um tecido em que a vida, inspirada em relações pessoais mais diretas e mais frequentes e menos pragmáticas, pode ser vivida na emoção e o intercâmbio entre os homens é criador de cultura e de recursos econômicos. (SANTOS, 2006, p. 145-155)

Aqui cabe ainda lembrar outros dois conceitos de Santos (2006) para pensar o protagonismo da rua no Bexiga, pensar a sua centralidade no imaginário e na identidade dos indivíduos. Com o tecido da emoção conversam as ideias de opacidade e de psicofera. Sobre a "opacidade", para o geógrafo a cidade conteria “espaços luminosos” – aqueles “obedientes aos interesses das empresas”, regidos pela lógica mercantil-midiática, os ambientes dos “acelerados” – e “espaços opacos”, aqueles “do aproximativo e da criatividade”, produzidos pelos “homens lentos” em suas práticas cotidianas (2006, p. 220):

Na cidade "luminosa", moderna, hoje, a "naturalidade" do objeto técnico cria uma mecânica rotineira, um sistema de gestos sem surpresa. Essa historicização da metafísica crava no organismo urbano áreas constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao uso da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas 'opacas'. Estas são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços da exatidão. Os espaços inorgânicos é que são abertos, e os espaços regulares são fechados, racionalizados e racionalizadores. (grifo nosso)

Ou seja, nos espaços opacos, mais abertos, é que o tecido da emoção, de uma vida menos pragmática, parece ser mais intenso – ou ao menos mais propício. Olivieri (2012, p. 66) desdobra esses conceitos no termo “opacificações urbanas”, que a autora propõe a fim de pensar as práticas de desestabilização da lógica luminosa na cidade, vendo a relação luminoso e opaco não como de dualidade, mas como de oscilação e inconstância – e lembramos que Santos (2006) fala de justaposição, superposição, contraposição.

Opacidade não é uma ausência de luz, um breu. Inclusive, ela precisa de alguma luz para se manifestar. Seria, antes, uma resistência à luz, uma tensão que dificulta a penetração luminosa, uma “sombra” que impede a formação de uma imagem plenamente visível, nítida, legível. É pela presença de opacidade que, numa cidade, sempre vai restar algo de indeterminado, de indecifrável, de inacessível, algo "que não se deixa apanhar". (OLIVIERI, 2012, p. 66)

Já a "psicofera", outro conceito de Santos (2006) que auxilia na leitura do Bairro, seria o lugar da "produção de um sentido" da vida em sociedade – e a pesquisa se aventura a pensá-la como uma espécie de regente do tecido da emoção.

Ao mesmo tempo em que se instala uma tecnosfera dependente da ciência e da tecnologia, cria-se, paralelamente, e com as mesmas bases, uma psicofera. A tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, frequentemente traduz interesses distantes; desde, porém, que se instala substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicofera, reino das ideias, crenças, paixões e lugar de produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas – tecnosfera e psicofera – são locais, mas

constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. Sua inspiração e suas leis têm dimensões mais amplas e mais complexas. (SANTOS, 2006, p. 172, grifo nosso)

A psicosfera ajuda a entender o significado da rua para os moradores ouvidos em campo. O Bexiga parece ainda conter muitos espaços opacos, e muitas situações de opacidade, onde o tecido da emoção ganha corpo e resiste ao longo dos tempos. A produção dos lugares que compõem o Bexiga – seja o Bixiga, a BV, a comunidade da Bela Vista, a Saracura – é feita no desenrolar das relações sociais, das crenças e paixões, da relação entre os espaços abertos ao acaso, que não se deixam apanhar (a rua em que se bate bola no dia a dia), com os espaços controlados (a rua em dia de festa midiaticizada) – e que, por vezes, são os mesmos locais. Sendo o Bairro essa união de fragmentos não só da paisagem, morfológicos, mas ideológicos, identitários, resultado de um processo que é executado também no cotidiano de quem circula por ele, afetando-o com sua presença e sendo afetado com o que ele lhe devolve.

Reitera-se o papel que as relações sociais demonstraram ter, nas entrevistas, para o morador em suas noções ora de pertencimento, ora de deslocamento em relação ao Bexiga. Como se houvesse uma produção do espaço a partir das decisões urbanísticas e políticas (a criação de avenidas, a construção de prédios, a abertura de uma estação de metrô, a derrubada de um conjunto de casas); uma produção ideológica do lugar a partir do que se fala, de como se fala e se propaga a imagem dele, criando imaginários e reforçando ideologias (o destaque para determinada origem ou festa religiosa local, a forma como se dão as representações midiáticas e artísticas do Bairro); e uma produção ligada ao ritmo do cotidiano, ao tecido da emoção, ao espaço aberto ao acaso, ao reino das crenças e paixões da psicosfera de Santos (2006).

Essas produções não atuam de forma isolada, como se não tivessem ligação entre si e constituíssem formas puras: muitas vezes um fragmento do cotidiano é convertido em ideologia ou mesmo em produto (o futebol na rua, as festas ao ar livre); outras vezes, uma transformação urbanística afeta o modo como o morador vive sua rotina (a abertura de uma via, a destruição de um casarão que funcionava como uma vila onde viviam diversas famílias, a construção de um edifício que quebra o padrão local); já em outras, é uma ideologia arraigada ao lugar que pode ser usada para justificar uma transformação na paisagem – como a tradição seletiva da fama italiana do Bairro, ou mesmo o multiculturalismo comercial do qual fala Hall (2003), abordados na segunda e na quarta seções deste estudo, respectivamente.

A foto a seguir mostra a rua São Vicente em dia de cortejo da Escola de Samba Vai-Vai pelo Bairro. Trata-se de um evento específico que fecha a circulação de automóveis nas vias às vésperas do carnaval, ou seja, que altera a paisagem deste espaço (ainda que de forma momentânea), envolvendo uma dinâmica cotidiana e genuína ao Bexiga – o samba –, que também pode ser usada em uma dimensão ideológica, turística, de consumo. É um evento que mostra as nuances dessa relação de produção espacial que falamos.

Figura 16 - Ensaio da Escola de Samba Vai-Vai pelo Bexiga

Ensaio da escola de samba Vai-Vai na rua São Vicente, em 2017. Crédito: Adriana Casarotto Terra

Ao longo da investigação, os depoimentos acerca do Bexiga e de suas "quebradas" trouxeram tanto a noção de dificuldades econômicas, desigualdade de acessos e relativas carências infraestruturais e habitacionais na região, quanto de apropriação do espaço, mencionando o lugar dos encontros, do bate papo entre amigos, das relações de vizinhança, ou seja, novamente temos referência a uma sociabilidade menos controlada, mais solta, àquilo que os espaços opacos (SANTOS, 2006) sabem guardar tão bem.

Em entrevista de maio de 2019, a costureira Ângela, que tinha 69 anos à época, disse que a parte em que morava (a primeira quadra da rua 13 de Maio) era "esculhambada", mas que não gostava de ficar longe do Bairro: "Já morei um ano e pouco fora daqui, quase do lado do parque da Aclimação. Mas jamais. Nada é igual a Bela Vista. Nada. Eu conheço muita gente. Saio no samba há 500 anos. Lá, não. [Aqui] É um Bairro que eu gostei e acabou". Já o ex-morador Marco Antônio, também em campo, fez a seguinte consideração:

Eu acho que isso da coisa da afetividade que você tem pelo lugar é o tempo que você passou ali. Eu cheguei aqui [na Zona Leste paulistana, onde vivia na ocasião] adulto, lá [no Bexiga] é onde eu descobri o mundo. Eu, de uma certa forma, ainda me sinto estranho aqui, mesmo estando há 25 anos. Bela Vista é onde eu me sinto em casa. (grifo nosso)

Ambos os depoimentos mostram como pesam, no sentimento de lar, as amizades ("eu conheço muita gente"), o cotidiano ("o tempo que você passou ali"), a lembrança de um período importante ("onde eu descobri o mundo"). É o tecido da emoção que dá substância a uma relação de pertencimento ao Bairro.

Um caso interessante de uso do espaço público acompanhado durante a pesquisa foi a implementação de uma das ruas do Bexiga como Rua de Lazer, a Maria José, já citada aqui. As Ruas de Lazer³⁰ são um projeto municipal criado na década de 1970 pela Secretaria de Esportes e Lazer da Prefeitura de São Paulo que engloba uma série de ruas da Cidade que, a pedido de sujeitos ou de comunidades locais organizadas, são fechadas para automóveis aos domingos e feriados, podendo receber atividades diversas. No entanto, muito antes de o projeto passar a funcionar oficialmente, em julho de 2019, esta via do Bexiga já existia, em certo aspecto, enquanto uma rua de lazer informal para quem vive nela – com a diferença de que não ficava fechada para automóveis nem tinha uma programação organizada de atividades. Um campeonato de futebol de rua notório na região, churrascos, brincadeiras infantis e rodas de pagode já eram frequentes aos fins de semana, iniciativas dos moradores que partiram da percepção da necessidade de um lazer acessível. Hoje, além dessas ações, há *shows*, prática esportiva e oficinas variadas para crianças, muitas vezes ministradas pelos próprios vizinhos.

A seguir, registro de um jogo de vôlei na rua, com ela já funcionando dentro do projeto, e registro de um jogo de futebol dentro do campeonato Inter Ruas do Larguinho, fora do projeto.

³⁰ SECRETARIA DE ESPORTES E LAZER. O que é rua de lazer? Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/ruas_de_lazer/index.php?p=287672. Acesso em: 12 out. 2020.

Figura 17 - Rua Maria José fechada para carros aos domingos

Jogo de vôlei em um domingo na rua Maria José, 2019. Crédito: Edgar Bueno / Cinequebrada

Figura 18 - Campeonato Inter Ruas do Larguinho

Jogo de futebol em um domingo na rua Maria José, 2018. Crédito: Adriana Casarotto Terra

A Rua de Lazer Maria José que nasce fruto de uma necessidade de moradores que vivem em uma região central da Cidade, mas com deficiência de lazer acessível a todos, ilustra tanto as potencialidades de uso do espaço público a partir da intimidade com a rua, quanto visibiliza uma ausência, trazendo a ação comunitária organizada junto ao poder público como proposta possível e de interesse da população que vive ali. Situa-se aqui a fala da produtora cultural e ex-moradora Silvia, de 46 anos, ouvida em campo em janeiro de 2020, ao se referir ao Bairro como "comunidade da Bela Vista" na segunda seção deste trabalho, fazendo referência ao trecho onde foi criada, justamente no entorno da rua Maria José.

Há muitas outras organizações que trabalham nesse sentido no Bairro, sendo de importância um mapeamento de suas atuações e trajetórias. Destaca-se aqui essa, entretanto, devido a seu acompanhamento durante o processo de realização do trabalho, bem como à percepção de sua relevância na compreensão da rua no Bexiga como espaço rico de relações (a vizinhança) e negociações variadas a fim de concretizar uma ação – seja com poderes locais (comerciantes, por exemplo), seja com o poder público (políticos).

O caso da Rua Maria José reflete ainda um aspecto importante do Bairro, mencionado algumas vezes ao longo do estudo: a resistência à desterritorialização, a permanência dos habitantes de renda mais baixa no local. É nesse contexto que se situa o depoimento do morador Jorge (2019), que atuou no projeto e é morador desse pedaço:

Tem pessoas que tomaram um caminho bom, positivo, pessoas que estão privadas da sua liberdade, que já não estão no meio de nós, coisas que acontecem em várias outras periferias. Então o que a gente pode trazer de bom pra essas pessoas? Porque a pessoa está aí com vinte anos, mas e daqui há vinte, será que vai ter a possibilidade de estar vivendo aqui na Bela Vista? Nem eu sei se vou. É não saber o que vai ser amanhã, a gente vive assim. Muitos não têm residência própria aqui. A minha família, e não só ela como de outras pessoas daqui, nunca se envolveu. Eu que me envolvi, porque eu convivo e cresci aqui, tenho um entendimento maior. Eles, não. Passam de carro e... mas meus filhos moram aqui. Meus filhos querendo ou não vão ter sempre um grande contato. Isso que eu guardo, resistência do local, resistir dessa maneira. É bacana quando você sobe uma rua, [sabe] o que era ali, o que era lá. (...) Acho que o bacana é quando você consegue unir uma memória, um sentimento. (grifos nossos)

Sendo a experiência vivida essencial na produção do espaço, entendemos que é na rua que está a centralidade simbólica do Bexiga. A rua que é o quintal de quem não tem um em casa; a rua que é o local de encontrar amigos para ir ao baile e palco de festas tradicionais; a rua que explicita a vulnerabilidade social relacionada ao tráfico de drogas; a rua que sugere

moradias superlotadas; a rua que sedia eventos de camadas mais ricas que aportam por ali como novidades (embora esse fluxo de abandono e retorno das elites seja uma constante no Bairro); a rua barulhenta que tanto dá vida ao local quanto está no cerne de discussões entre moradores e nas notícias – foram muitos exemplos narrados aqui. A rua que envolve diversos interesses e necessidades, movimentando o mosaico do Bairro e trazendo à tona as suas desigualdades, assimetrias e também as suas diferenças, a sua pluralidade e riqueza. Sem olhar atentamente para as contradições que ocorrem nela, e sem considerar as limitações e as subjetividades que existem nessa ação, incorremos em ver o Bairro apenas ideologicamente, não levando em conta o seu conteúdo humano complexo. Diz Lefebvre (2006):

O espaço é a morfologia social; é portanto ao "vivido" isto que é ao organismo vivo sua própria forma, intimamente ligada às funções e estruturas. Pensar o espaço à maneira de um "quadro" ou de uma caixa, na qual entra não importa qual objeto, contanto que o conteúdo seja menor que o recipiente, e que este não tenha outra atribuição se não a de guardar o conteúdo, é sem dúvida o erro inicial. Erro? Ideologia? Mais esta que aquela. Mas então, o que propaga a ilusão ideológica? Quem dela se serve? Por que e como? (LEFEBVRE, 2006, p. 139, grifo nosso)

Se por um lado é fundamental transpor a dimensão romântica que opera no relacional, nos vínculos afetivos de convívio e no lazer no espaço público, entendendo o quanto ela pode ser oportuna na manutenção de desigualdades, por outro cabe olhar esses traços persistentes com atenção, pensando no quanto eles interferiram e interferem na ocupação do espaço na Cidade, na produção de contranarrativas, de histórias cotidianas dos praticantes ordinários (CERTEAU, 1998), bem como na identidade do cidadão. Nesse tecido de vida que alimenta a memória, as lembranças, para além do lugar-produto.

Entende-se, por fim, que multiculturalismo corporativo ou revolucionário, bem como práticas residuais – conceitos utilizados neste estudo para pensar a experiência cotidiana no Bexiga – podem servir como ferramentas para refletir sobre ações do poder público (criação de parque, derrubada de casario antigo, construção de prédios) ou privado (feiras culturais, passeios turísticos, novos empreendimentos de entretenimento) que vêm ocorrendo na região e devem se intensificar nos próximos anos. Trata-se de uma conjuntura que envolve interesses e agentes diversos, em posições assimétricas, podendo servir-se de discursos ideológicos e aspectos identitários e culturais caros ao morador local, nem sempre para o benefício do mesmo. Um assunto que vale ser acompanhado de perto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que impacta na identidade dos moradores de um lugar e no sentimento de pertencimento a este espaço? O que é um bairro e como ele é percebido como tal? A pesquisa aproximou essas perguntas do Bexiga, na região central de São Paulo (SP), buscando desenhar um panorama do Bairro quase um século e meio após a sua fundação. O objetivo foi pensá-lo em diálogo com o seu passado que se torna mais debatido, identificando as suas contradições e desigualdades, bem como as suas riquezas e potencialidades por meio da ótica de moradores.

A pesquisa parte da percepção de uma noção de periferia ou "quebrada" existente ali, em relação constante com a noção de centro. Esse aspecto – trabalhado junto a entrevistas, caminhadas, observação participativa e referenciais teóricos – sugere significados culturais, sociais e raciais. A "quebrada central" do Bexiga tem a ver com o fato de este não ser um bairro predominantemente de camadas mais ricas e branco, tem a ver com as dificuldades socioeconômicas que boa parte de sua população enfrenta e com os modos de viver por ali. É importante pontuar que essa abordagem não significa a flexibilização da noção de periferia desprezando a importância da distância em seu sentido em São Paulo, mas ajuda a complexificar, a disputar simbolicamente esse centro do qual o Bexiga faz parte. Esse aspecto ajuda também a pensar as experiências desiguais e diversas no Bairro; a centralidade que é comum e importante a todos, embora não signifique acessos iguais; além das relações comunitárias e do uso da rua que escapam ao projeto moderno e excludente de cidade. Ajuda a pensar a complexidade de vivências que caracteriza o Bairro, hipótese confirmada em campo.

O Bexiga carrega um imaginário que se consolidou por meio de uma tradição seletiva (HALL, 2003) que conferiu peso dominante à presença da população italiana no local por meio da imprensa, das artes e de ações do poder público – embora a população negra afro-brasileira já vivesse ali desde pelo menos o século XIX, e a região tenha sido e ainda seja, em menor número, lar de portugueses, sírios e, desde a metade do século XX, de muitos brasileiros de diversos Estados do Nordeste, bem como de imigrantes e refugiados africanos e caribenhos na última década. Essas camadas culturais se conectam com a diversidade de formas de se referir ao Bairro percebidas em campo, indicando uma variedade de "lugares" ou de territorialidades dentro dele: Bixiga, BV, comunidade da Bela Vista, Bela Vista, Saracura. Assim começa a ganhar corpo a noção de Bairro-fragmento, ou de "mosaico", como falado por um morador.

A configuração morfológica e urbanística do Bexiga também fornece pistas acerca de sua dimensão social e cultural. Desde a sua fundação, os lotes mais altos e mais distantes das margens do rio – e portanto mais caros – foram ocupados por populações mais ricas, com as baixadas sendo moradia dos mais pobres. Com ressalvas que têm a ver com a urbanização das várzeas e melhoria infraestrutural, além de espoliação urbana dos mais pobres das áreas centrais e de relativa mobilidade social de setores da população, essa estrutura não se extinguiu totalmente no Bairro: até hoje, há trechos melhores e piores equipados.

Constatou-se na pesquisa como a memória do rio Saracura permanece viva ali, na dimensão da rugosidade da qual Milton Santos (2002) fala, mesmo ele estando sob o asfalto, canalizado para a abertura da avenida Nove de Julho, inaugurada em 1941. Isso se deve à importância do mesmo para a formação do Bairro, para a história da população negra local – que, antes e após a abolição da escravidão, ocupou a várzea do ribeirão –, e como uma referência da Escola de Samba Vai-Vai, cuja sede é nessa baixada. Mesmo invisível, ele existe.

A habitação em moradias coletivas foi outro aspecto de destaque na investigação, com os cortiços e as pensões se mantendo no Bairro e por vezes indicando condições ruins de moradia (superpopulação ou pouca ventilação dentro dos cômodos, por exemplo), nem sempre notáveis atrás de fachadas preservadas, que parecem entretanto funcionar como um escudo em uma cidade que criminaliza a pobreza. Essa condição também foi determinante para pensar o uso do espaço público: a rua utilizada como quintal, o excesso de lixo nas calçadas, o contato intenso entre as pessoas – ainda que nem sempre significando convívio.

Herdeira da forma como São Paulo foi urbanizada, projetada pelo poder municipal junto ao capital imobiliário, a desigualdade no Bairro transparece ainda nas relações sociais. A noção de bairro no Bexiga se manifesta muito forte na experiência do vivido. A proximidade entre os moradores, os conflitos e os elos foram mencionados com ênfase nas entrevistas, e se por um lado há discordâncias, há também relações de confiança e cuidado notáveis, duradouras, estimadas por quem vive ali. Tudo isso influi na identidade local. Outra percepção levantada em campo foi a da resistência de populações pobres no Bairro: "eu vejo a Bela Vista como a última comunidade central que lutou muito", disse uma moradora.

O sentimento de apropriação aparece muito vinculado à experiência no espaço público. O uso da rua, uma característica que se torna cultural a partir de uma questão social (a falta de espaço nas casas) tem o poder de reorientar as percepções: a rua é simbolicamente central no Bairro. Nela, práticas residuais (WILLIAMS, 2011a), manifestações raras em áreas centrais de

grandes cidades dão uma "cara" ao Bexiga, têm um papel importante no senso de pertencimento, de identificação e na memória de seus moradores. Dada a importância dessas práticas, faz-se relevante um olhar mais aprofundado para elas – limitação deste estudo – a fim de esmiuçá-las, pensando na razão de suas persistências no tempo e em suas adaptações. Outra permanência na história do Bairro é de seus serviços, dos pequenos comércios voltados aos próprios moradores, garantindo a sobrevivência em vizinhança a partir de negociações (como pagar ao fim do mês, marcar na caderneta) muitas vezes derivadas da informalidade de trabalho.

A coletividade no Bairro ganha força na percepção de necessidades e interesses, resultando em formação de comunidades, grupos que por vezes se aliam e por vezes entram em choque, dados os repertórios e objetivos distintos. Já a ideia de individualidade pode ser notada quando moradores dizem que proximidade física, no caso de casas divididas ou mesmo do contato frequente no espaço público, nem sempre simboliza união. Ou ainda quando se percebe que a urbanização da cidade foi trazendo a este espaço moradores que estão ali por motivos práticos e pouco se relacionam entre si, o que pode ocorrer em qualquer local de grandes cidades, principalmente em um local central. O Bexiga não escapa totalmente disso.

O sentido de bairro neste espaço parece, por fim, ter resistido, mas não da forma romantizada e idealizada como muitas vezes é posto, como em um esforço para criar uma unidade que nem sempre é tão unida, uma pretensa harmonia. Na prática, o sentido de bairro no Bexiga envolve conflitos, uniões, resistências, territorialidades que se comunicam, nomenclaturas distintas para se referir a um mesmo espaço. As relações de pertencimento por ali são construídas por meio da socialização entre moradores, das amizades, das divergências e dos elos. Há pertencimentos diversos, todos relevantes para compreender este local. O Bexiga observado no trabalho aparece como um espaço onde práticas urbanas sobrevivem junto a novas formas de viver a cidade, onde populações se mantêm como podem diante de iniciativas privadas que nem sempre as contemplam, onde o dia a dia é fruto de arranjos dentro e fora da hegemonia. Pensar a identidade do Bairro considerando o valor das percepções de seus moradores e dos hábitos cotidianos, para além de um bairrismo fetichista que sustenta uma série de assimetrias – sociais, raciais e de local de origem – foi o desafio deste estudo.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, M. **Periferia é periferia em qualquer lugar?** Antenor Garcia: estudo de uma periferia interiorana. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (SP), 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1507>. Acesso em: 8 out. 2020.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento - O Contexto de François Rabelais**. São Paulo-Brasília: Edunb, 1996.

BONDUKI, N; ROLNIK, R. Periferia da Grande São Paulo: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho. In: MARICATO, E (org.). **A Produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.

BOTELHO, G. M. **Quanto vale o show? O fino rap de Athalyba-Man**. A inserção social do periférico através do mercado de música popular. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-11122018-111009/pt-br.php>. Acesso em: 8 out. 2020.

BOURDIEU, P. Espaço Social e Gênese das Classes. In: **O Poder Simbólico**. Trad. de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CALDEIRA, T. **A Cidade de Muros - Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.

CARRIL, L. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**. São Paulo: Annablume, 2006.

CASTRO, M. S. de. **Bexiga: Um Bairro Afro-Italiano**. São Paulo: Annablume, 2008.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DANTAS, A. S. R. **Por dentro da quebrada: a heterogeneidade social de Ermelino Matarazzo e da periferia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia - Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-29082013-230632/pt-br.php>. Acesso em: 31 jan. 2020.

FERNANDES, R. B. **Periferização socioespacial em Salvador: análise do Cabula, uma área representativa**. 1992. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano) – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

FRANCISCO, A. L. R. **Divisão intraurbana das metrópoles: revendo discursos sobre a periferia paulistana**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível

em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-20022019-110827/pt-br.php>. Acesso em: 8 out. 2020.

FREITAS, A. **Tradições e reminiscências paulistanas**. São Paulo: Monteiro Lobato Cia, 1921.

FRÚGOLI JR, H. **Centralidade em São Paulo**: Trajetórias, Conflitos e Negociações na Metrópole. São Paulo: Edusp, 2000.

GEORGE, P. **Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1983.

GONÇALVES, C. T. **Intervenções contemporâneas no Bixiga**: fissuras urbanas e insurgências. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos (SP), 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-06072016-094834/pt-br.php>. Acesso em: 8 out. 2020.

GONÇALVES, T. **O lugar-samba no Bexiga**: memória e identidade. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123968>. Acesso em: 8 out. 2020.

GRÜNSPUN, H. **Anatomia de um bairro: O Bexiga**. São Paulo: Livraria Cultura, 1979.

GUASCO, P. **Num país chamado Periferia**: identidade e representação da realidade entre os "rappers" de São Paulo. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARVEY, D. **O enigma do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

KOWARICK, L. **A Espoliação Urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

_____. **Escritos Urbanos**. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. O centro e seus cortiços. In: KOWARICK, L.; MARQUES, E. (Org.). **São Paulo: novos percursos e atores**. São Paulo: Editora 34: Centro de Estudos da metrópole, 2011.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 2006. Do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

MAGNANI, J.G. TORRES, L. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1998.

MOYA, M. E. Os estudos sobre a cidade: quarenta anos de mudança nos olhares sobre a cidade e o social. In: KOWARICK, L.; MARQUES, E. (org.). **São Paulo: novos percursos e atores**. São Paulo: Editora 34: Centro de Estudos da metrópole, 2011.

NASCIMENTO do, L. **Entre Sambas e Rezas: vivências, negociações e ressignificações da cultura afro-brasileira no Bexiga**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos (SP), 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6774?show=full>. Acesso em: 9 out. 2020.

NISBET, R. Comunidade. *In*: FORACCHI, Marialice, e MARTINS, José de Souza (orgs.), **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio: LTC Editora, 1977.

ROCHA, A. S. da. Ou é centro, ou não é centro. Ou é centro, ou é periferia. *In*: BAITZ, R.; DAMIANI, A. L. **Atravessando a geografia, Marx, Lefebvre e os Situacionistas**. São Paulo: Tiragem Livre, 2017.

ROLNIK, R. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. *In*: SANTOS, R. (org.), **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais**, o negro na geografia do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROSA, T. **Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano: a trajetória do 'Gonzaga' de favela a bairro de periferia**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP), 2008. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279437>. Acesso em: 9 out. 2020.

ROSSI, R. **Lugar e cotidiano no bairro Pernambués na cidade de Salvador-BA: segregação e fragmentação**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29370>. Acesso em: 9 out. 2020.

SACCHETTO, J. **Bixiga - Pingos nos Is**. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Metrópole Corporativa Fragmentada: o Caso de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1990.

_____. **Por uma Geografia nova**. Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L.; SOUZA, M. A. A. de. **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCARLATO, F. C. **O Real e o Imaginário no Bairro do Bexiga: Autofagia e Renovação Urbana**. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

SCHNECK, S. **Bexiga: cotidiano e trabalho em suas interfaces com a cidade (1906 - 1931)**. 2016. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-01092016-155844/pt-br.php>. Acesso em: 9 out. 2020.

_____. **Formação do Bairro do Bexiga em São Paulo:** loteadores, proprietários, construtores, tipologias edilícias e usuários (1881-1913). 2010. Dissertação (Mestrado em História da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-01062010-111349/pt-br.php>. Acesso em: 9 out. 2020.

_____. **História dos bairros de São Paulo** - Volume 34: Morro dos Ingleses. São Paulo: Arquivo Histórico Municipal, 2019.

SEABRA, O. C. L. **Os meandros dos Rios nos Meandros do Poder. Tietê e Pinheiros: Valorização dos Rios e das Várzeas na cidade de São Paulo.** 1987. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1987.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SOUZA, de T. C. S. **Cortiços em São Paulo:** programas/vistorias/relatos. 2011. Dissertação (Mestrado em Habitat) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-12012012-151306/pt-br.php>. Acesso em: 9 out. 2020.

TANAKA, G. **Periferia: conceito, práticas e discursos.** 2006. Dissertação (Mestrado em Habitat) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-26052010-133856/pt-br.php>. Consulta em: 9 out. 2020.

TELLES, V. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal.** Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

WILLIAMS, R. **Cultura e Materialismo.** São Paulo: Editora Unesp, 2011a.

_____. **Cultura e Sociedade.** Petrópolis: Vozes, 2011b.

WISSENBACH, M. C. C. **Sonhos africanos, vivências ladinas:** escravos e forros em São Paulo (1850-1880). São Paulo: Hucitec, 1998.

Publicações periódicas

ADORNO, S.; SOUZA, A.; NERY, M. Os padrões urbano-demográficos na capital paulista. **Revista Estudos Avançados**, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 33, n. 97, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/164894>. Acesso em: 8 out. 2020.

BEZERRA, J. A. Como definir o bairro? Uma breve revisão. **Geotemas**, v. 1, n. 1, Natal, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/article/view/118>. Acesso em: 8 out. 2020.

BÓGUS, L.; TASCHNER, S. São Paulo, o caleidoscópio urbano. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 1, São Paulo, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000100005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 8 out. 2020.

DAMIANI, A. L. A Cidade (des)ordenada e o cotidiano. **Revista Do Departamento De Geografia**, n. 9, São Paulo, 1995. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/53696>. Acesso em: 8 out. 2020.

GONÇALVES, A. C. Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. **Revista da Faculdade de Letras - Geografia**, v. 4, Porto, 1988.

HARVEY, D. O Direito à Cidade. **Piauí**, n.82. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-direito-a-cidade>. Acesso em: 24 ago. 2020.

NASCIMENTO do, L. No Bixiga nem tudo é italiano: relatos de vivência sobre um bairro da região central de São Paulo. **Pensando Áfricas e suas diásporas**, v. 1, n. 1, Mariana (MG), 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/pensandoafricas/article/view/1361/1099>. Acesso em: 9 out. 2020.

OLIVIERI, S. Breve relatório sobre a primeira de uma série de opacificações urbanas. **Redobra**, n. 10, Salvador, 2012. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/?page_id=54. Acesso em: 9 out. 2020.

PARIS, O. (In)visibilidade das camadas pobres na cidade pelo prisma dos cortiços paulistanos no Brasil. **Revista franco brasileira de geografia**, n. 17, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/19107>. Acesso em: 9 out. 2020.

PUGLISI, M. P.. Memória Popular Armandinho do Bixiga. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, n. 38, São Paulo, 1995. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/72029>. Acesso em: 9 out. 2020.

SANTOS, R. Voz Ativa. A militância Hip Hop como ação comunicativa da maioria minorizada nas periferias globais. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 203, Maringá (PR), 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/42108>. Acesso em: 9 out. 2020.

SCARLATO, F. C. Bexiga, uma ideologia geográfica. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 67, São Paulo, 1989. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/944>. Acesso em: 9 out. 2020.

_____. Estruturas e sobrevivência dos cortiços no bairro do Bexiga. **Revista do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**, v. 9, São Paulo, 1995. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/53697>. Acesso em: 9 out. 2020.

SCHNECK, S. Bexiga: cotidiano e trabalho (1906-1931). **Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 26, e. 24, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/140247>. Acesso em: 9 out. 2020.

_____. Cotidiano e trabalho no bairro do Bexiga: uma hipótese a ser pensada (1906-1931). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 65, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/125160>. Acesso em: 9 out. 2020.

SOUZA, M. J. L. de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 51, 1989. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7115>. Acesso em: 9 out. 2020.

VILLAÇA, F. O território e a dominação social. **Margem Esquerda**, n. 24. São Paulo: Boitempo, 2015.

WACQUANT, L. O que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, n. 23, Curitiba, 2004.

Artigos em *blogs*

ROLNIK, R. Aplicar a Lei Moura para melhorar vida nos cortiços é positivo. Mas carta de crédito é insuficiente às famílias de baixa renda. **Blog da Raquel Rolnik**, 17 ago. 2010. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/08/17/aplicar-a-lei-moura-para-melhorar-a-vida-nos-cortiços-e-positivo-mas-carta-de-credito-e-insuficiente-como-opcao-as-familias-de-baixa-renda/>. Acesso em: 1 mar. 2020.

Reportagens na imprensa

BRITO, G. Periferia não é só geografia. **Periferia em Movimento**, São Paulo, 6 de julho de 2018. Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/periferia-nao-e-so-geografia>. Acesso em: 31 jan. 2021.

FOLHA DE S. PAULO. Av. 23 de Maio ficará pronta em janeiro e ligará centro ao aeroporto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1968. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2018/11/1968-av-23-de-maio-ficara-pronta-em-janeiro-e-ligara-centro-ao-aeroporto.shtml>. Acesso em: 17 out. 2020.

KAMANCHEK, A. A cinza e árida São Paulo 'esconde' a história de 300 cursos de rios. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 mar. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/03/1247524-a-cinza-e-arida-sao-paulo-esconde-a-historia-de-300-cursos-de-rios.shtml>. Acesso em: 17 set. 2020.

NUNES, B. Tem um rio no meio do caminho. **Veja**, São Paulo, 4 nov. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/tem-um-rio-no-meio-do-caminho>. Acesso em: 17 set. 2020.

RAMALHOSO, W. Cidade de São Paulo tem mais de 200 rios; quantos você vê?. **UOL**, São Paulo, 25 fev. 2016. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/02/25/cidade-de-sao-paulo-tem-mais-de-200-rios-quantos-voce-ve.htm>. Acesso em: 17 de set. 2020.

_____. Prefeitos urbanistas do século 20 moldaram a cara da São Paulo atual. **UOL**, São Paulo, 22 jan. 2014. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/01/22/prefeitos-urbanistas-do-seculo-20-moldaram-a-cara-e-o-debate-da-sao-paulo-atual.htm>. Acesso em: 17 set. 2020.

Documentos jurídicos

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 1242 de 26 de dezembro de 1910. Cria o Distrito da Bela Vista. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, São Paulo**, 26 dez. 1910. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1910/lei-1242-26.12.1910.html>. Acesso em: 14 set. 2020.

_____. Decreto n. 233, de 2 de março de 1894. Estabelece o Código Sanitário. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**, 2 mar. 1894. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1894/decreto-233-02.03.1894.html>. Acesso em: 22 set. 2020.

SÃO PAULO (Cidade). Lei n. 10.928, de 8 de janeiro de 1991 (Projeto de Lei nº 504/89, do Vereador Luiz Carlos Moura). Dispõe sobre as condições de habitação dos cortiços. Secretaria do Governo Municipal, 8 jan. 1991. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-10928-de-08-de-janeiro-de-1991/consolidado>. Acesso em: 22 set. 2020.

_____. Resolução nº 22/2002. Dispõe sobre o tombamento de imóveis no Distrito da Bela Vista. **Diário Oficial da Cidade**, 14 dez. 2002. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/resolucao-conselho-municipal-de-preservacao-do-patrimonio-historico-cultural-e-ambiental-da-cidade-de-sao-paulo-conpresp-22-de-13-de-dezembro-de-2002/detalhe>. Acesso em: 23 set. 2020.

Documentos cartográficos

GEOSAMPA. **Cortiços do Distrito Bela Vista**. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: 23 set. 2020.

_____. **ZEIS do Distrito Bela Vista**. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: 23/09/2020.

Pesquisas, estatísticas, dados do Estado

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População no Censo 1950**. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/?view=detalhes&id=767>. Acesso em: 17/09/2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População no Censo 2010**, panorama de São Paulo. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/panorama>. Acesso em: 17/09/2020.

PREFEITURA DE S. PAULO. **Zona Especial de Interesse Social - ZEIS**. Disponível em <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/zona-especial-de-interesse-social-zeis>. Acesso em: 5 out. 2020.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade 2017**. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/mapa-da-desigualdade-2017.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

SECRETARIA DE ESPORTES E LAZER. **O que é rua de lazer?** Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/ruas_de_lazer/index.php?p=287672. Acesso em: 12 out. 2020.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Dados estatísticos do Estado de São Paulo**. Disponível em <https://www.ssp.sp.gov.br/estatistica/pesquisa.aspx>. Consulta em: 28 set. 2020.

SECRETARIA MUNICIPAL DO PLANEJAMENTO. **Histórico Demográfico do Município de São Paulo**. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/index.php. Acesso em: 14 set. 2020.

Material audiovisual, filmes e documentários

13 NA 13. Direção: Adriana Terra, Oga Mendonça. São Paulo, 2017. 7 min., cor. Disponível em: <https://youtu.be/cLsr8gWl810>. Acesso em: 4 out. 2020.

EU SOU BIXIGA. Direção: Adeline Haverland, Adriana Terra, João Dias, Marco Paraná, Otávio Penteadó e Vinicius Paroni. São Paulo, 2015. 15 min., cor. Disponível em: <https://vimeo.com/139536049>. Acesso em: 4 out. 2020.

MEMÓRIA EM PEDAÇOS: Bixiga. Direção: Neide Duarte e Maria Cristina Poli, São Paulo, 1997. 30 min., cor. Disponível em: <https://vimeo.com/28304677>. Acesso em: 4 out. 2020.

O BIXIGA AFRO-ITALIANO. Direção: Coletivo Mapa Xilográfico. São Paulo, 2009. 28 min., cor. Disponível em: <https://vimeo.com/9856195>. Acesso em: 4 out. 2020.

ORÍ. Direção: Rachel Gerber; pesquisa de Maria Beatriz Nascimento, 1989. 93 min., cor. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbgkx63IUUD8qOgIM2wKVId4n/view>. Acesso em: 4 out. 2020.

Material de redes sociais

SAMBISTAS DA DEPRESSÃO. Vai-Vai ensaiando embaixo de uma tempestade. 7 jan. 2019. Facebook: Sambistas da Depressão. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=334469114061545>. Acesso em: 17 set. 2020.

Documentos sonoros

REGIÃO ABISSAL. **Hip Rap Hop** (1988) [Álbum Completo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kly3tt3QJ68>. Acesso em: 17 set. 2020.

Letras de músicas

ALMEIDA, V.; ALVES, D.; ESTEVAM; FRÁ; JAPOLE; MARQUITO; MINEIRO; RÉGIS. **Eu Também Sou Imortal**. 2005. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sambas/1193294>. Acesso em: 4 out. 2020.

CASANOSSA, M; CIRILLO, E.; DEMA; KZ; RICARDO, A.; MINUETTO, Rodrigo; MINUETTO, Rodolfo. **Quilombo do Futuro**. 2019. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/carlos-junior/quilombo-do-futuro>. Acesso em: 4 out. 2020.

SABOTAGE. **Respeito É Lei**. 2015. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/sabotage/respeito-e-lei.html>. Acesso em: 15 set. 2020.

Entrevistas não publicadas

Águida Pereira Jesus. Depoimento oral concedido em fevereiro de 2019 à Adriana Casarotto Terra. [Disponível na íntegra em Apêndices]

Ângela (nome fictício). Depoimento oral concedido em maio de 2019 à Adriana Casarotto Terra. [Disponível na íntegra em Apêndices]

Cristina Oka. Entrevista concedida em fevereiro de 2019, por e-mail, à Adriana Casarotto Terra. [Disponível na íntegra em Apêndices]

Jorge Luis de Souza. Depoimento oral concedido em abril de 2019 à Adriana Casarotto Terra. [Disponível na íntegra em Apêndices]

Marco Antônio Carneiro. Depoimento oral concedido em abril de 2019 à Adriana Casarotto Terra. [Disponível na íntegra em Apêndices]

Maria (nome fictício). Depoimento oral concedido em fevereiro de 2019 à Adriana Casarotto Terra. [Disponível na íntegra em Apêndices]

Paulo Santiago de Augustinis. Depoimento oral concedido em julho de 2019 à Adriana Casarotto Terra. [Disponível na íntegra em Apêndices]

Ray Feitosa. Depoimento oral concedido em janeiro de 2020 à Adriana Casarotto Terra. [Disponível na íntegra em Apêndices]

Segismundo Bruno. Depoimento oral concedido em março de 2019 à Adriana Casarotto Terra. [Disponível na íntegra em Apêndices]

Silvia (nome fictício). Depoimento oral concedido em janeiro de 2020 à Adriana Casarotto Terra. [Disponível na íntegra em Apêndices]

Solange Pereira de Sant'ana. Depoimento oral concedido em janeiro de 2020 à Adriana Casarotto Terra. [Disponível na íntegra em Apêndices]

APÊNDICE A - MAPA: O BEXIGA DENTRO DA BELA VISTA

O mapa a seguir reúne as principais ruas citadas no trabalho e sugere uma espacialidade para o bairro do Bexiga (cor mais vermelha), pensada a partir das entrevistas com moradores.

APÊNDICE B - MODELO DE CESSÃO DE DEPOIMENTO ORAL

ESCOLA DE ARTES CIÊNCIAS E HUMANIDADES UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO MESTRADO EM ESTUDOS CULTURAIS

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, _____,
RG _____, emitido pela _____, domiciliado em _____,
declaro ceder à pesquisadora Adriana Casarotto Terra, CPF _____, RG _____,
emitido pela SSP, residente em rua _____, São Paulo-SP, sem quaisquer
restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos
autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora aqui
referida, na cidade de São Paulo, no Estado de São Paulo, em _____, como subsídio
à construção de sua dissertação de Mestrado no programa de Estudos Culturais da Escola de
Artes Ciência e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). A pesquisadora
acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins
acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem
como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva da
garantia de integridade do seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

(Local e data)

(Assinatura do entrevistado)

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS

As perguntas foram pensadas a fim de entender a relação dos entrevistados com o Bairro, os hábitos cotidianos, as noções socioespaciais, as percepções de pontos positivos e negativos no local, bem como as relações afetivas existentes ali. As entrevistas se guiaram pelo questionário, tendo-o como uma base para os assuntos a serem abordados, mas envolveram outras perguntas ou correram de forma mais solta, conforme o contexto influenciou.

1. Qual a sua história com o Bairro? Descreva brevemente a conexão explicando se é morador(a), ex-morador(a), comerciante.
2. Como você se refere ao Bairro: Bexiga ou Bela Vista? Por que?
3. Quais os principais hábitos que têm no Bairro, sejam eles de trabalho, lazer, consumo?
4. Você se desloca de que forma pelo Bairro?
5. Você trabalha e/ou estuda na região?
6. Qual ou quais características, na sua opinião, representam bem o Bairro?
7. O que você sente que falta no Bairro?
8. E o que você sente que sobra, que há em abundância?
9. Como você avalia a questão do transporte dentro do Bairro?
10. Como você avalia a questão da moradia dentro do Bairro?
11. O que você considera como Bexiga, quais os limites do Bairro?
12. Para você, ele é um Bairro mais central ou mais periférico? Por que?
13. Existem pedaços distintos dentro do Bairro ou ele é homogêneo?
14. Você tem muitos amigos na região?
15. Se morador(a) do Bairro: você vive em imóvel próprio ou alugado? Conhece um pouco da história do seu imóvel?
16. Se morador(a) do Bairro: você tem orgulho de morar no local? Por que?

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas têm pequenas edições, feitas com o cuidado de não alterar o conteúdo, com a finalidade de uma melhor compreensão das conversas. As transcrições aqui colocadas foram entregues e lidas pelos entrevistados antes da publicação da versão final deste trabalho, à exceção de dois deles, que vieram a falecer antes da conclusão da pesquisa. A classificação socioeconômica indicada é baseada em aplicação de questionário do Critério Brasil-Abep 2018.

Águida Pereira Jesus

Idade: 44 anos

Profissão/ocupação: comerciante

Cor/raça: negra

Classificação socioeconômica: D

Data da entrevista: fev. 2019

Local: casa da entrevistada, rua Rocha

Qual a sua história com o Bairro?

É assim: meu pai veio de Minas [Gerais] pra cá quando eu tinha dois anos, eu sou mineira. E fui na minha cidade só três vezes ou quatro, então meu pai me criou aqui. Sempre morei na Bela Vista, a primeira rua que morei foi a Barata Ribeiro, a segunda foi a Paim. Dali eu fui embora pro Espírito Santo e voltei pra rua Rocha. E daqui eu nunca mais saí. Eu tenho três filhos: a caçula de 20, a do meio de 22, e o meu filho de 23. Moro há 22 anos nessa rua.

Como você se refere ao local: Bexiga ou Bela Vista? Por que?

Eu me refiro aqui como Bela Vista, mas quando a gente está na [rua] 13 [de Maio], [rua] Rui Barbosa eu falo Bixiga, mas é tudo uma coisa só. O Bixiga por causa daquela coisa do italiano. Até a [rua Almirante] Marques Leão é Bela Vista, passou da 13 é Bexiga. Mas eu acho que é tudo Bela Vista, é uma tribo só.

Quais os principais hábitos que têm no Bairro, sejam de trabalho, lazer, consumo?

Comer. Eu acho que é um lugar prático para você comer, se você quer comer uma coisa fina você come, se você quer comer algo na calçada você consegue.

Você se desloca de que forma pela região?

Eu acho super prático, subiu a [rua] Itapeva você está na [avenida] Paulista. Eu faço tudo no Bairro, não saio daqui.

Qual ou quais características, na sua opinião, representam bem o Bairro?

Eu acho que as tribos. Você anda em todas as ruas, igual na [rua] Rocha, aqui tem gente rica, milionária, ator, aqui tem tudo. São várias pessoas de vários lugares dentro de uma rua só, dentro de um bairro. Eu tô aqui na porta e passa uma pessoa maravilhosa, a Natasha, a filha dela maravilhosa que sempre para na minha filha na avenida Paulista – que minha filha vende milho. Daí um dia me falam: "Você sabe quem é Natasha? Irmã do Alexandre Borges". Ela morava aqui na Rocha, mudou, e ele mora aqui. E aí um dia ele passou e falou: "oi, Grace Jones". Como ela me trata, ele tira foto do brechó... Acho que isso é uma tribo. Ela tem certos conhecimentos que eu não tenho, mas não precisou disso pra gente ficar juntas. E quando minha filha estava [sendo] perseguida pelo 'rapa' na Paulista, foi ela que me ligou. É isso que aqui é o bairro. Aqui tem várias tribos em uma, aqui é a identificação das pessoas, um gosta de samba, outro de forró, junta o forró com samba, você pode sentar na calçada e juntar uma turma, e aí tem biólogo, psicólogo, advogada, dona de brechó... Porque aqui eu ando no meio de várias tribos. Aqui na minha turma da Bela Vista eu sou a única negra. Ou eu me enturmo ou eles me amam.

Você acha que tem alguma divisão, algumas tensões?

Tem algumas pessoas que olham você assim tipo, 'ai, negra?', mas é pouco. É que eu tenho muita amizade, e eu sempre me impus. Eu tô aqui, cheguei, não é a minha cor, eu não tenho títulos, eu sou eu. Mas tem gente que te olha no pé, mas eu já chego e falo: "Por que você tá me medindo?". Tem, sim, mas eu sempre me impus. Hoje o brechó é referência, mas é através de mim. No começo eu passei, porque o pai dos meus filhos é italiano, e as meninas são mais claras, do olhinho puxado, do cabelão, então já perguntaram se eu tomava conta. Mas eu sempre deixei bem claro: são minhas filhas, eu sou a mãe. Eu sempre fui eu.

Você estudou por aqui?

[Estudei] no [Escola Estadual Profª] Marina Cintra [rua da Consolação], que eu amo.

O que você sente que falta no Bairro?

Eu acho que falta o trabalho social pros idosos. Tem o parquinho Nove de Julho, mas os horários de cursos são horrorosos. Os horários não são pra comunidade, mas pra quem tá dando aula no projeto. Eu não tenho como ir, não tenho Bolsa Família, tenho é um real, dois reais por dia como muitas mães aqui. Acho que o social aqui é péssimo.

E o social com as crianças?

Eu não conheço. Por que o Vai-Vai também não pode pegar algumas mulheres do Bairro e ensinar a sambar? Então são várias deficiências. Quando eu dou roupa na rua, eu falo pra pessoa vir e escolher, e as pessoas ficam horrorizadas de ter uma pessoa de rua mexendo na arara, mas eu vou escolher o que a pessoa quer? É precário o trabalho social aqui.

E o que você sente que sobra, que há em abundância?

Boteco. Bar em cima de bar, boteco em cima de boteco, e é isso. Tá se tornando um Bairro boêmio, mas quem construiu aqui foram senhores. Eu vou deixar bares pros meus filhos? Tem o Museu [Mumbi - Museu Memória do Bixiga], a escadaria [do Bixiga, na praça Dom Orione], a arquitetura, mas... O projeto mais bonito que eu fiz parte é o CEDO (Centro Educacional Dom Orione), o Nossa Senhora da Achiropita, meus filhos foram de lá e eles saíram por opção, e eu conheço gente dali que saiu pro Banco do Brasil. E a creche mais importante pra mim é a São Francisco de Assis.

Como você avalia a questão da moradia aqui?

Não é barato, acho que o aluguel aqui é caro, acho que é um absurdo. Porque aqui é um bairro, 'ah, Bela Vista, perto da Paulista'. Mas é um bairro, é uma periferia, se você andar você vê...

Existem pedaços distintos dentro do Bairro ou ele é homogêneo?

Não. Existem pedaços distintos. Se você for, digamos, na [rua] Plínio Barreto já é um povo mais diferente. Eu tenho uma amiga que tem um barzinho lá onde eu vou, mas já é outra tribo de faculdade. Aqui na rua tem um povo da GV (Faculdade Getúlio Vargas) mal educado que mescla com nós, não respeitam o povo do bairro, ficam bebendo na calçada. Agora onde você

encontra todas as tribos é na [rua] 13 de Maio: lá você vê o carinha da faculdade conversando com a negra, com o gordo, comprando bebida do nordestino...sendo que tem o preconceito também, se você ficar parado analisando você vê coisas horrorosas. Como também na nossa Escola [de Samba Vai-Vai], mas existe divisão, e eu ando do lado de todos. A rua dos Franceses mesmo, se eu for andar com o meu cachorro, você acha que quero andar na [rua] Rocha? Eu vou subir a [rua] Veloso Guerra pra andar numa rua calma, limpa, onde eu não vou pisar em cocô, lixo não tem. Eu ando ali, conheço as mulheres ali. Porque é uma rua bonita de se olhar. Sento lá embaixo de uma árvore, vou ler um livro, fico olhando as casas, fico lá horas.

Você tem muitos amigos na região?

Sim. Tenho amigos de escola, hoje inclusive veio um casal que a menina é minha amiga, a gente estudava juntas, nossas mães nos levavam. É que eu ando em muita tribo, por isso que eu falo, quem anda comigo tem que me amar. E eu sou só. Esses dias mesmo eu fui lindamente pro [bar] Mundo Pensante, cheguei lá e me identifiquei, fiz amizade, encontrei outra tribo que eu amei.

Você vive em imóvel próprio ou alugado? Conhece a história do seu imóvel?

Eu aluguei e a casa já era assim. Diz que ela era grande e depois dividiu os cômodos. A gente divide o aluguel e eu fico com a maior parte porque eu gasto mais, uso espaço pro brechó e a cozinha a gente divide. Por mais que eu trabalhe na porta da minha casa, é caro. Aqui a casa é R\$ 1980 com o IPTU, somando tudo, com a maior parte sendo minha. Tem pessoas que conheço aqui que têm carro, viajam todo ano e moram num quarto de pensão há trinta anos, com marido e filhos que se formaram. Tem carro, moto, comprou casa no Nordeste mas não sai daquele quartinho. Eu não fui morar numa invasão porque eu fiquei com medo. Eu não fui porque meu pai falou que eu não ia encontrar minhas coisas quando eu chegasse lá, e agora eu tô aqui.

Maria (nome fictício)

Idade: 33 anos

Profissão/ocupação: jornalista

Cor/raça: branca

Classificação socioeconômica: C1

Data da entrevista: fev. 2019

Local: apartamento da entrevistada, rua Martiniano de Carvalho

Qual a sua história com o Bairro?

Moro na Bela Vista desde 2004, mas frequento o Bairro desde 2003, porque eu estudava na Faculdade Cásper Líbero. Sempre ficava por aqui, na casa de amigos. Morando oficialmente, desde 2004, em vários endereços. Comecei morando na alameda Santos, que eu acho que não era propriamente Bela Vista, depois eu mudei para a alameda Ribeirão Preto terminando a faculdade. Morei depois na [rua] Dr. Seng – eu fui descendo –, morei cinco anos ali sozinha, foi quando eu comecei a morar sozinha. Dali eu passei pra [avenida] Brigadeiro Luís Antonio, do lado da Pizzaria do Moraes, quase em frente à Igreja Universal, e daí eu vim pra cá, pra Martiniano [de Carvalho], eu tô aqui há três anos.

Como você se refere ao local: Bexiga ou Bela Vista? Por que?

É curioso porque eu acho que Bexiga dá uma sensação mais afetuosa, é um jeito mais carinhoso de chamar. Tem algo no nome que remete a algo mais tradicional. Bela Vista é só um bairro. Bexiga já gera uma sensação de mais pertencimento, de mais comunidade. Geralmente eu me refiro a Bexiga. Quando a pessoa não sabe exatamente onde é, eu falo Bela Vista barra Bexiga. Acho que especialmente o pessoal da Zona Oeste não tem muita noção do que é essa parte, o que eu sinto de amigos que moram em Pinheiros, Sumaré. Para eles o centro é República, e "ali perto do shopping Paulista" é meio geral. Aí você vai puxando as referência das cantinas, o "Bairro italiano", o *cannoli*, de repente você vai começando a puxar na memória do povo.

Quais os principais hábitos que têm no Bairro, sejam eles de trabalho, lazer, consumo?

Faço tudo pelo Bairro. Feira, toda quinta na rua de cima. É sagrado ir na feira comer pastel, caldo de cana, comprar flor e o que tiver faltando para cozinhar. Vou no Pão de Açúcar aqui do lado, no Extra – tem dois aqui perto – e tem o Dia aqui na Brigadeiro. Tem o Sacolão do Viaduto da [rua] 13 de Maio, que às vezes eu vou. Toda a 13 de Maio, acho que a extensão dela com a [rua] Conselheiro Carrão, Rui Barbosa, ali eu acabo encontrando um monte de coisa de lazer: tomar meu cafezinho, comer meu *cannoli*. Acho que ali tem muita coisa pros meus interesses: desde o calçadão do Bexiga, na praça Dom Orione, aos cafés. Tem um monte de coisa, está toda hora abrindo, mudou bastante o entorno. Tem o [bar e restaurante] Buona Fatia, que você não sabe quando vai estar aberto, tem que ligar, coisa bem de bairro, eles são meio

imprevisíveis. Tem a Casa Mestre Ananias, que eu não estou mais indo [como aluna de capoeira], mas às vezes eu vou, eu sigo indo nas festas. Eu raramente saio do Bairro.

Você se desloca de que forma pela região?

A pé, sempre a pé. Só se estiver muito tarde eu vou pegar um Uber. Até meia noite eu estou andando. É muito acessível [para sair do Bairro], por isso eu escolhi morar aqui. Essa é uma das grandes questões pra mim, eu não tenho nem nunca tive carro, e vou a pé por grandes distâncias. Eu faço especialização na [estação] Ana Rosa e vou a pé, pro centro vou a pé.

Qual ou quais características, na sua opinião, representam bem o Bairro?

Acho que tem uma coisa bem legal que, apesar de ser um bairro central, é um bairro família. Não é só comércio, como é o centro. Mas aqui sempre teve essa dinâmica. Vem abrindo um monte de lugar novo, mas o comércio tem uma pegada familiar muitas vezes. Você cumprimenta pessoas na rua, não é só um bairro de trabalhar. Eu tenho a sensação de que as pessoas moram e trabalham no Bairro.

O que você sente que falta no Bairro?

Tem uma coisinha talvez, mas não é um problema do Bexiga. Tem bastante assalto por aqui. De bicicleta eu vejo a cada mês. Aquela biccicletinha que passa e pega seu celular. Não é um problema do Bairro porque é uma questão muito maior. Não sei se ter mais policiamento resolveria, mas talvez desse uma sensação de mais segurança, porque tem pouco e eu gostaria de andar mais à noite. Mas isso não é uma questão da Bela Vista, mas da Cidade. E eu acho que tem algumas ruas escuras, o que independe dessa sensação de ter que ter um policial, acho que a questão da luz já seria suficiente para melhorar. Porque em alguns momentos eu me sinto meio restrita, porque eu tenho medo de ser assaltada, mas eu tenho sorte que eu nunca fui assaltada aqui. E algumas ruas são bem escuras, ali embaixo do viaduto da [rua] 13 [de Maio] para atravessar a noite, ali fica extremamente escuro, uma vez um cara me perseguiu ali e foi bem estranho. Dei um grito que acabou afugentando ele. Depois das 22h ali eu já não tô mais de fone, ouvindo música, eu criei uma regra.

E o que você sente que sobra, que há em abundância?

Transporte, com certeza. Opções de comida, infinitas. Tem outra coisa que não mencionei: tem muito teatro por aqui. Casinhas pequenas, resistência, e se você apresentar boleto do Bairro você paga menos, isso é muito gostoso. Não falta opção cultural, gastronômica, vinho, breja, passeio grátis de domingo.

Como você avalia a questão da moradia dentro do Bairro?

Encareceu muito, fato. Até recentemente cheguei a ver se ia me mudar e comecei a olhar outros apartamentos pelo Bairro e está tudo bem caro pelo tamanho e condição. Você não vai achar uma quitinete por menos de R\$ 1200, com várias exigências [para alugar]. A crise imobiliária não sei se chegou no Bexiga, acho que pelo contrário, aqui [o mercado] está em alta. Justamente isso, as pessoas meio que estão descobrindo, acho que tem um orgulho do Bexiga, e as pessoas estão descobrindo o Bairro e as facilidades. E agora com Uber e as pessoas abrindo mão de carro talvez busquem morar em locais com mais fácil acesso. E aqui tem uma coisa de ser meio centro mas periférico, não sei se é o centro expandido, não é o centro clássico, você não tá enfiado na Sé, mas está com tanto acesso quanto.

O que você considera como Bexiga, quais os limites do Bairro?

Aqui acho que eu estou meio Bexiga estendido, mas quando eu estava na [avenida] Brigadeiro [Luís Antônio], três quadras pra dentro eu já me considerava Bexiga. Acho que o limite seria Brigadeiro, até ali perto da rua Rocha, [rua] Almirante [Marques Leão], até a [rua] Conselheiro Carrão. A rua que tem uma casa de umbanda em que vou, a Santo Antônio, ali é bem Bexiga.

Para você, Bexiga é um bairro mais central ou mais periférico? Por que?

Eu acho que é mais central. Engraçado que eu me lembrei exatamente de uma conversa, eu cogitei mudar de bairro e morar com uma amiga em uma travessa na [avenida] Alfonso Bovero, e eu adorei o lugar, mas me deu uma angústia que eu pensei: é outra dinâmica. E ela falou: é muito centro onde você mora. E eu falei: não é igual na República, não é muito central. Mas é central, eu entendo o que você está falando. É um lugar onde as pessoas vivem e convivem, tem algo de convivência que não é só o comércio, e que fica mais claro e delineado do que onde o que eu considero centro.

Existem pedaços distintos dentro do Bairro ou ele é homogêneo?

Tem núcleos. Aqui é mais residencial onde eu moro. É mais casa e prédio, aí a Brigadeiro é mais comércio, descendo a 13 de Maio aí você sente que é onde está a vida noturna, [rua] Rui Barbosa é onde estão as casas de samba e o [bar e centro cultural] Al Jannah. As cantinas, os restaurantes nordestinos. Aí começa a ficar mais residencial de novo, mais perto do Vai-Vai, mas eu não domino muito ali. Ali a convivência me parece mais intensa, mais misturada. Ali pro meu jeito de viver me parece muito barulhento. Quando eu morava na Brigadeiro minha janela de fundo dava para a Travessa dos Arquitetos, e ali rolavam uns fluxos. E aí tinha o funk 3h da manhã muito muito alto, e a polícia não vem, não existe essa opção. Não vai acontecer também você ir lá pedir, então era bem puxado, foi uma das razões para eu ter saído. Aqui é tranquilo.

Você tem muitos amigos na região?

As amizades que fiz pela Casa Mestre Ananias, a maioria das pessoas mora pelo Bairro. Tem amigos de desde a [época da] faculdade que ainda moram por aqui, e a gente se visita.

Você vive em imóvel próprio ou alugado? Conhece um pouco da história do seu imóvel?

Alugado. Desse prédio eu não tenho muita pista, só sei que tem uns 40 anos.

Cristina Oka

Idade: 55 anos

Profissão/ocupação: gerente comercial

Cor/raça: amarela

Classificação socioeconômica: B2

Data da entrevista: fev. 2019

Local: realizada por e-mail

Qual a sua história com o Bairro? Descreva brevemente a conexão explicando se é morador(a), frequentador(a), comerciante.

A família de meu marido é dona de cantina italiana, atualmente a mais antiga do Bairro – 78 anos. Meu marido nasceu na rua 13 de Maio. Os avós de meu marido moraram e trabalharam na 13. Desde que vim trabalhar permanentemente no Bairro, participo de alguns movimentos dos empreendedores locais: participei da fundação da APPIT – Associação dos Proprietários,

Protetores e Usuários de Imóveis Tombados, e coordeno o grupo Viva 13 – de comerciantes locais.

Como você se refere ao local: Bexiga ou Bela Vista? Por que?

O trecho onde trabalho é Bixiga (e não Bexiga). Bela Vista é o distrito que contém essa localidade, que é descrita como “estado de espírito” – Bixiga, mas que tem alguns contornos delineados.

Quais os principais hábitos que têm no Bairro, sejam eles de trabalho, lazer, consumo?

Nossa família trabalha aqui, e muitos dos empregados da cantina (77%) moram no Bairro. Alguns insumos são comprados de fornecedores locais (queijos, vinhos, pães, papelaria). Em termos pessoais, procuramos centrar o consumo e lazer na região do distrito da Bela Vista, que oferece mais opções que o Bixiga: shoppings, cinemas, serviços médicos e dentários.

Você se desloca de que forma pela região?

Bastante a pé e de carro.

Qual ou quais características, na sua opinião, representam bem o Bairro?

Em termos de etnias, além de remanescentes de ancestrais italianos ainda representados nas poucas cantinas locais, existe uma tradição afro forte com a Vai-Vai instalada no Saracura, e uma presença também marcante de nordestinos. Em termos culturais, a região é um pólo de produção e estudo teatral, com a existência de várias escolas e teatros.

O que você sente que falta no Bairro?

Equipamentos públicos culturais e esportivos, com possibilidades de entretenimento diversificadas (além de funk, samba) e cursos de capacitação para a população residente; áreas verdes também fazem falta. A ordenação do uso do espaço público é hoje um grande problema no Bairro, com muitos botecos irregulares ocupando as vias com mobiliário e som alto, incomodando a vizinhança.

E o que você sente que sobra, que há em abundância?

Espírito de comunidade de interior ainda pode ser sentido em algumas partes do território, uma alta densidade de artistas moradores, degradação ambiental.

Como você avalia a questão do transporte dentro do Bairro?

A região é bem servida por transportes públicos pela proximidade com a Brigadeiro Luís Antonio e Avenida Paulista, mas os bixiguentos movimentam-se bastante à pé pelo Bairro.

E como você avalia a questão da moradia?

Existem historicamente os cortiços, desde a época da colonização italiana, antes eram muitos membros da mesma família ocupando minúsculos cômodos, hoje são trabalhadores e pessoas avulsas ocupando camas em “pensões”. As condições de moradia degradaram-se muito, e nenhuma administração municipal encara esse problema de frente. Existe uma lei de 1991 que determina condições mínimas de segurança e salubridade nessas habitações coletivas, mas até agora nada foi feito. O déficit habitacional na região central é um tema a ser encarado de frente para a população de baixa renda.

O que você considera como Bexiga, quais os limites do Bairro?

O território entre a [avenida] 9 de julho, 23 de maio, Brigadeiro Luís Antônio até a 13 de maio.

Para você, Bexiga é um Bairro mais central ou mais periférico? Por que?

É um espaço central, uma vez que encontra-se entre a avenida Paulista e o centro antigo de São Paulo, ainda que possua carências de infraestrutura e de ordenação urbanas característicos de regiões afastadas, como por exemplo descarte irregular de lixo e entulho, problema de drenagem e enxurradas em época de chuvas, entre outros.

Existem pedaços distintos dentro do Bairro ou ele é homogêneo?

Absolutamente heterogêneo, não apenas espacialmente, como cultural e socialmente. Existe uma certa anarquia, que não permite que vizinhos, por exemplo, cheguem num acordo em assuntos banais, o que dirá sobre questões fundamentais.

Você tem muitos amigos na região?

Sim.

Se morador(a): você vive em imóvel próprio ou alugado? Conhece a história do imóvel?

Temos propriedades no Bairro, inclusive um imóvel tombado pelo Conpresp, que conhecemos as origens. Como tenho levantado material para escrever um livro sobre as antigas famílias fundadoras do Bairro, identifiquei alguns pontos a partir de sua ocupação espacial.

Segismundo Bruno

Idade: 72 anos

Profissão/ocupação: comerciante (dono de café)

Cor/raça: branca

Classificação socioeconômica: B2

Data da entrevista: mar. 2019

Local: café Sabelucha, rua 13 de Maio

Qual a sua história com o Bairro?

O Bairro tem um antecedente que acho que eu comentei com você: a questão do quilombo foi na verdade a formação do Bairro, através dos negros, que saíam do Vale do Anhangabaú e formaram um quilombo, que é o Quilombo da Saracura. Com o passar do tempo houve a abolição da escravidão e os negros não foram aproveitados pela Casa Grande, como fala o [autor Gilberto] Freyre. E eles ficaram ao léu. E aí começou a ser substituída a mão de obra escrava pela mão de obra europeia, que foi o que aconteceu no Brasil. Então o Bairro começou a ter a vinda de outra cultura que foi a italiana – não que eles vieram pra ir pra lavoura, mas pra vir pro comércio, estabelecer serviços. E o italiano começou a ir formando o Bairro, trouxe a religiosidade. E foi formando essa comunidade e, de uma maneira ou de outra, sendo mártir do Bairro como se fosse um bairro de origem italiana. E minha vó veio pra cá nos idos de 1890, 1890 e pouco... Eles vieram até com um certo poder aquisitivo que venderam uma propriedade na Sicília por conta de uma perseguição familiar que houve lá. Ela veio com os irmãos pra cá, ela se estabeleceu aqui, o irmão dela lá na rua Rui Barbosa, e outros para outros lados. Foi ela quem construiu essa casa, de 1923 para frente, montou um armazém de secos e molhados. E foi aí que ela começou a ter a vida aqui no Bairro. Muito ligada à Igreja, da Achiropita, ela foi uma pessoa de muita profundidade ali, a ponto de pedir para não sei quem que está escrito no livro da

Igreja para doar esse terreno na [rua] 13 de Maio para ela. E aqui que acabou sendo construída a capela e depois, aos poucos, a Igreja. Acho que, o que você falou da periferia (referindo-se à conversa explicando o mote da pesquisa), aqui era uma região próxima ao centro e era uma região em que os lotes não eram tão caros, então dava para construir alguma coisa com um pouquinho de dinheiro. Tinha o que eles chamavam de *capomastri* que faziam a definição dos lotes, esse pessoal veio da Itália e tinha uma profissão que praticamente não existia, que seria a do intermediário, entre o engenheiro e o operário. Só que o italiano teve sempre um mártir muito mais forte, então prevaleceu a ideia de que é um bairro italiano – e até hoje falam isso. Então você tem que mostrar que o Bairro é um bairro cosmopolita que nem a cidade: tem gente de todo lugar. Aqui a referência foi mais à Igreja, porque não houve uma identidade de local. No Brás eles fizeram uma comunidade *polignase*, lá eles formaram porque tinha língua, costumes, culinária, religiosidade. Aqui já foi diferente, porque veio gente da Sicília, da Calábria, da Basilicata, um pouco de Napoli. Então dispersou assim o costume, mas a predominância era de italianos. Como o italiano é muito provinciano, não havia propriamente uma identidade só, haviam costumes, e foi assim que se formou o Bairro. Um Bairro que tinha muita ligação com o pessoal da Paulista, barões do café, também do italiano que veio de lá e se tornou muito rico, os Matarazzo. E muita gente trabalhava nestas casas, mansões, e morava por aqui. Então o Bairro se constituiu dessa forma – isso no meu ponto de vista, tem gente que não vai falar isso. Meus pais quando se casaram moraram naquela região do Itaim Bibi, mas eu nasci e vim pra cá e vivi aqui o tempo todo até casar e morar na [Zona] Leste. Isso eu já tinha mais de 30 anos. Mas a minha infância foi aqui, sem contudo eu ter uma integração muito forte com o Bairro, algumas pessoas eu tinha amizade, mas eu não era uma pessoa integrada nessa questão do Bexiga, era outro perfil de pessoal que tinha outro comportamento que não batia muito comigo nem com minha irmã. A gente não é exclusivista, mas a gente não aceitava certas coisas que o pessoal daqui fazia, aquela relação espúria com vereadores ultraconservadores que faziam concessões na verdade com a polícia. Assim, o pessoal falava bexiguento, a gente não se considerava bexiguento, porque como o Armandinho [Puglisi] fala, Bexiga não é um bairro, não existe bairro do Bexiga, existe uma denominação genérica e imaginária, mas é um estado de espírito. Então o cara que era bexiguento ele tinha lá suas características pelas quais a gente não se interessava, tipo jogos, bares. Essas eram coisas que não me atraíam. A gente participava muito da Festa da Achiropita, das festas religiosas. Depois, na adolescência eu fiquei mais retirado e quando casei fui morar na Zona Leste, onde encontrava maiores referências, porque por incrível que pareça eu

sou descendente de italianos mas tenho maior afinidade com a cultura nordestina, sempre tive. E não valorizo essa coisa do italiano, sempre foi muito positivo, mas não é uma coisa tipo "meus avós italianos, tenho orgulho". Não tenho essa coisa de orgulho de ser italiano. Esses dias eu passei [na rua] e alguém falou qualquer coisa de *carcamano*, não sei se a pessoa se referiu a mim, porque eu tava falando com um senhor antiquíssimo, mas de qualquer maneira a mim pouco importa porque não sou desse tipo de pessoa que pensa: "Ah, descendente de italiano, o senhor é muito respeitado...". Até rebato. Fui visitar a Itália mas não no sentido de querer ser valorizado por ser descendente nem nada. Então não fui procurar cidadania, a mim não importa, vou pôr aqui no quadro que sou cidadão italiano? Sou cidadão brasileiro, do que tenho bastante orgulho, porque o Brasil realmente é um país maravilhoso.

Como você se refere ao local: Bexiga ou Bela Vista? Por que?

Primeiro assim, o Bexiga foi um apelido dado por conta de uma história que não é bem definida, né, são hipóteses. E aí ficou. Naquela época era uma denominação um pouco pejorativa. Esse pessoal que tem essa referência do Bexiga falava Bexiga. Tanto que de Bexiga passou a ser Bixiga que é uma escrita errada. Outro dia passou um rapaz aqui que comentou sobre o título do [livro] "Bexiga, um Bairro Italiano", mas tá certo. Bixiga ficou porque o Armandinho [Puglisi] dizia que o italiano falava assim. Eu não falo muito Bexiga ou Bixiga, nem pra Bela Vista, mas a predominância seria não sedimentar a nomeação Bexiga, mas acaba acontecendo. Porque muita gente vem e fala: aqui é o Bexiga? Eu digo: Bexiga não é um bairro definido. O que eu posso dizer é: lá naquela região da Paulista é Bela Vista. Lá pra baixo (apontando para o outro lado da Rui Barbosa), não é totalmente Bexiga, aqui é Bexiga. Ali na [rua] Santa Madalena também não é Bexiga, é Bela Vista. Na [avenida] Nove de Julho atravessando a Vai-Vai é Bela Vista. Então nem tudo que é Bela Vista é Bexiga, como apelido. Uma vez teve lá uma vereadora que quis fazer média com o Bairro, então ela queria colocar uma lei municipal que determinasse a área do Bexiga. Não pega. Quem sente muito é gente de fora, "olha, eu fiquei sabendo do Bairro e tal". Mas não é uma coisa que o morador aqui se identifica como Bexiga. Mas aquela ideia de um bairro popular, boêmio, é isso que caracteriza para quem vem de fora.

Quais os principais hábitos que têm no Bairro, sejam de trabalho, lazer, consumo?

Eu era um pouco retirado e não tinha um hábito muito preciso. Estudava e não tinha tanta ligação profunda, eventualmente eu tinha amigos do Bairro com quem tinha um grupinho e

íamos assistir aos jogos do Corinthians. Também a referência da Festa da Achiropita. Tem gente que eu nem conhecia aqui, eu conheci quando abri o café, pra você ter ideia de como eu era integrado. Depois você vai aprendendo ou vai recebendo informação. Hoje quando alguém quer perguntar de alguém vem aqui, a pessoa sabe que eu tenho essa informação: morreu, mudou, foi pra não sei aonde... Isso a gente tem. E aí o pessoal vem pra se informar, comentar que a avó morava aqui, comentar que tem saudades daqui. Coisa que eu relativizo. O Bairro, a consistência dele, sempre foi de classe média pobre, quem era rico era quem morava na rua dos Ingleses e dos Franceses, ali era um lugar especial em termos de habitação. Aqui, não. Tinha precariedade de habitação, muitos cortiços – que eram diferentes do que se chama hoje de pensão, cada cômodo era de uma família. Era uma vida difícil. Então o que acontece é que esse pessoal quando adquiria algum recurso ia embora, comprava um lote em outro lugar, na periferia, ia embora daqui, não tinha esse romantismo que o pessoal descendente agora põe. A minha avó, ela cozinhava em fogão à lenha, imagine o sofrimento. A comida era maravilhosa? Claro que era, mas pense, não é fácil. Quando não também as mulheres apanhavam, os caras eram truculentos aqui, os calabreses... Como hoje existe o mesmo teor de violência. Naquela época, mulher apanhava e ficava quieta, então tinha essa conotação no Bairro que se você for ver bem era triste. Mulheres que morriam de muitas coisas, mulheres que davam suas vidas para as famílias. Eu não concordo muito com esse romantismo. Outra coisa que aconteceu que foi uma ruptura muito difícil. Chegou no final da década de 1960 e se concretizou um projeto que era a demolição de casas para fazer ruas, viadutos, aquela mentalidade de que o carro era melhor do que qualquer coisa. Existiu aí um prefeito chamado [José Vicente] Faria Lima que concretizou a urbanização da cidade sob a ótica do carro, que o [Paulo] Maluf veio complementar. Aqui você tinha ruas como essa e do lado de lá era a mesma coisa, passava um bonde, o Bonde Bela Vista, onde tinha a Rui Barbosa. Primeiro desativaram o bonde e começaram a demolir as casas. Casas em que morava essa gente que eu coloquei. E foi muito difícil porque as pessoas tiveram que ir embora do bairro sem indenização. E aí fizeram as avenidas e inclusive a criação da praça [Dom Orione] que não existia. Então não tem nada de romântico nisso, que as pessoas acham de "saudade". Não tem que ter saudade, a gente pode ter referência, lembrar de coisas agradáveis, mas nunca dizer "naquela época era melhor". Hoje nós estamos vivendo num país pior em termos de política, mas sempre foi difícil. Ninguém foi entrevistado lá para dizer "como é que a senhora vive?". Aqui as casas nem tinham garagem, o bairro não era constituído sob esse aspecto – mas isso não só aqui, a Cidade toda. E aí as casas velhas foram demolidas e depois se

criou essa ideia de preservação, de tombamento, mas e daí? O que você faz? Aluga os quartos lá dentro e fora fica só a fachada? O Bairro foi se modificando e aí viram que começou aquela ideia de que a gente não deve acabar com tudo, e então veio a questão do tombamento, que foi um pensamento que começou a surgir. Mas assim, essa coisa do tombamento, se fosse feita na década de 1970, aí evitaria que se demolisse o Bairro. Dividiram o Bairro, desqualificaram o Bairro como tal. Talvez se ele fosse daquele jeito seria uma coisa mais profunda em questão da moradia, tem casas muito boas que acabaram. E a prefeitura na década de 1970 permitia que se construísse na totalidade do terreno, sem recuo. O fato de você no calor não vir muito para restaurante por aqui não é que o cara não quer comer massa, é que [o lugar] é quente e escuro [por conta da construção]. Você pode observar todos os restaurantes daqui, todos, têm apenas a janela para frente, não tem lateral. E não tem nada que dê uma ventilação natural, uma luz natural. Foram erros que se cometeram no passado e hoje para se modificar vai muito dinheiro. Em vez do tombamento acho que o que tinha que acontecer era uma intervenção política no Bairro, fazendo dele efetivamente restaurado, com aspecto cultural mesmo, certas referências do passado, como em muitos lugares no Brasil. Foi o que fizeram no Pelourinho, eu nunca fui para lá mas já ouvi falar. O que nunca deveria ter sido feito é sacrificar os moradores, o que aconteceu lá, porque na urbanização são sempre os moradores quem são prejudicados. Aqui não é certo ter o adensamento que tem, fruto de uma casa com 60 pessoas sem ventilação. Isso teria que ter uma intervenção para que as pessoas morassem ali decentemente. Obrigar que não houvesse especulação do dono, conivente com o atravessador, para explorar as pessoas. Isso era uma coisa importante, mas não é tão simples de implementar. [Comenta de uma mulher que alugou um salão insalubre onde se dividiu quartos, onde "ninguém aguenta ficar mais de um mês"]. Isso no centro urbano da cidade... por isso que às vezes os aluguéis aqui são caros, mas a pessoa vai morar na vila e tem o problema da locomoção, então prefere ficar aqui. Tem gente que é ignorante e fala: "ah, esse bando de vagabundo não quer sair daqui". Não é isso, é dificuldade mesmo.

Você se desloca de que forma pela região?

Quando tenho de ir em qualquer canto do Bairro vou a pé. Eu gosto de andar porque vou revendo certas coisas, o que transformou, tá melhor ou pior, eu gosto muito de andar porque a gente foi acostumado a andar, minha mãe não suportava pegar ônibus porque se atrapalhava, e ia pra Liberdade, Sé, 25 [de Março], sempre a pé. E o Bairro propicia você a andar a pé, tanto é

que não tem uma condução específica dentro dele. Antes tinha o bonde que servia apenas aos moradores. Antes era pior, porque hoje você ainda tem essa perspectiva do Bilhete Único, mas antes o morador daqui não ia de ônibus daqui para a [avenida] Paulista porque era caro.

Qual ou quais características, na sua opinião, representam bem o Bairro?

Com tudo que a gente falou, eu acho que ele se tornou um Bairro bastante solidário, as pessoas se conhecem, não tem outro encanto arquitetônico, bem ou mal as pessoas se comunicam, se conhecem de certa maneira. Eu acho que a característica principal é essa, porque é um pessoal pobre, sofrido, então não tem uma arrogância de Higienópolis, dos Jardins, onde as pessoas não querem ter contato. Tem um rapazinho que trabalha aqui [no café] no sábado que é também caixa do [supermercado] Extra e ele estava comentando que tem pessoas que não respondem ao "bom dia". Uma coisa de arrogância mesmo.

O que você sente que falta aqui?

Que houvesse uma intervenção política no sentido de melhorar as condições globais do Bairro. Fiz isso, aquilo, fazer banheiro, não adianta. Vereador que vem aqui pra falar.

Para você, Bexiga é mais central ou mais periférico? Por que?

Acho que periférico não é. É um bairro pobre, mas dentro do contexto da Cidade. Não acho que é uma periferia aqui, não, até mesmo porque tem um monte de coisa aqui, comércio, teatro. Talvez tenha sido no começo, porque estava ao redor do centro, que era caro.

Existem pedaços distintos dentro do bairro ou ele é homogêneo?

Não tem. Eu acho que é um pouco...Não tem, não. Por exemplo, lá aquele pedaço [região do Morro dos Ingleses] é mais sofisticado, com um padrão de vida; daqui para baixo e do outro lado da Rui Barbosa tem umas casas com certo padrão e outras bem degradadas, subnormal. Tem muito bar, boteco. Agora ali pra cima está se tornando mais arrumadinho. Da escadaria pra frente tem dado uma melhorada. Nunca foi deteriorado, mas melhorou. Lá pra baixo é complicado. E também era um lugar muito bem estruturado que foram degradando.

Você tem muitos amigos na região?

Sim.

Jorge Luis de Souza

Idade: 38 anos

Profissão/ocupação: publicitário e gerente comercial

Cor/raça: negra

Classificação socioeconômica: B1

Data da entrevista: abr. 2019

Local: bar gerenciado pelo entrevistado, rua Maria José

Como é sua história com o Bairro, onde nasceu, como foi sua infância...?

Eu sou natural de Carapicuíba (SP) e vim pra cá com um ano e nove meses. Quem me criou foram minhas tias e minha avó. Estudei no [Escola Municipal de Educação Infantil] Angelo Martino, depois no [Escola Municipal de Ensino Fundamental] Celso Leite, depois no [Escola Estadual Maria José e no [Escola Estadual Presidente] Roosevelt. Fiz parte de grêmio estudantil. Militei na UMES (União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo). A gente faz esse campeonato [Inter Ruas do Larguinho] aqui desde quando eu tinha 16 anos. Desde 1993, por aí. Saio no Vai-Vai há 19 anos, sempre na mesma ala. Tenho amigos em todas as ruas, Abolição, São Vicente, Paim – todo mundo me conhece bem e eu conheço muito as pessoas. De 2000 a 2005, fui um dos que conseguiram se formar em uma universidade, sou formado em Comunicação Social há quase doze anos. E a convivência é muito boa. A gente está buscando fazer esse projeto da Rua de Lazer justamente pra ter uma possibilidade de passar para as pessoas da rua [Maria José] coisas que talvez elas não conheçam, fazer com que elas se sintam úteis. Essa rua já foi Rua de Lazer uma vez. A Rua de Lazer é assim: você faz um abaixo assinado com as assinaturas das pessoas que moram na rua, ela fica então fechada só aos domingos e feriados e você tem que ter sempre eventos [nestes dias]. Esses documentos são enviados e protocolados pela Prefeitura, passam para Secretaria de Esportes, são encaminhados para a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), reencaminhados para a Prefeitura e voltam pra Secretaria de Esportes, quando tem a assinatura do diretor de Esportes do Estado, e então publica-se no Diário Oficial. A gente levou dois anos para acertar isso, e muitos anos antes só se falava, só se sonhava. E eu dentro disso me encaixo de uma forma muito positiva, eu gosto muito de ajudar as outras pessoas, coisas que eu não tive na minha infância e hoje vendo, tendo

uma reflexão, acho que posso ajudar muito. Às vezes as pessoas não enxergam assim, quais são as grandes dificuldades que têm aqui no centro, a gente tem muitas dificuldades: mãe que tem que sustentar cinco ou seis filhos, pais alcoólatras que não respeitam a família, adolescentes que com tudo isso acabam entrando na vida do crime, que isso parece que é um ritual aqui do Bexiga, da molecada – eu já fui moleque, já passei isso na pele e sei como é. O que a gente tenta a cada minuto é passar uma visão diferente, que isso vai estar presente mas não é uma coisa que pode ser eterna. A Rua de Lazer é para levar pra esses jovens atividades para que eles não esqueçam de que são adolescentes. Resgatar algumas atividades desde a infância, brincadeiras, e trazer pra eles que isso ainda existe. E fazer com que se abram pra outras coisas, conheçam.

Existem muitas opções culturais no Bairro. Elas são para os moradores?

Vou falar pra você: dificilmente são pra eles. Porque a gente não encontra uma peça teatral na rua, a gente até encontra algumas mostras de cinema gratuitas feitas pela USP (Universidade de São Paulo) todas as segundas-feiras, mas a informação não chega em todas as pessoas que tem que chegar. É um bairro muito voltado ao artista, mas as pessoas que vêm assistir a esses artistas não são daqui. São pessoas com um poder aquisitivo maior e que conseguem – não que pessoas que morem aqui não tenham o poder aquisitivo, mas é que talvez achem que não é pra elas. Então também rola muito essa coisa do pessoal que mora aqui plantar uma barreira, e o outro lado ter uma barreira natural. E com isso, a Rua de Lazer, a gente vai poder aproximar mais. Como minha família toda – mãe, pais, irmãos – são de Carapicuíba, eu passava os fins de semana lá. E lá é bem periferia, então eu tive esses dois contrastes, de viver num município dormitório e no centro, bem mais alerta, ativo. Lá onde eu nasci, e onde eu me criei aos finais de semana, era mato, favela, chão de terra, futebol, campo, matagal correndo atrás de pipa. Ao mesmo tempo que lá eu tive uma infância com pipa, bolinha de gude, aqui eu tive uma infância com fliperama, shopping. Eu digo que sou privilegiado de ter conhecido tudo isso.

E quando você vinha para cá você dizia o quê, "vou para" onde?

"Vou pra Cidade", eu dizia quando vinha pra Bela Vista. Por mais que Carapicuíba tenha seus centros, não é uma cidade igual aqui. Quando eu estou na [avenida] Paulista eu digo "vou pra quebrada, lá pra Bela Vista". A gente sabe que é Bela Vista, mas se a gente está na Paulista ou Centro diz: "vou lá pra quebrada". Que é o Bexiga. Porque Bela Vista mesmo é da [avenida] Brigadeiro [Luís Antônio] pra cima. Eu falo Bela Vista, mas o certo seria Bexiga.

Acha que valeria oficializar o nome Bexiga?

Será que não seria para contemplar a existência das pessoas que moraram naquele Bexiga italiano, e pra quem vem, turisticamente?

Os comerciantes maiores, muitos não moram aqui, não?

Na verdade é o seguinte... Tem núcleos, e as pessoas que reclamam são pessoas que não moram aqui. Moram em outro lugar, e pelo fato de o pai ter um comércio, por terem apartamentos, elas querem a valorização do imóvel, não estão preocupadas com o bem-estar das pessoas que vivem aqui. Então quer dizer que as pessoas devem viver aqui sem nem um tipo de alegria, de festa, sem nenhum tipo de evento? Elas têm que ter utilidades dentro do bairro em que moram, residem, convidem. Porque a pessoa diz que é morador mas tem um imóvel ou comércio, é uma situação, [diferente] então [de] quando você mora e vê a realidade. Tem pessoas hoje que só tem bens no Bexiga, mas não são mais bexiguenses, não moram na Bela Vista, não são mais da quebrada, e acham que [as coisas] têm que ser como elas querem. A gente tem um CONSEG (Conselho Comunitário de Segurança) aqui e eu acompanho, vejo que tem coisas com razão, mas outras, não. Querem barrar coisas que são da natureza das pessoas que moram no Bairro. Não tem como você transformar um bairro que é boêmio, artístico, extremamente cultural, num bairro de classe média alta, que essa é a visão deles. Transformar isso num bairro de classe média alta, acho que esse é o sonho de muitos. Mas felizmente isso não vai acontecer. Porque eles não conseguem envolver todos os desejos das pessoas. Podem querer transformar, mas sempre vão existir pessoas que vão ter a mesma capacidade que outras de alto escalão para morar aqui e continuar fazendo. Acho que daqui mais 100, 150 anos ou mais vão existir essas mesmas pessoas – netos, bisnetos – e vão continuar todo esse fluxo, porque é natural isso. Um processo de migração, de várias... de vários Estados para cá, isso tende a crescer mais ainda. Tem pessoas que têm esse tipo de discriminação também por essas pessoas que são refugiadas, que não é gente numa condição de imigrar para trabalhar e estar bem, o cara está fugido de um país em que gostaria de estar, e encontra aqui [no Brasil] uma condição um pouco melhor em termos de trabalho, mas muito ruim em termos de socialização. E aí é engraçado quando a gente sai do país e sente na pele isso... Quantas horas esses caras não andam carregando tênis, relógio, com essa mochila, de chinelo, pra ter um dinheiro pra pagar um hotel? E não conseguem alugar

um apartamento porque não conseguem comprovar renda. E nesse ponto é que você percebe que as pessoas querem afastar. Por que não poderia confiar só num depósito?

Como é a sua rotina no Bairro?

Meu dia a dia... de segunda eu fico de folga, então eu procuro ficar mais tranquilo em casa, ir ao parque. Já na terça começa a pegada, eu vou ao mercado, faço um cafezinho legal, almoço aqui perto num bar de algum amigo ou em casa. Sempre passo ali pra conversar com um amigo, faço uma brincadeira, antes de chegar aqui vou no bar de um camarada, falo com o pessoal da empresa do lado. Daqui a pouco chega um amigo, começa a amolar, encher o saco, a gente bota um som. Sempre vem o assunto Vai-Vai hoje... Troco uma ideia de outros projetos, como da Rua de Lazer. E dependendo do horário que saio daqui, se rola alguma festa eu vou. Curtir um som. Eu gosto de hip hop, então eu vou dançar, tiro uma onda. Espero meus filhos aparecerem aqui, porque eu tenho dois filhos, um menino de 15 e uma menina de 13.

Você se desloca como no Bairro?

Me desloco a pé, adoro andar a pé na Bela Vista, porque aí eu estou mais próximo das pessoas, é bacana quando você vê um amigo com quem estudou há bastante tempo.

Do que você sente falta quando não está aqui?

Eu sinto muita falta do barulho quando saio daqui. Adoro essa vida. As pessoas em movimento a madrugada inteira. Você pode acordar duas da manhã, você sabe que tem um lugar pra você comprar coisa. A hora que for de madrugada você sabe que vai trombar alguém na rua, louco ou careta. Depois que eu casei eu morei na avenida Nove de Julho e em Carapicuíba, e dava meia noite não tinha mais nada. No sábado às nove da noite não tinha nada na rua. E aí quando eu voltei pra cá eu senti mais isso ainda. Aqui não para, tá tudo funcionando, e você funciona nesse tempo. Eu adoro isso. E é o lugar em que eu cresci, então eu adoro o pessoal. Toda hora aparece alguém aqui, a gente troca uma resenha.

Você sabe da história da casa em que cresceu?

Eu cresci em apartamento. Sempre morei em apartamento. Comecei morando no Conjunto Perimetral, do lado do Hospital Pérola Byington, depois eu me mudei pra [determinada rua] com a [avenida] Brigadeiro [Luís Antônio], em cima de uma grande panificadora italiana que tinha.

Vi alguns lugares como o hotel Danúbio se desfazerem, um hotel muito antigo, tinha um padrão muito bacana. Mas a parte baixa, a rua, me convenceu desde sempre. Porque a escola já ensina. Na escola a gente tinha que se adaptar, fazer parte do grupo. Aprendi muitas coisas, boas e ruins, mas me deu uma formação muito boa.

O que acha que falta no Bairro?

Eu acho que falta muito a iniciativa dos órgãos públicos. A gente tem um CONSEG, mas o que ele faz além de criticar, expor pessoas e situações? Não vejo um CONSEG colocando pessoas para irem lá embaixo do viaduto dar uma orientação. Os agentes de saúde têm feito um papel muito importante aqui. Eu tenho um amigo que é agente de saúde, então eu vejo o quanto ele se empenha para ir na casa das pessoas. O que a gente vê é a Prefeitura "limpar", agora colocaram embaixo do viaduto uma arena de esportes. Do outro lado virou um estacionamento da PM, ou seja, um carro vale mais que um ser humano. Falta ajudar quem necessita. É muito fácil só criticar, se preocupar com seu bem e não com o das outras pessoas que moram aqui.

O que você sente que sobra aqui?

É bom saber onde você está pisando. E conhecer lá pra baixo do morro. Na subida do morro é diferente... Tem muitas coisas bacanas de se conhecer. Por mais que existam pequenas richas, a gente se trata como irmão, amigo, você tem liberdade de tirar uma onda com as pessoas de lá de baixo da rua, acho isso muito legal aqui.

Como você vê a questão de moradia no Bairro?

Convivi muito dentro das pensões e vi muita dificuldade das pessoas. É triste saber que tem pessoas no Bairro que poderiam dar uma assistência melhor a esses moradores de pensão e na verdade tratam eles como... intrusos, né? Arruaceiros. Na verdade a pessoa tá vivendo o que ela tem e com o que ela pode pagar, deveria ser visto com esses olhos. Não como "vai desvalorizar o imóvel". Isso é triste, as pessoas valorizarem mais o dinheiro do que o bem estar das pessoas. Por mais que as outras pessoas às vezes sejam folgadas, e a gente entende, são pessoas. É muito louco você conhecer esses dois lados. Saber que você vai chegar na sua casa e ter uma oportunidade e que a pessoa que está morando num cortiço, numa pensão como agora é chamada, não vai ter a mesma oportunidade. Você tá aqui, eu tô ali, a gente convive nessa escola junto, vai pros mesmos passeios... A gente vê assim que essas pessoas ainda resistem.

Você fala Bexiga ou Bela Vista?

Eu considero tudo como Bela Vista, eles que colocam essa parte "Bexiga", "Bela Vista". Eu não tenho essa discriminação, porque até eu seria discriminado no meu próprio Bairro. Falar que a Bela Vista é da Brigadeiro pra lá, e que o Bexiga é da Brigadeiro pra cá, por causa da galera que é mais comunidade, não faz sentido porque lá pra cima também tem pensão. Tudo é Bela Vista e tudo é Bexiga.

O bairro é mais central ou periférico?

É mais periférico. Pra mim a Bela Vista nesse momento ela é bem mais periférica. Acho que a diferença da periferia pra cá é que aqui é tudo perto de você conseguir as coisas. Quem só passa de carro não conhece nada daqui, agora quem anda, circula, convive, é outra pegada, outra batida. Acho que é outra ideia. As pessoas colocam essa diferença, para gente poderia ser tudo igual que estaria da hora. Tem essa restrição também de pessoas que vêm de fora e não querem fazer parte do nosso ciclo de amizade, que são coisas que acontecem na periferia também – não adianta eu chegar agora na Zona Leste ou na Zona Oeste, Perus...

Você tem muitos amigos no Bairro?

Tem pessoas que tomaram um caminho bom, positivo, pessoas que estão privadas da sua liberdade, outras que já não estão mais no meio de nós, coisas que acontecem em várias outras periferias. Então o que a gente pode trazer de bom pra essas pessoas? Porque a pessoa está aí com vinte anos, mas e daqui vinte, será que vai ter a possibilidade de estar vivendo aqui na Bela Vista? Nem eu sei se vou. É não saber o que vai ser amanhã, a gente vive assim. Muitos não têm residência própria aqui. A minha família, e não só ela como de outras pessoas aqui, nunca se envolveu. Eu que me envolvi, porque eu convivo e cresci aqui, tenho um entendimento maior. Eles, não. Passam de carro e... mas meus filhos moram aqui. Meus filhos querendo ou não vão ter sempre um grande contato. Isso que eu guardo assim, resistência do local, resistir dessa maneira, é bacana quando você sobe uma rua, o que era ali, o que era lá. Nutrir uma história, um sentimento. Acho que o bacana é quando você consegue unir uma memória, um sentimento.

Marco Antônio Carneiro

Idade: 56 anos

Profissão/ocupação: analista de sistemas e músico

Cor/raça: negra

Classificação socioeconômica: B2

Data da entrevista: abr. 2019

Local: praça de alimentação em Itaquera

Como é sua relação com o bairro?

Eu sou suspeito porque eu nasci e fui criado ali. Eu nasci na Brigadeiro Luís Antônio, eu sempre vivi ali, os vínculos que eu criei ali, nem se compara (com onde vive hoje). Lá foram os melhores anos da minha vida, então é completamente diferente. Na época em que eu era solteiro, molecão, adolescente, queria ganhar o mundo. Então de fato a Bela Vista é de coração, não se compara. Porque no Itaquera eu malemá conheço os vizinhos. E depois você casa, tem filhos, é diferente, você não tem muito rua. Pelo menos eu não tive muito rua depois que vim pra cá. Lá que eu fui rua. Era nossa quebrada, mas aí assim, cada um chama de um jeito. Eu entendo que quebrada é mais afetivo, não necessariamente na periferia.

Você já ouviu a expressão "periferia central" por lá?

O que é uma periferia central? É estranho, eu acho que a Bela Vista não é muito isso, não, é o centro, acabou. E periferia é longe do centro. E acho que tem mais a ver com assistência, as periferias são menos assistidas, e até certo tempo teve um tom pejorativo – e de fato tudo chegava, e chega até hoje, mais lentamente nas periferias. Agora periferia central eu não sei o que é, não.

Pra você a Bela Vista tem muita coisa de centro, então?

Lá não era um Bairro rico. Tinha os prédios da Paulista, mas ali Bela Vista onde a gente morava era pé no chão. Mas não se compara ao que era a periferia onde não tinha asfalto – ali pelo menos a gente tinha asfalto. Inclusive eu tinha me inscrito na Cohab (Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo) quando eu tinha 18 anos, mas não quis morar na periferia antes porque eu fiquei sabendo que onde eu ia morar a padaria era uma perua Kombi que passava. Então pra gente o centro era Nova York, entendeu? E depois também tinha a questão da informação na Bela Vista, ali era um centro cultural. A gente tinha muita informação,

a respeito de cultura, a respeito de tudo, coisa que chegava mais devagar nas periferias. Eu lembro que na época que a gente ia nos bailes a gente até ironizava o pessoal que morava nas periferias chamando de "pé de barro", de bronca quando eles saíam com uma menina que a gente queria pegar. E pra eles a gente era "nego boy", "nego rico", "preto metido", como se a gente fosse os riquinhos. Mas na Bela Vista os nossos guetos eram diferentes dos guetos deles. A gente tinha mais informação, mais urbanização e nem por isso éramos ricos, era o nosso gueto, a nossa quebrada e tínhamos os nossos perrengues de grana.

Eu acho que isso da coisa da afetividade que você tem pelo lugar é o tempo que você passou lá. Eu cheguei aqui adulto, lá foi onde eu descobri o mundo. Não sei se é possível você chegar em um lugar e descobrir essa afetividade. Eu de uma certa forma ainda me sinto estranho aqui, mesmo estando há 25 anos, Bela Vista é onde eu me sentia em casa. No rap, que é onde eu tenho mais vivência, se você ver as letras da galera das periferias falando das suas quebradas, na visão romantizada que eles tinham de cada um de seus lugares, até quando falavam de morte e assassinatos, você vê esse amor, esse carinho, esse afeto pela quebrada. Inclusive quebrada era um mote para letra de rap, era algo que era um orgulho, o cara gostar da sua quebrada era um orgulho, então tinha bastante isso no rap. E você vê que cada um entende da sua área, põe a mão no fogo pela sua área, critica mas lava a roupa suja em casa – vem o outro falar pra você ver.

Hoje essas avaliações de um e outro ficaram pra trás. Eu nasci na [rua] Conselheiro Ramalho, tinha um vilão daqueles tipo italianos, um casarão antigo, era uma vila e aquilo ali era um cortiço. Eu morava num cortiço. No centro, Bela Vista, centrão da cidade, mas num cortiço. Daí fica meio difícil de você definir. Porque aqui na periferia mesmo, onde eu moro, tem casarões, muita gente com grana. Não é assim que todo mundo é assalariado, tem uns caras de poder.

Você se refere a Bela Vista ou Bexiga?

Belaxiga. Os dois. Bela Vista, Bexiga... Tem isso também de chamar mais o miolão de Bexiga. Mas pra mim é tudo Bela Vista e tudo Bexiga.

Quanto tempo e onde você morou no bairro?

Acho que eu morei lá 30 anos. Morei em dois lugares: na Conselheiro Ramalho e na [rua] Manoel Dutra com a 13 de Maio, numa casa de esquina.

Quais eram seus principais hábitos lá?

De lazer era encontrar com a galera no larguinho, a gente tinha a Turma da MJ, Maria José, e lá que a gente se encontrava pra jogar bola e pra ensaiar pro Carnaval, que a gente tinha a ala Sente o Drama. À noite tinha gente direto lá, tinha gente que nunca estudou que ficava o dia todo, e a gente se encontrava lá pra ir nos bailes blacks, no [estádio do] Palmeiras, no [bairro do] Limão. Em todos os bailes blacks da época a gente ia. Eu trabalhava no Banco Francês na Paulista, depois trabalhei no centro, no Banco Estadual da Bahia. Mas nunca peguei condução pra trabalhar. Isso que eu adorava. E pra ir pra qualquer lugar da cidade tinha saída. Ou era a pé que a gente ia. Por exemplo, quando a gente voltava do Limão à noite a gente voltava bem doido a pé. E pegava metrô, ônibus, na avenida Nove de Julho, na avenida Paulista, na Brigadeiro.

Onde você estudava?

Eu estudava na [rua da] Consolação, no Marina Cintra. Antes era Grupo Escolar São Paulo. Daí eu saí de lá e fui pro [Escola Estadual] Maria José, que era em frente de casa. Depois, faculdade eu fiz o primeiro ano no [bairro do] Tietê, na [Universidade] Cruzeiro do Sul, depois tranquei, fiz FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas), [Universidade Presbiteriana] Mackenzie, fazia e trancava. Na verdade, faz só uns três anos que eu consegui me formar em Desenvolvimento de Sistemas. Nesse meio tempo tinha a música, que chegou lá no Região Abissal, na Bela Vista, quando eu trabalhava na [empresa] DHL. E aí foi aquela onda toda, aquela maluquice toda.

O nome Região Abissal, de onde ele veio?

O nome Região Abissal foi o Guzula que deu. O nome ele achou num livro sobre essa região abaixo de não sei quantos km da superfície do mar, são abismos, e os peixes de lá são bem feios por causa da pressão e não tem iluminação, e por isso eles têm luz própria. Aí caiu bem, porque a gente estava ali na periferia, no gueto, ninguém nos conhecia, e cada um tinha sua luz... No início, no meio a gente era considerado uma elite no rap, a gente era tido como um grupo do centro. O rap era de periferia, era de raiz, contestatório, a gente era como se fosse um “Gabriel o Pensador”. As minhas letras tinham linguagem universitária, e nosso grande público mesmo era da Vila Madalena, dos Jardins, [da casa noturna] Madame Satã, [da casa de shows] Aeroanta, as grandes casas culturais da época. Quando a gente ia na periferia, no fundão, uma ou outra

música que agradava. Isso no começo, depois foi se integrando, o rap cresceu. Não ficou mais exclusivo da galera que exaltava ou denunciava o dia a dia da periferia.

Quais características da Bela Vista são bem marcantes?

Acho que a negrada e a italianada junto. Acho isso bem louco. E futebol, samba. Outro dia a gente estava lembrando as histórias do [cordão carnavalesco] Fio de Ouro na rede social, só a velharada. Eu morava em uma vila chamada Zamataro e me lembro de uma vez em que o pessoal do Fio de Ouro foi arrumar os instrumentos lá – antes era tudo [pele] de couro, e quando rasgava eles descartavam. Então a gente pegava, deixava de molho na água para amolecer e prendia, deixava secar e saía tocando pela vila. E aí eu lembro que tinha uma cara enorme ali dando ordens, um puta de um negrão com vozeirão de dar medo. Anos depois fui me dar conta que era o Zé Mário [membro notório da Escola de Samba Vai-Vai]. E foi o primeiro contato que eu tive com instrumento de percussão. Ali foi a primeira escola de samba que a gente começou a enxergar. E parece que tinha uma rixa entre o Fio De Ouro e o Vai-Vai – isso eu ouço falar. E minha mãe me levava na [rua] Rui Barbosa pra ver o Vai-Vai passar, e a gente não ia embora enquanto não visse o rei e a rainha, tinha esse negócio antigamente. Essa lembrança que eu tenho mais forte da Bela Vista, do Vai-Vai: futebol, samba, som, italianada, negrada, macarrão, pizza. Na época em que eu estava lá havia uma reunião de jovens, a gente tinha que assistir a missa no domingo de manhã pra poder jogar na quadra do lado. Eu participava também de um Centro Espírita na rua Conselheiro Ramalho que quem coordenava era uma professora de música, e a gente ganhava lanche e ela falava sobre religião e sobre tudo, era mais ou menos um projeto social. No sábado à tarde essa médium atendia a criançada lá do Bairro, mas não era nada vinculado ao governo. A gente se reunia, a MJ, a Sente o Drama, os italianos ali da 13 de Maio com a Conselheiro Carrão, tinha a integração com o futebol. Tinha os núcleos: Maria José, 13 com Carrão, Vai-Vai, Marques Leão, o pessoal da Paim. Eu imaginei que essas coisas tinham se perdido, e é legal você estar falando que você consegue enxergar isso.

O que você sentia que faltava quando morava lá?

Faltava isso que tem hoje que eu tenho uma puta inveja: no final de ano ter evento na avenida Paulista. Chegava fim de ano e não tinha eventos populares de rua, hoje tem no centro e tem aqui. O governo não tinha essa visão social, acho que depois que o PT (Partido dos Trabalhadores) entrou [mudou], as esquerdas que tinham essa visão mais social. Eu acho que

essa diferença entre centro e periferia é justamente onde se teve mais atuação do governo em termos de urbanização, assistência, lazer etc.

O bairro é homogêneo ou heterogêneo?

É um bairro com várias classes sociais. Os italianos tinham uma posição financeira melhor, mas eram da quebrada ali – mas aí talvez seja minha visão ingênua, porque eles lucravam com aquilo. Eu tinha uma visão romântica, mas eu prefiro ficar com ela, que todo mundo era amigo, não quero mudar, não (risos). Ali na 13 de Maio tinha um clube dos italianos, passando a rua Luís Barreto do lado direito. Tinha esse clube mas a negrada invadia ali, discutia futebol, comendo feijoada, fazendo churrasco. Claro, eles mantinham aquilo e não tinha como xingar, então pra nós ali era um lugar nosso, não era dos italianos, era o lugar em que a gente se encontrava. É uma visão ingênua, não deixa de ser.

O que você não gostava de lá?

Esse lance da polícia era terrível ali, a gente não podia estar em paz, não podia fumar um baseado. A maioria ali trabalhava e estudava. Mas a gente passou um tempo terrível, andar nas esquinas era complicado. Fez parte da nossa trajetória, da infância, da adolescência.

Você tem muitos amigos no bairro?

Todos os meus amigos eram dali. Hoje acho que deve ter um outro que ainda mora lá.

Você tem orgulho de ser da Bela vista?

Claro, tenho orgulho. E como. Falo com orgulho: nasci na Bela Vista, na Brigadeiro [Luís Antônio] e morei o tempo todo ali.

Ângela (nome fictício)

Idade: 69 anos

Profissão/ocupação: costureira

Cor/raça: negra

Data da entrevista: mai. 2019

Local: casa da entrevistada, rua 13 de Maio

Quando eu vim morar aqui, em cada casa morava alguém. (Dirige-se até a janela para mostrar) Aqui nesse [bar] Velho Pietro era a pensão da Maria Antônia, aqui onde é o [bar] Café Piu Piu era o Teatro 13 de Maio. Aí quando teve aquele famoso show do [grupo] Dzi Croquettes, muitos moravam nos quartos da Maria Antônia porque eles eram do Rio [de Janeiro] e o teatro estava aqui, e era barato. Ali pra baixo tem umas casas ali e tem um terreno grande. Lá pro fundo tinham os moradores, a gente andava e tinha lá pro fundo cheio de moradores. Aqui nessa [casa] vermelha foi um puteiro, puteiro que eu falo é que era quase anos 1990 e tinha uma puta famosona – eu tenho até foto com ela porque ela saiu no Vai-Vai – e tinha show de sexo explícito, e a homarada virava o quarteirão para ver o show. Por aqui tinha o Cineclube do Bixiga. A maior diferença [para hoje] são essas construções de puxadinhos, esses andares, que não existiam. E lá pra cima só era casa também, e você olha na frente e não tem nada, mas no fundo tem dois, três andares. Essa casa do lado ficou mais de trinta anos fechada. Quando morreu o penúltimo herdeiro, o último vendeu pra esse cara que tem várias pensões aqui. Sempre teve pensão, para trás das fachadas. E aqui mora muito haitiano, aqui do lado. Na maioria das pensões [do Bexiga]. Tem um monte de pensões entre a rua São Domingos e o viaduto que passa lá, tudo feito sem alvará. A condição é ruim pra quem aluga, e eles falam que é tombado, não pode fazer nada, mas é tudo de mentira.

Uma outra coisa: quando eu mudei pra aqui tinha muito jovem filho de italiano e tinha pouco nordestino – eu sou nordestina também. Mas eu vou ser sincera, o nordestino ajudou muito a criar isso, porque eles querem morar perto de algum lugar pra trabalhar. Tinha antes, mas era pouco, eram famílias que moravam. Todo mundo se conhecia. Naquele prédio de esquina, eu fui uma das últimas pessoas que saiu daquele prédio, ele estava fechado há 26 anos. Pertence a uma família que tem um dinheiro e o filho do dono, médico, nunca ligou. Ele era dono de outro prédio em que morei na [rua] Conselheiro Ramalho, nesse eles conseguiram fazer um condomínio. Ali perto da Vai-Vai tá tudo invadido. Como o Café do Bixiga que invadiram. Lá agora mora um casal tomando conta. E esse pessoal que saiu foi lá pra baixo... Antes de invadir eles moravam nesse quarto aqui de cima. Aqui paga. E aí eles foram invadir.

Pensão sempre teve, mas não era desse jeito. Por aqui, o quarto é quase a metade disso aqui (refere-se à sala da entrevista, de cerca de 30 m²) e [custa] 700 reais. E os com um banheirinho

[custam] 900 reais. Aqui [ao lado] tem uns 20 ou 30 quartos. O dono dessa casa aqui (em que mora), quem construiu foi irmã, sogra dele, isso aqui é da década de 1970 ou antes, e eles não querem alugar pra pensão. Eu morei aqui, saí e fui pra outra casa (na rua Joaquim Eugênio de Lima), aí teve uma chuva que invadiu – eu não sabia que tinha de colocar comporta – aí eu me enlouqueci, passei aqui e essa casa ainda não tinha alugado. Voltei pra ela. Eu trabalho aqui.

Onde você já morou no Bairro?

Aqui acho que não tem nem rua onde não morei. Manoel Dutra morei duas vezes. [Avenida] Nove de Julho já morei. Conselheiro Ramalho, rua São Domingos, 13 de Maio, [Almirante] Marquês de Leão. Numa rua entre Humaitá e [avenida] Brigadeiro [Luís Antônio], uma travessinha. Rua Jandaia, onde tem aqueles arcos. Já morei um ano e pouco fora daqui, quase do lado do parque da Aclimação, a minha filha era pequena e era só atravessar a rua para chegar ao parque. Mas jamais. Nada é igual à Bela Vista. Nada. Eu conheço muita gente. Saio no samba há 500 anos. Lá, não. É um bairro que eu gostei e acabou. Tem os vagabundos aqui do lado que vendem droga, eu conheço os chefes, então não mexem comigo. Pode passar aqui, ninguém mexe, nem olha. Sabe que eu conheço os donos, e os donos me conhecem. Então a gente conhece as pessoas. Tem amigas que moram aqui perto. Tem meus parentes na [rua] Conselheiro Ramalho, na esquina da [rua] Santo Antônio. E tem parte da família que mora na Zona Leste, mas eu gosto daqui. Todo mundo é baiano e os netos são paulistanos. Tem muito baiano aqui também. Eu tenho uma amiga baiana que mora na rua Pedroso. Eu e os irmãos dela fomos amigos desde lá, ela também é meio parente da mulher do meu primo, baiana da minha cidade.

Quando você chegou aqui?

A primeira vez que eu vim pra São Paulo eu tinha 20 anos. Eu sou de Jequié, sudoeste baiano. Minha mãe morava aqui. Para Salvador eu ia para passar férias. Minha cidade estava cheia de maluco, já ouviu falar em Waly Salomão? Esse José Simão – ele é paulistano, nasceu perto do Ibirapuera, mas ele ia muito pra Bahia e era amigo dos meus amigos. Naquela época, além de parentes, eu tinha alguns conhecidos aqui e fiz novas amizades. E tinha amigos de lá, artistas plásticos, que vieram pro Rio, pra São Paulo...

Eu sempre costurei, mas trabalhei também no Mappin, nos Correios. Mas vim dar certo com negócio de roupa. Depois que eu entrei na Vai-Vai e comecei a costurar fantasia, tinha um pessoal que viajava muito pra fora. Eu já conhecia um pessoal de dança e eles começaram a recrutar pessoas brasileiras para shows. E roda o mundo. E aí fazia roupa aqui. Tinha uma casa de show chamada Ubeco, na [rua] Bela Cintra, que também tinha show. Todo mundo fazia show, a Vai-Vai tinha muito show, a gente trabalhava bastante, trabalhava para ganhar dinheiro. Mas parece que essas dançarinas são diferentes de mim... Que eu vou morrer assim, vou pro samba, canto, danço, o mundo que se acabe. Mas muitas meninas dessa época tiveram filho, casaram, ficaram viúvas. Aí é uma pessoa que se torna triste. E muitas dessas meninas que eram lindas, todas têm algum problema que não se adaptaram à velhice, ou não sei se sentem muita falta daquilo que faziam e não fazem mais, e se jogam fora. Tem um monte dessas que dançavam que hoje são assim, parece que não têm prazer em viver. Elas ganharam dinheiro, ao contrário de mim, mas eu não quero saber: moro de aluguel, trabalho e caio no samba. Vou pro samba, vou pra outro samba, às vezes vou pro teatro. Dia e noite a pé.

Paulo Santiago de Augustinis

Idade: 73 anos

Profissão/ocupação: produtor audiovisual

Cor/raça: branca

Classificação socioeconômica: B2

Data da entrevista: jul. 2019

Local: Museu do Bixiga, rua dos Ingleses

O que você quer saber sobre o Bexiga? Bem, o Bexiga ele não é um bairro, nem um distrito e nem um subdistrito, ele é um território, uma região. Em alguns lugares ele é maior do que a Bela Vista: ele avança na República, avança na Liberdade. É um espaço. Porque se você pegar a história de como São Paulo foi se desenvolvendo vai ver que onde tem o túnel Nove de Julho é a nascente do Rio Saracura, e onde tem a Vai-Vai era um riacho – onde tem o Saracura pequeno, que saía no Saracura grande. E na [Vila] Itooró tem a nascente do rio Itooró. E esses três junto com o Riacho do Bexiga, que sai ali atrás do Teatro Oficina. Por exemplo, a rua Japurá tem um riacho que vai por baixo, que eles chamam de rio Bexiga. Então você tem o Itooró, Bexiga,

Saracura e Saracura pequeno, essa é a composição hidrográfica desta região. Você imagina isso na época da colônia. Aqui antes era uma aldeia indígena, né, e depois virou quilombo, porque os negros vendidos ali na ladeira da Memória fugiam e vinham pela margem do Saracura e aqui ninguém entrava, aqui era um território meio que.... Tanto que a capoeira em São Paulo foi proibida e o único lugar que tinha capoeira era no Bexiga, assim como a questão do samba também, o Bexiga tinha samba, capoeira, negros. E quando arruaram o Bexiga começam a chegar os imigrantes italianos, principalmente da Baixa Itália, calabreses, basilicata... E essa mistura foi muito interessante, dos calabreses com os negros. O pessoal que tem uma cultura forte, musical, comida, e houve uma integração muito boa. Tanto que os negros quando saíam nos cordões, Cai-Cai e depois Vai-Vai, eles não deixavam os brancos saírem, principalmente os italianos, mas o pessoal daqui dava o dinheiro para que o pessoal do Vai-Vai pudesse sair. E a capela da Achiropita o pessoal construiu tudo, e davam uma doaçãozinha. E quando foram construir uma torre acabou o dinheiro, e uma negra que trabalhava em um casarão na avenida Paulista falou com a patroa dela, que disse que não daria dinheiro, mas mantimentos – "você é boa cozinheira e faz uns quitutes e vende". E a torre foi feita com esse dinheiro conseguido por uma negra para uma igreja italiana no Bexiga. Então toda essa mistura é muito interessante. E aí você tem, a partir da década de 1950, a chegada dos migrantes nordestinos. Então o Bexiga tem três grupos muito consolidados: os italianos, os negros, os nordestinos. Os italianos mais ou menos se identificam através da Achiropita, os negros por meio da Vai-Vai, e os nordestinos tem uma ou outra organização com atividade, mas não existe uma congregação, tanto que no Museu [Memória do Bixiga] nossa ideia é criar algumas atividades pra trazer gente do Nordeste contemporâneo. Esse projeto que estamos montando a ideia é trazer música, teatro, moda, tudo que represente o Nordeste hoje, tentar resgatar o que está acontecendo, principalmente com essa política do governo central de peitar o Nordeste, o pessoal está se fortalecendo. Se fala que daqui há 50 anos não vai ter mais esse desnível no Brasil, essa defasagem econômica, cultural – cultural não tem tanto, mas a parte econômica pesa muito... Mas diminuiu muito, o pessoal chegava aqui de pau-de-arara.

Quais os limites do Bexiga?

Aqui era uma chácara. O que caracteriza este território são as construções. O Bexiga antes chegava até a [avenida] Brigadeiro [Luís Antônio]. Quando abriram a [avenida] 23 de maio, ela ficou uma barreira, então ali é Liberdade. Mas a Vila Itororó ninguém fala que não é Bexiga. E

ali tinha a primeira piscina de São Paulo. Tinha um clube que chamava Éden Liberdade que era um dos grandes rivais, porque o Bexiga sempre teve muitos clubes, principalmente de futebol e carteados. Essas rivalidades se acabaram porque a Liberdade ficou mais pra lá e pra cá ficou Bexiga. O Bexiga foi se amoldando, por exemplo, a chácara começava ali no Piques, na Ladeira da Memória, ali era Bexiga, por isso não se pode falar que é um bairro ou distrito, é uma região.

O nome mudou para Bela Vista em 1910 por causa da especulação imobiliária, o pessoal achava que o nome Bexiga era pejorativo e aí sugeriram mudar. Mas às vezes o pessoal confunde, acha que Bexiga e Bela Vista são a mesma coisa. Não são. O Bexiga é maior em alguns lugares. A Bela Vista vai até a Alameda Santos, ali não é Bexiga. O Masp (Museu de Arte de São Paulo) não é Bexiga. O Bexiga tem uma característica muito pessoal. Aqui é Morro dos Ingleses, que é um pedaço do Bexiga. Outro grupo que temos. Tem os ingleses, os judeus que ficavam ali na região do Oficina, principalmente egípcios. A primeira sinagoga de São Paulo era ali.

Tem um livro que chama "Bexiga ou Bixiga". Porque Bixiga foi uma coisa que surgiu na década de 1980, com o Armandinho [Puglisi], porque aqui a gente conversava que cada um falava de um jeito, e entrou o "i" para evitar pronúncias diferentes. O Bexiga é o bairro que tem mais teatros do Brasil.

Você nasceu no Bairro? Qual a origem da sua família?

Meu pai é de Castel San Lorenzo, um povoado de 3 mil habitantes hoje na Itália, no Sul. E minha mãe é maranhense, neta de índios Tibiras com mãe provavelmente judaica. Meu pai veio para São Paulo com 3 anos e foi morar na rua da Mooca. Naquela época as crianças trabalhavam a partir dos 12 anos, e ele trabalhou em algum daqueles cotonifícios da Mooca. Essa figura estudou contabilidade no Álvares Penteado, que era top de linha, casou e foi trabalhar num cotonifício em Mogi Mirim, sendo gerente e depois sócio. Quando estourou a [Segunda] Guerra [Mundial] em 1940, o mundo inteiro estava comprando algodão e eles começaram a procurar fábricas de manufatura de algodão no Brasil, e descobriram que tinha quatro fábricas estranhamente no interior do Maranhão em uma cidade que tem o nome Caxias, porque o Duque de Caxias foi lá e sufocou a rebelião dos Balaiadas. E ele foi pra lá com um grupo de italianos e compraram uma fábrica. E a minha mãe chefiava uns 20 ou 30 jagunços que cortavam madeira pras caldeiras da fábrica. Então entrava o trem dentro da fábrica, e aí eles se conheceram e eu

nasci. E quando terminou a Guerra, eu nasci em 1947, as fábricas do Centro-Sul tinham mais capacidade operacional e maquinário mais moderno, e então aquelas quatro fábricas de lá faliram, ele voltou pra São Paulo e ela veio junto. E aí tem os negócios interessantes, porque quando meu pai chegou lá no Maranhão a primeira coisa que ele fez foi não permitir que as crianças fizessem trabalhos braçais na fábrica. A outra coisa que ele fez foi exigir que todos os trabalhadores se sindicalizassem. Não contente com isso, ele foi um dos fundadores do PCdoB (Partido Comunista do Brasil) do Maranhão. Que estranhamente é o empresário que monta a fábrica, estimula a sindicalização e financia o movimento comunista. E ele foi um dos criadores do Rotary Club, que é bem de direita, e dizia que transitava em todas as esferas. Tem uma tese da Unicamp que fala dele. Eu nasci em Caxias do Maranhão e vim criança pra cá. Eu morava na [avenida] Francisco Matarazzo e aí meu pai faleceu quando eu tinha 13 anos. Eu cheguei com 12 anos e pouco, seis meses depois ele morreu. E aí minha mãe que costurava, começou a trabalhar, montou uma oficina de costura. Eu tenho mais duas irmãs e ela conseguiu segurar as buchas. Com 14 anos eu já comecei a trabalhar. Um ano e meio depois ela mudou pra rua Paim, e aí eu comecei minha ligação com o Bexiga. Eu com 15, 16 anos trabalhava numa empresa do Jeremia Lunardelli, que era o "rei do café", e aí eu trabalhei por uns três, quatro anos aqui. É que eu morei dez anos fora do Brasil na época da ditadura, mas quando eu não estava fora sempre morava no Bexiga. Quando eu fico fora do Bexiga eu digo que estou exilado. Aqui eu morei na Paim, [rua] Japurá, morei na [rua] Luís Barreto, morei na [rua] Manoel Dutra e moro na [rua] Santo Antônio.

Você chama sempre de Bexiga, não fala Bela Vista?

Eu acho o seguinte: o Bexiga é uma das poucas coisas do Brasil que perdeu o nome e manteve a identidade. Estamos falando de 109 anos, veja, já era pra ninguém chamar isso aqui de Bexiga. Mas pra mim e pra muita gente que eu conheço é Bexiga, a Vai-Vai quando entra na avenida fala "olha o Bexiga". Eu lembro que em Moscou quando o Thobias [do Vai-Vai, intérprete da escola] foi ele falou do Bexiga. E é uma das poucas coisas que manteve a identidade. E acho que quando você precisa ter tradição de resiliência, de manter um pouco a história da cidade... Aqui é um bairro em que você anda em qualquer lugar. O Bexiga tem seus problemas, mas é um bairro muito mais assustador do que real. A gente tem pequenos furtos, um assalto e outro. Mas você não vê crime no Bexiga, não é um bairro violento. Aqui você consegue estacionar na rua. E o Bexiga tem muita vida comunitária, tem várias coisas, a [igreja da] Achiropita tem mais ou

menos 800 famílias que fazem a festa, na Vai-Vai são 4 mil componentes. Então você consegue ver as pessoas. Você transita muito pela rua, é uma coisa que não é comum nos outros bairros, você vai para Santana, Vila Mariana, ninguém se conhece.

E como você vê a questão da moradia no Bairro?

O Bexiga sempre foi um bairro de cortiços, o cortiço mudou com o tempo, porque antes principalmente o imigrante italiano ia construindo as casas conforme a família ia crescendo, e as casas são todas grudadas e não tinham garagem – mesmo as casas boas. E as casas, todas elas, tinham porão. Porque como é pra baixo, eles usavam o assoalho e embaixo pra poder arejar, e aí eles alugavam os porões.

O Bexiga tem quase 1000 imóveis tombados, tem 400 cortiços e é um bairro que, se não houver uma mudança radical na lei do zoneamento, vai continuar assim. Tem essa lei que saiu do potencial construtivo, que é uma lei super interessante, que quando estava começando a engrenar veio a crise que bateu em cheio nas construtoras e deu um refluxo.

O que você sente que falta aqui?

O problema maior do Bexiga é a droga, a droga é a coisa mais complicada do Bexiga, porque o cara drogado não é uma coisa normal. Eu já participei de reuniões no batalhão [da Polícia Militar], mas eles pegam policial para correr atrás de maconheiro, um desperdício de energia.

No Bexiga tem umas 40 organizações e cada um quer uma coisa. O que eu sinto falta no Bairro é uma ligação maior... por exemplo, a Câmara Municipal está no nosso território. Eu participei por muitos anos de reuniões com políticos, mas aí tem um negócio que é que se você não consegue colocar isso dentro do orçamento e transformar isso num Projeto de Lei é papo de boteco. Se não tem um andamento... O que falta não é trabalhar em conjunto com a comunidade, mas a ligação efetiva com o poder público. Se não vira papo de boteco.

O que me dá pena é a quantidade grande de teatros [no Bairro] e o pessoal que trabalha com isso viver e subemprego, porque o pessoal não consegue manter a equipe, e é uma pena, porque o Bexiga é o grande celeiro do teatro no Brasil.

Qual é a história da Novolhar?

A Associação Novolhar começa por acaso, quando o Museu fez 18 anos eu ia fazer uma vídeo-caminhada – eu sou produtor de vídeo. E aqui embaixo tinha um abrigo onde moravam 12 jovens do Instituto Dom Bosco, e eu perguntei se eles não queriam mexer com vídeo. Três se interessaram. Era um feriado prolongado de abril de 1998 e nós tivemos atividade para os três dias. E o pessoal dizia que eles iam roubar meu equipamento. Terminou a gravação e eles queriam trabalhar com isso. Eu falei com um amigo que tinha uma produtora, mandei um por vez. Eles iam um dia por semana, cada dia um. Esses jovens eram atendidos num projeto chamado Pixote, da Faculdade Paulista de Medicina, e começaram a faltar porque estavam indo no estágio. Então me chamaram para explicar que trabalho era esse e me falaram se eu não queria pensar num projeto mesmo. E eu sou muito amigo do [jornalista e diretor de televisão] Gabriel Priolli e ofereci um programa (feito a partir do trabalho com os jovens, o Programa Novolhar) que ficou 18 anos no ar. E aí a coisa começou a andar. Depois o pessoal da Secretaria de Assistência Social me chamou pra ir na [antiga] Febem em Franco da Rocha, e passamos a trabalhar no Bexiga com crianças, porque tinham muitas entrando no crime com 10, 11 anos, e nesse processo saiu um edital da União Europeia que estava selecionando oito organizações na região central para ser escritório da UE. Nós entramos na concorrência e ganhamos. E aí ficamos quatro anos com eles. Agora a gente entrou no mesmo esquema do [Projeto] Aprendiz, a gente não faz mais trabalho direto, fazemos dentro de escolas ou na comunidade.

Como você se desloca no Bairro?

Só ando a pé, há muito tempo eu não tenho carro. O Bexiga não tem ônibus [circulando dentro do Bairro] mas ele está [bem] situado: você tem a [avenida] Nove de Julho, anda dois quarteirões tem a [rua] Augusta, anda tem a [rua] Consolação. Do outro lado, tem a Brigadeiro, a 23 de Maio e a avenida da Liberdade. O Bexiga não chega a 3 km, são 75 ruas.

O que representa bem o Bairro?

O samba, a música italiana – quando você ouve a *tarantella* – e o forró.

Silvia (nome fictício)

Idade: 46 anos

Profissão/ocupação: produtora cultural

Cor/raça: branca

Classificação socioeconômica: C2

Data da entrevista: jan. 2020

Local: lanchonete no bairro do Belém

Qual sua história com o Bairro?

Eu nasci em Minas Gerais, na cidade de Nanuque, sou de família baiana, a minha família mesmo é toda baiana, e meu pai quem me trouxe pra Bela Vista aos dez dias de vida, porque achou que minha mãe não teria condições de me criar naquela cidadezinha pacata, sem emprego. Ela era artista, trapezista de circo, bebia muito. Me trouxe pra Bela Vista porque minha tia – costureira, tia Amélia – já tinha uma condição melhor, já tinha constituído a família dela aqui, tinha uma condição para criar uma criança e ajudar ele a me criar. Meu pai me levou numa casinha na esquina da [rua] Conselheiro Ramalho com a [rua] Professor Laerte [Ramos de Carvalho], e ali eu passei uma parte da minha infância. De lá, minha mãe (refere-se à tia que a criou), com muito trabalho e esforço como costureira, conseguiu mudar para um apartamento na rua Pedroso – nessa época fui até no velório da Elis Regina, no antigo Teatro Bandeirantes. Depois da Pedroso, minha mãe trabalhava para uma família italiana ali na rua Major Diogo. Eles gostavam muito dela e a indicaram pra costurar pra um pessoal de poder aquisitivo mais alto do Bexiga, da Bela Vista, e eles gostavam muito da honestidade dela e disseram que tinham um apartamento que queriam doar pra ela criar as filhas – e ela não quis, quis pagar. E foi ali que eu cresci, na [rua] Major Diogo com a [rua] Conselheiro Carrão, onde ela conseguiu comprar o primeiro e único apartamento dela. Foi ali que a gente cresceu até ela ir embora, quando achou que a Bela Vista estava muito pesada. Minha irmã também resolveu mudar pra Aclimação naquela época.

E a minha história com o Bexiga, a Bela Vista, começou no colégio, estudei na [Escola Municipal de Ensino Fundamental] Celso Leite, repeti a sétima série, fiquei nove anos lá. Ali eu comecei a ver as necessidades, aquele aluno que era um pouco mais carente que eu, e comecei a trabalhar de criança na área social, comecei a frequentar reuniões e conhecer a história de todo mundo que estudava ali comigo. Foi ali que eu comecei a conhecer as famílias da Bela Vista, sempre pensando no lado social. A Bela Vista, do que eu me lembre, desde 1985, 1986, sempre foi... eu conheci o lado muito carente daquele Bairro. Inclusive eu nem ouvia falar em Bexiga.

Isso que ia te perguntar agora...

Não tinha por exemplo esse fervor que tem hoje de falar em Bexiga nas redes sociais. Eu ouvia Vai-Vai, mas mesmo escutando o nome da Vai-Vai eu não escutava o nome do Bexiga. E olha que a minha casa era a 150 metros da casa das porta-bandeiras, dos ateliês.

E você falou que sua mãe começou a achar pesado.

O pesado que ela achava era muito bar abrindo, muito bar, barulho. Minha família gostava mais de silêncio. E na época também, nos anos 1990, incrivelmente, não sei se era uma questão de energia, tinha muito acidente de carro... Na Rui Barbosa, [rua] Humaitá. Fora que nessa época também, não sei se foi quando surgiu o crime organizado, era muita matança. Toda semana matavam alguém da Bela Vista. Inclusive na Vai-Vai. Então ela começou a ficar apavorada, e sempre me proibindo de não frequentar a Bela Vista, a Vai-Vai, "porque você tem que estudar, trabalhar". "Mas eu estudo", dizia. "Não, porque você vai conhecer bandido", ela falava. "Tem pessoas boas, eu conheço. Tem que entender que tem uma comunidade onde nem todo mundo é bandido, vamos conversar", eu retrucava. Mas não teve jeito, ela foi embora, eu fui depois.

Na minha concepção, a Bela Vista... preciso passar bem o meu sentimento. As pessoas que organizam, que eu conheci depois de alguns anos, que eu conheci aquela comunidade carente, eu não conheci o lado que eu chamo de elite. Que sempre tem: a elite, a média, a ralé. A elite eu não conhecia. Eu conheci nos meus primeiros anos de vida o lado mais carente. Mas eu lembro que nessa época existiam pessoas que cuidavam dos projetos para tentar fazer com que o bairro ficasse melhor, mantivesse aquele ar de comunidade, tipo um bairrinho do interior no meio de São Paulo. A Bela Vista sempre teve muito isso. O Bexiga, não. Não sei se ele teve antes de eu conhecer melhor ali. A elite são as cantinas, casarões, e pessoas que falam que fizeram alguma coisa pelo Bairro, mas eles fizeram pra se beneficiar, manter os comércios bem frequentados, ganhar o dinheiro e manter o domínio daquela parte. Eles estão preocupados com a parte deles, a Bela Vista eles querem que se dane. A comunidade vendo isso, porque existe uma comunidade, as famílias que gostavam de fazer aquelas festas pro pessoal sem muito apoio. Inclusive, hoje eu penso assim: a elite do Bexiga, o interesse único e exclusivo dela é o de dominar um bairro que logicamente é um bairro cultural, só que além disso, nesse centro cultural, existe um monte de famílias necessitadas, e eles não estão ajudando essas famílias, não vão ajudar essas famílias.

Inclusive, se eles puderem tirar essas famílias de pobres dali para tornar um bairro culturalmente que não tenha mais nem um botequinho aberto com um baianinho trabalhando ali, o que eles mais querem é tirar todo baianinho, todo nordestino dali. Eu não estou falando isso para queimar o filme, mas de sentimento mesmo.

O que você acha que é bem representativo do Bairro?

Nada. O que representa anteriormente era a história dele, os artistas, o Adoniran [Barbosa], Seu Chiclé, Pato N'água, os nomes que gritaram mesmo pelo bairro, seu Walter Taverna, do jeito dele, tá no meio da elite, mas eu sinto uma coisa boa, um cara que ama.

Isso se perdeu? Você tem uma relação ainda forte com as pessoas de lá...

Com todos os antigos, principalmente com o lado Bela Vista, [rua] Rui Barbosa para baixo.

A Rui Barbosa divide mundos?

Hoje eu enxergo a Bela Vista, o Bexiga, como a última comunidade central que lutou muito. De pessoas trabalhadoras, trabalhadoras mesmo, de mães, famílias... que lutaram tanto pra manter ali com uma cara de comunidade, só que parece que eles estão mandando a comunidade embora. E tem uma parte da comunidade que está lutando muito ainda. A Vai-Vai é essa parte, mas ela está dividida entre a comunidade e a elite, porque alguém da elite dali está mandando, mas não dá pra saber quem é. Mas a identidade do Bexiga, da Bela Vista, ela é a antiga. Hoje se falar que alguém tá criando uma identidade... bom, a administração da Igreja da Achiropita não é condizente com a história do Bairro.

E o lado nordestino?

Eu conheço pouco, mas conheço algumas pessoas. É a comunidade que está sendo mais do que esquecida, está sendo lembrada e desprezada. E uma hora vão atacar lá. Os mandantes que eu falo. Estão demorando. Se já está resolvido que o Bexiga é inteiro da elite, a Bela Vista é inteira do tráfico, se for assim o que a gente vai fazer? Ninguém conhece o Bexiga, Bexiga é coisa da elite, e a Vai-Vai acabou caindo no meio da elite, não tinha como. Aí eu gostaria de saber se há esse interesse da especulação, se houve esse interesse de fazer isso com o Bairro, quem foi o político, porque no mapa de São Paulo não existe território Bexiga, e sim Bela Vista.

O que você sente falta no Bairro?

Da união que tinha do lado Bela Vista, porque o lado Bexiga está fazendo o lado Bela Vista brigar. Hoje eu vejo muita competição. A elite está fazendo com que a Bela Vista comece a competir entre si. A Vai-Vai é um processo de briga da Bela Vista com a Bela Vista. Tem parte que se voltou pro lado da elite e parte que é a comunidade mesmo. Não tem mais comunidade, agora existe um povo guerreando por um território.

O Bairro pra você é mais periférico ou mais central? Por que?

Central. Característica central é a facilidade que a periferia não tem. Comércio, escola, saúde, cultura, diversão. Acho que é mais central, não é periférica, não. É que eu vejo a periferia sem nenhum tipo de exploração central, acho que é esse o nome. As pessoas que moram no Bexiga têm uma capacidade cultural mesmo morando em uma situação mais precária, que a periferia não tem, pode estar começando a ter agora. As pessoas que moram ali são entendidas, elas estão morando ali para facilitar a vida delas, elas não querem ficar ali num quartinho com quatro filhos, inclusive essa parte ainda é legal: ali ainda tem as amigas, quem precisa de um leite. Eu vejo na periferia o tráfico comandando muito, não acho que o tráfico mande na Bela Vista. O que eu vejo é um comando político que não consegue atingir o lado mais simples, eles conseguem convencer as pessoas da periferia com mil promessas, mas as da Bela Vista ali têm água, luz, não sobe tanto morro. Então eu não vejo a Bela Vista como uma periferia. A periferia acho que é um lugar em que as pessoas estão querendo construir um espaço, fazer com que aquele lugar tenha mais dignidade e comodidade, e os que estão na Bela Vista, como já sabem que não vão construir nada, já está tudo facilitado, então eles vão se manter naquelas condições. Eu não gostaria de voltar a morar em um quarto ali, e eu já morei em três. Eu viraria moradora de rua mas não voltava pra um quarto [em pensão], ou eu tentaria um barraco ou uma ocupação, mas jamais enfiada ali naquelas condições.

Solange Pereira de Sant'ana

Idade: 56 anos

Profissão/ocupação: aposentada

Cor/raça: negra

Classificação socioeconômica: C1

Data da entrevista: jan. 2020

Local: apartamento da entrevistada, rua Abolição

Você acha que o Bexiga é um bairro homogêneo?

Tem núcleo, tem guetos, entendeu? É meio complicado. E tudo num bairro só, todo mundo se vê, passa perto...

Tem muita desigualdade?

Eu acho que a desigualdade está aí, nessa separação de bairro. Quando você fala Bela Vista, dependendo de onde você mora, você já desvincula do Bexiga. Por exemplo, às vezes a pessoa mora no Bexiga e já fala Bela Vista, não se sente morador do Bairro.

Eu vejo muita gente jovem que fala Bela Vista...

Bexiga é a tradição, é a história do bairro. Bexiga ficou por causa da negrada, caracterizado pela negrada e pela italianada. Pro jovem isso não existe. Porque na realidade Bexiga não existe, talvez por isso não usem, só a gente que é antigo use. Acho que o jovem já vem com uma outra mentalidade. Meu filho tem 15 anos e fala "eu moro na Bela Vista". Eu acho que isso é até natural. Pela minha idade, como eu já nasci do lado de cá, era a negrada – não era um bairro alternativo, com várias tribos. O que predominava era o samba, a malandragem, todo mundo se conhecer e estar integrado com uma parte da italianada, o imigrante. Acho que de uns 30 anos pra cá que o pessoal começou a migrar pra cá e conseguiu esse espaço. O Bairro era tipicamente negro, e a gente só dividia com a italianada que se dava com a negrada. Ninguém vinha de fora que era um bairro xoxo, do lado do centro e tipo "olha o tipo de gente que não tá nem aí com a vida" – tinha esse preconceito. E aí depois outras tribos vieram, a comodidade de estar próximo ao centro, muito evento perto, e o pessoal se sentiu abrigado, tanto nordestinos quanto o pessoal de fora, os imigrantes, África e tal, o pessoal se sente acolhido no Bairro. Eu encontro gente que veio, nem conhece outros bairros, e diz que não vai sair do Bexiga, se apaixonou. Eu digo que tem açúcar. Aqui você vai comer um pastel já esbarra com uns 30, está subindo a [rua] 13 [de Maio] já encontra um pessoal do samba, a gente acaba tendo esse envolvimento com o Bairro.

Depois dos prédios que começou a maior parte dos conflitos, que o pessoal veio pro centro imaginando que ia estar só próximo ao centro, e não da comunidade da Bela Vista, que é a

guerra, né. O que eu falo da Vai-Vai, [dizem] "nossa, tem que parar o ensaio às 20h". Gente, o Vai-Vai chegou antes de todo mundo, se fosse o inverso, de boa. O Vai-Vai demorou anos e anos pra conseguir aquilo lá (a quadra). Não tem nada novo lá. Agora o barulho da Escola de Samba atrapalha... eu não entendo, não entendo. Você comprou ou alugou lá pelo seu livre arbítrio, a Escola de Samba já estava lá, então você não investiga onde você vai morar, é um absurdo isso. Acho que eles não tinham que exigir nada da Escola e deixá-la como está.

Só ficam aqui os raçudos, que pra não largar o Bairro moram em pensão. Que moram em apartamentos pequenos, mas teriam estrutura para morar melhor. Tipo "não me acostumo em outro tipo de bairro e pronto". Tenho uma amiga que pediram o prédio para reformar, ela era inquilina antiga e pagava uma merreca. O pai tem uma casa na Zona Leste e cedeu a edícula. E ela foi pra lá, mas dorme três dias aqui. Ela não consegue sair daqui, me diz sempre que vai voltar, alugar alguma coisa menor e mais precária. Eu mesmo não quero, eu vou morrer junto se estiver tudo parado às oito horas da noite. Eu moro na Bela Vista, eu vou ficar aqui, tenho tudo na mão. Preciso de uma farmácia, vou ao centro. Precisa dum boteco, vai, dum samba, vai, com dinheiro ou sem dinheiro, você tem vida. Eu não me vejo... não é por uma questão teimosia, por essa questão conforto. Pra mim, casa grande não paga.

É como se a rua fosse uma extensão da casa, pelo que você falou...

É aquela história: mas no Bairro tem muita conchetta, muita gente fofqueira. Mas faz parte, porque aqui todo mundo cuida de todo mundo, pro bem ou pro mal. Eu saio, vou no salão, se alguém toca meu interfone, o porteiro ou alguém da rua capaz de falar assim: "Ela saiu agora com o neto dela, foi em sentido Major Diogo, deve ter ido no Dia", e a pessoa vai me procurar na rua. Aqui a gente tem um morador de rua já faz uns 10, 15 anos, mais ou menos. Eu voltava de madrugada, tô descendo no posto [de gasolina] onde ele dormia, e no outro dia ele [me fala]: "Eu te vi chegando às 3h da manhã, você e sua amiga". Você vê que até o morador de rua cuida da sua vida...

Você nasceu e sempre morou aqui?

Eu só mudei de lado uma vez, não era bem Bexiga, porque eu morava do lado de lá da [avenida] Brigadeiro [Luís Antônio], no último degrau da Liberdade.

Por ali tem gente que diz que a rua dos Bororós, por exemplo, também é Bexiga...

Por isso, a proximidade era atravessar uma rua, eu morava de boca pra feira [da rua Maria José]. Era uma questão de CEP. Eu nasci na [rua] Martiniano de Carvalho, e vim vindo, vindo e mudei pra cá. Quando eu mudei pra cá já era mais velha, quando estava grávida do meu primeiro filho, e aí que eu vim pro lado de cá.

O que define o Bexiga, tem uma identidade?

Não acho que seja só uma identidade no meu caso, porque eu estudava com o pessoal do outro lado. Tirando a rua, a gente estava sempre junto. Mas acho que tem a identidade, você se identificar com o pessoal, apesar da distância.

Meus filhos nunca estudaram no Bairro, nenhum dos três. Porque tiveram oportunidades de bolsas, meu filho foi pro maternal no [Colégio João] Passalacqua, ficou lá um ano e daí eu consegui bolsa no [Colégio] São Luís pra ele e pra minha filha, até tirarem a bolsa. E de lá tinha o Sesi Sumaré que eu tinha direito porque eu era [funcionária] da indústria e eles concluíram lá. E o mais novo eu busquei o Sesi, integral, então ele estuda na Vila Leopoldina. Mas o pessoal geralmente estuda no Bairro. [Escolas] Maria José, Caetano [de Campos]. Vai com os amigos, a escola indica. Existe esse elo de não abandonar a escola do Bairro.

Essa coisa da ideia de centro no Bairro, de estar perto de tudo, ao mesmo tempo tem uma coisa que é muito pessoal... Como você vê isso?

Ele é central, mas não tem nada a ver com o pessoal da República, entendeu, e outras áreas centrais. Uma parte especificamente da Bela Vista, você tem tudo na mão mas você tem essa coletividade, é o cabeleireiro, a mulher da floricultura que te cumprimenta e sabe sua história. Pode não ter aquela amizade, mas são pessoas que sabem quem você é. "Depois você paga aqui". E outros bairros centrais que não são de ninguém, você não tem isso, as pessoas não sabem quem você é. E o Bairro tem isso, as pessoas podem até não te cumprimentar, mas têm sua história pra contar. Eu aviso meu filho que não vai dar tempo de fazer almoço e ele desce e pede no seu Nelson uma marmita e "depois minha mãe paga". Precisa fazer um trabalho, tira o xerox e depois eu acerto. E isso é muito bairrista, você só vê em vila. E aqui tem. Não sei te explicar por que, porque é região central, mas esse vínculo existe, não foi morto, seja para qualquer tipo de comércio: banca de jornal, restaurante, açougue, costureira...

E mesmo com as mudanças no Bairro? Você deve ter visto várias fases...

As bocas da Bela Vista são uma coisa que não vai sair do lugar. Todo mundo sabe onde tá, onde vende, até isso tem que investigar na hora de mudar. Não vai mudar, não tem jeito. É uma linha tênue, porque eu já nasci com isso na Bela Vista, eu nasci e já tinha bandido, muda o tipo de bandidagem, de droga, de arma, mas as pessoas são as mesmas, não tem como você mudar, então hoje já netos de traficantes me conhecem, eu não tenho que desviar pela minha idade, tem as rodinhas deles, eu vou na mesma calçada, passo com carrinho, eles estão fumando e vão pra outro lado. Fazer o quê? Eu não me incomodo.

Tem gente que diz que trouxe uma certa segurança...

Mas traz. Você está no seu distritinho em que ninguém vai mexer com ninguém. O pessoal tem medo de mexer porque tem alguém no Bairro que vai correr pelo prejuízo do pessoal da região que ele toma conta, então ele prefere nem abordar, fica terminantemente proibido dentro dos territórios se envolver. Então acaba te dando uma segurança.

A [rua] Paim ninguém queria morar nem de graça antigamente, o pessoal começou a voltar para lá nos últimos dez anos. Era insalubre até pra quem era Bela Vista, o pessoal ia saindo, aluguel muito baixo, era uma loucura ali.

Você acha que o que está acontecendo na Paim pode acontecer com o Bexiga geral?

Em alguns lugares, a outra maioria não. Onde estou tem muita coisa tombada, então já não vem o grande investimento imobiliário. A Paim pegou esse *boom* da construção civil, de dar um tapa, e conseguir levar o pessoal para lá e o sistema conseguir empurrar o pessoal pro outro lado. Algumas regiões não correm esse risco. Até o [terreno do apresentador] Silvio Santos (vizinho ao Teatro Oficina) que a gente corria risco virou parque, vai ficar parque. Acho que se tiver é bem lá pra cima, onde os caras estão investindo em apartamentos novos, estúdios, onde dá pra construir e derrubar alguma coisa. Porque aqui não tem terreno, tem que derrubar coisa tombada para construir. Então não tem muito o que mudar com esse fluxo de bandidagem, não dá mais pra refinar e trazer grandes empreendimentos para mudar a cara do povo da região, eu não acredito nisso. Esses dois projetos de habitação social que têm aqui foram reformados e

caracterizados para isso, sem mexer na área, agora ter que derrubar e construir, vir gente de fora, acho difícil. E principalmente para população carente, ninguém está nem aí.

Quais os limites do Bairro?

Eu acho que aqui [Abolição] é a última rua do Bexiga, aqui e a Japurá, que depois da Câmara já caracteriza centrão, Anhangabaú, o viaduto Maria Paula.

Como você se desloca na região?

Me desloco sempre a pé. No Bairro sempre a pé, inclusive pra 25 de Março, esses lugares eu vou a pé. Porque tomar, descer, procurar ônibus... Indiferente do horário, vou a pé.

Quais características você acha que representam bem o Bairro?

Vida noturna, comércio e até mesmo esse lance de as pessoas se conhecerem. Até a feira é uma coisa bem bairrista, apesar de ter muita gente de fora.

O Bairro hoje também tem muitos moradores de diversos estados do Nordeste, né?

Acho que de vinte anos pra cá o que mudou muito foi essa característica, perdeu o contexto da negritude pra entrar o nordestino. Aí eles vêm com a questão de cor, mas os hábitos hoje na Bela Vista em sua maioria são nordestinos, na minha época não tinha a Casa do Norte aqui. Em cada esquina tem um forró. Então o Bairro já é tão deles quanto nosso. Acho até que hoje em dia é mais deles, que em qualquer lugar que rola um samba, vem o PSIU (Programa de Silêncio Urbano), mas você põe o forró e não vem ninguém, virou uma coisa bem rotineira.

Você acha que há integração entre a população nordestina e moradores antigos do Bairro?

Acho que a gente convive no mesmo espaço, acaba se respeitando, mas não é a mesma integração, e acho que isso se deve até a um fator cultural, da visão que eles vêm pra cá – de trabalho e grana – e a visão que tinha aqui, o oba oba e tal. A gente se dá bem, mas não divide as mesmas questões, com um ou outro acontece, mas no geral não rola.

Tem algo que você sente falta no Bairro ou um aspecto que não seja positivo?

Cinema a gente tem perto. Teatro o Bairro está lotado. Eu acho aqui bem legal, acho que até de escola não dá pra reclamar, creche, apesar de a demanda ser muito grande. Se fosse pra colocar

uma coisa eu acho que seria atividade infantil, porque as mães não têm tempo e as crianças não podem ir sozinhas. Parque não tem, e há essa carência na primeira infância, principalmente pra quem mora pior e não tem onde brincar. Teu caminho é a rua. Como ficou um bairro muito urbano você tem que deixar na rua, e quanto menor a condição social isso piora, e muitas vezes a criança se envolve com a criminalidade. Então mais parque, projeto infantil, isso falta. As mães não vão levar pro Centro Cultural São Paulo por dinheiro, tempo, falta de informação. Acho que isso na primeira infância faz muita diferença. Batendo no ponto até do [projeto] Arena Bela Vista. Eu acho que deu certo porque não tinha atividade. Mais coisas assim seriam legais, isso falta porque tá sobrando viaduto, então capoeira, oficina de arte, de pintura, de alguma coisa que fosse perto e eles pudessem ir sozinhos.

De repente você está num bairro mais afastado, todo mundo se conhece e toma conta do outro, mas aqui você fica mais exposto – pela proximidade do centro e pelo abandono das mães. A criança fica mais vulnerável porque não tem o policiamento do Bairro, hoje em dia tem muita gente de fora. E fica à mercê desses dois Bexigas, mais o pessoal do centro, porque ele está brincando aqui e de repente pode estar na República. Pra gente, foi pro Masp, saiu do Bairro. Tá muito perto, mas já foi pra uma zona em que ninguém o conhecia.

E a questão de moradia: é caro morar aqui, já foi mais barato?

O que eu penso na realidade pode parecer um pouco preconceituoso, mas eu tô falando de Bexiga, de gente da minha época e da descendência desse povo. Sou de família humilde, minha mãe trabalhava como doméstica, já morei em lugar pequeno. Para mim mãe, separada, um só salário, era caro, difícil. Só que ao mesmo tempo o que eu vejo do pessoal da minha época: a gente já morou em kit, casa grande meio abandonada, e sempre foi caro, mas tem uma acomodação do pessoal do Bairro. Não tô tirando a questão social, do negro, do salário mínimo. Mas eu não acho que tenha encarecido. Digo isso porque eu conheço três gerações que vêm no mesmo esquema de avó na pensão, adulto que não estudou mas teve oportunidade, e filhos que seguem isso. Dizem que eu dei sorte, mas não viram que eu fui trabalhar, fazer curso, tudo no mesmo bairro. Eu sempre estive aqui, nos mesmos bailes, mesmos sambas, mesmos lugares. Então é complicado. E eu vou bater pra você entender o que eu quero dizer. Tem toda a questão social, que nunca teve e nunca vai ter o amparo que a gente precisa do governo, só que tem outro lado que é um conformismo da pessoa estar no Bairro e se acostumar com uma certa condição.

Isso ninguém tira na cabeça, que eu estou vendo só na terceira geração a pessoa chegar no ensino médio. Que é "vou tocar na Vai-Vai, ser dançarino no Rio". E você paga o preço. Tem gente que eu vejo no bar que você vê a pessoa fodida com os filhos, com situação de moradia, de educação, e sinto elas confortáveis. "O importante é que eu estou curtindo". Eu ainda vejo muito o filho do traficante assumindo a boca que veio do avô, gente que o pai poderia ter oferecido educação em vez de corrente de ouro e iPhone. Eu acho que muita coisa é o social, mas outras coisas são da pessoa, e vejo que isso não muda na Bela Vista. Vejo o pessoal vivendo em situação que a gente via em senzala. Gente fazendo feijoada para 150 pessoas. Isso tem um custo e a pessoa não gerencia isso pro outro lado. O importante é aquele momento de viver aquilo, e o outro dia dane-se. Pra mim é complicado discutir esse lado. Porque eu não tiro a responsabilidade social, mas eu não entendo esse conformismo do outro lado ao ver a pessoa ter um pouco mais de oportunidade e não correr atrás. Aqui tem a facilidade de estar ao lado das coisas, e não acontece. Minha mãe teve pouquíssimas condições, mas investiu em mim no que pôde. Ela me dava coça se eu fosse no Vai-Vai, mas pagava curso com salário de doméstica. Tem amigas que dizem "por que você manda o seu filho estudar na Vila Leopoldina?". Lá é o dia inteiro, tem psicólogo, natação. Que vai adiantar ele estudar aqui do lado e não fazer nada por que não tenho dinheiro pra oferecer?

Ray Feitosa

Idade: 45 anos

Profissão/ocupação: cabeleireiro

Cor/raça: negra

Classificação socioeconômica: B2

Data da entrevista: jan. 2020

Local: comércio do entrevistado, rua Major Diogo

Como você percebe o Bairro, ele é mais central, mais periférico?

Você encontra, pela classificação, classe baixa chegando ao paupérrimo, classe média e alta. Nós temos divisão de um bairro dentro de um bairro, como o Bexiga dentro da própria Bela Vista. Nós temos [avenida] Paulista, o ponto mais alto de aluguel, de concentração de capital. As pessoas se identificam com esse Bairro por estar próximo e alojado, e a pluralidade de

regionalismos e nacionalidades, que o Bairro do Bexiga é criado até por imigrantes que vieram e formaram. Isso é uma miscigenação tão grande que forma o Bairro, que tem seus teatros, pontos históricos, a Vila Itororó, os Morros dos Ingleses, seu Bexiga que leva seu nome por ter uma alimentação feita com a bexiga de porco que vinha nas mochilas dos tropeiros, tem as curiosidades de nomes de ruas... Brigadeiro Luís Antônio é o esposo de Dona Maria Paula. Genebra e Francisca Miquelina, filhas. A Câmara Municipal tá no nosso Bairro. As facilidades. Perto, acesso para tudo. Ainda falta cuidado dos governantes. Periférico eu abordo as pensões, os cortiços invadidos, condições precárias, imigração interna da população brasileira de Estados que vem com expectativa de melhorar na vida, uns vão e outros não, e às vezes terminam morando em condições inacreditáveis, dentro do próprio bairro da Bela Vista. Existem blocos ou miniguetos dentro da Bela Vista, por isso que eu mencionei que ele é um Bairro com divisões que convivem bem na sua pluralidade.

Tem várias unidades?

Muitas, várias. Quando eu digo pluralidade, é identidade por país, regionalismo, condição social, intelectual.

Quando você diz acesso, como isso condiciona a busca das pessoas por esse Bairro? Como você veio para o Bairro e como se refere a ele?

Em questão de centralização, as coisas fluem a partir daqui, como estamos próximo ao Marco Zero, estamos próximos de onde as pessoas chegam. A facilidade de acesso: a razão de eu estar aqui na [rua] Major Diogo é o acesso a tudo que eu trabalho, como cabeleireiro, cenógrafo, jurista. Pra mim é muito cômodo, perto de áreas que eu amo: escolas de teatro, ONGs (organizações não governamentais). São segmentos em que eu atuo e pra mim é benéfico estar na região central, por mais que tenha suas mazelas, pra mim é oportuno e conveniente.

Sou do estado do Maranhão, de uma cidade chamada Caxias, e quando eu vim pra cá eu já fiquei no bairro da Bela Vista. Há 28 anos cheguei como cabeleireiro, trabalhei em alguns salões e depois montei o meu. Eu termino atendendo clientes na cadeira do meu salão, a escola de teatro que eu montei fica aqui. O Bairro terminou me acolhendo e dele eu não saí, eu nem sei contar como é outro bairro, não tive essa experiência, é apenas aqui, com seus acertos e desacertos é amor ao Bairro do Bexiga.

Eu falo Bela Vista, dependendo se eu estou andando no bairro todo. Se eu estiver concentrado nas ruas 13 de Maio, Manoel Dutra, São Vicente, a área da Saracura, da Escola de Samba Vai-Vai, parece que vai no automático, eu chamo Bexiga.

Em quais lugares já morou ou trabalhou, e o que aprendeu circulando pelo Bairro?

Comercialmente, o primeiro salão foi na rua Dr. Ricardo Batista. O segundo foi na paralela à São Domingos. E atualmente estou na Major Diogo. Acho que eu conheço 90% do Bairro, cada rua, escadinha, casa grande ou mini gueto, cada praça com seus nomes e apresentações. Conhecendo cada pedacinho de forma cultural, são coisas que remetem à história do próprio Bairro. Uma fonte que leva a uma história, um patrimônio, estátua, uma escadaria... Aí até estou citando entre a 13 [de Maio] e Rua dos Ingleses, ao lado do Teatro Ruth Escobar, a praça Dom Orione com sua feira de antiguidades, os clubes de forró, o antigo Teatro Zaccaro, Sérgio Cardoso, colégio de tradição como o [João] Passalacqua, as cantinas Montechiaro, Roperto, a Nossa Senhora do Carmo, da Achiropita, o bolo do aniversário de São Paulo, a Conchetta, Cê que Sabe, e a mistura né, que no meio dessas cantinas tem restaurante nordestino, manauara.

Você acha que tem um entrosamento legal? Você mencionou mini guetos...

Existe, sim, uma divisão. Elas se convivem bem, mas de forma pluralista no conjunto, mas culturalmente e financeiramente existe uma separação em guetos, sim. Quando eu falo isso falo da parte de bairrismo, da parte menos favorecida, essas pessoas vão estar nas pensões, [e tem] os classe médias – provavelmente os que migraram e conseguiram construir sua vida, os que não prosperaram e uma maioria dominante que conseguiu construir suas cantinas. Mas tem sim a divisão, não só de nome, mas de realidade fática.

O Morro dos Ingleses, rua dos Franceses, subindo até a avenida Paulista com seus hospitais, hotéis renomados, o *Maksoud Plaza*, existe uma diferenciação. Mesmo integrado no Bairro, o próprio colégio [João] Passalacqua termina tendo suas divisões. A diferença de classe social nesse momento é muito grande, às vezes até o acesso à própria cultura, ressaltando que alguns espetáculos oferecem incentivo de pagar meia ou preço simbólico quando se apresenta que mora no Bairro.

Tem locais do próprio Bairro que não são frequentados pela população, isso que quer dizer ao falar de acesso à cultura?

É pela falta de condições financeiras, as políticas ainda incentivam espetáculos que se tornam caros e parte da população não tem acesso. Isso tudo dentro do próprio Bairro da Bela Vista.

Com o salão, e tendo trabalhado em outros salões, você deve conviver com muita gente... como você percebe isso que está me contando também pelas relações com os clientes?

Na cadeira do salão eu tenho uma pluralidade. É um salão de classe média, eu vejo pelos meus valores, algumas pessoas não vêm, me chamando de caro. Mas foi com a evolução do tempo, eu montei meu primeiro salão simples. Isso faz com que haja uma separação, é lamentável e não é minha intenção, mas há. Vem o classe média alta, e tenho cliente da parte mais média e o de classe baixa que se esforça e vem aqui. Cada cliente que senta aqui eu adquiro um conhecimento. E termino tendo uma pluralidade de clientes que me trazem informações opostas em todos os segmentos: cultural, econômico, a nível pedagógico. Termino me enriquecendo. Quando eu digo que tem uma pluralidade eu trago isso que eu considero subjetivamente gueto, que não existe na divisão geográfica, mas na realidade fática existe.

As divisões são mais complexas que físicas?

Elas são mais visíveis financeiramente, acessibilidade cultural... Locais como cantinas, bares que são mais sofisticados, termina no automático – e até meu próprio comércio, pela sua aparência mais decorado, termina excluindo.

Não seria uma questão só financeira, de frequentar alguns espaços?

Vem do próprio eu deles: não vou ali por ser caro, por não estar vestido adequadamente. Podem mencionar que é pra branco, preto, pardo. Essa coisa imposta socialmente, as entrelinhas, os preconceitos.

Como era quando você chegou, você tem muitos amigos maranhenses?

Se você for observar mesmo, aqueles bem paulistas, eu diria até bandeirantes, quase descendentes da fundação dessa Cidade, esses são poucos no Bairro da Bela Vista. Tem o tradicional por ser o bairro considerado em parte formado por italianos, o Bexiga... Houve críticas no meu vocabulário, e quando eu digo vocabulário é o sotaque regionalista. Não é que

esse sotaque esteja fora da língua culta, eu diria que tem palavras menos usadas, mas que estão dentro dos dicionários mais renomados, mas fora do conhecimento do Sudeste. Eu mesmo tenho o linguajar mais cantado. E havia muito [preconceito], tanto que me dediquei a uma pesquisa das minhas palavras regionalistas, pra depois fazer uma repressão culta a quem me criticava. Mas existia – existia, não, existe no presente do indicativo, agora. Mas eu não tive dificuldade de convivência, eu fui integrado ao Bairro com todas as suas divisões, pelas quais eu transito com muita facilidade.

Se observarmos as ruas e o que acontece em cada região a gente vai ver claramente. Na região da Paulista eu não vou chamar de classe baixa. Vou classificá-la como alta e altíssima. Contrário de algumas ruas como parte da Paim, parte da rua da Abolição. Nenhuma delas generalizada, mas predominante. Porque vão haver exceções. No meio de uma rua dessas, vai ter uma antiga casa com um italiano de uma classe média alta, que não quer deixar suas raízes. Ali tem uma história, ali não é um valor pecuniário, em dinheiro, é um valor sentimental, de história, dos antepassados, da bisa. Quando eu falo essa divisão, eu vejo ela objetivamente.

Existe quebra de padrão, não é generalizado determinar que rua, viela ou travessa seja generalizado. Isso vai se encaixar com o que venho mencionando: é o mosaico que faz o bairro da Bela Vista. Existem fragmentos de ricos no meio desse gueto todo, até considerado paupérrimo. Parte da rua São Vicente cola ao Morro dos Ingleses, onde há um conflito, uma contradição de mundos bem notória, visível. É um choque. Existe ali um posto de gasolina, ponto geográfico para demarcar território. Tem uma ótica de padrão caríssimo na subida.

As pessoas montam salões, bares, casas de shows, pizzarias em bairros como o Brooklin, e moram na Bela Vista. Eu entro no mérito de amor ao Bairro, ter raízes no Bairro... Eu mesmo que montasse algo em uma área nobre, gostaria de continuar morando na Bela Vista. É cômodo, isso faz com que a gente termine se enraizando.

Como você circula por aqui?

Tudo a pés, esse meu a pés me gera descoberta cultural, conheço outras pessoas, eu circulo no bairro da Bela Vista totalmente a pés. De [avenida] Brigadeiro [Luís Antônio] a [avenida] 9 de Julho a [avenida] Paulista eu circulo tudo a pés. O quadrante de forma geográfica não tenho

recordações de andar de carro, algumas vezes de bicicleta. Gosto de aprender nome de rua, saber onde é mão, cada rua tem uma ONG, uma história... Tem um teatro, um artista, um artesão metido dentro de subsolos que ninguém acredita, executores de lustre. A União das Escolas de Samba em São Paulo. O meu andar a pés, culturalmente, me faz bem.

Que outros bairros você frequenta?

Eu vou a outros bairros a negócio, passeio, como Lapa, Liberdade, Barra Funda, às vezes pra lazer eu também saio pra outro bairro. Mas eu diria que meu cotidiano – e parte do meu lazer, culturalmente, 70% – eu tô dentro do meu bairro. O Bairro termina me oferecendo coisas que eu não preciso buscar fora. Farmácia, mercado, UBS (Unidade Básica de Saúde), hospitais. Eu tenho 60% de forma generalizada de concentração [de atividades] dentro do meu bairro.

E por que você acha que é importante criar raízes?

A gente termina construindo uma família. Eu não sou mais uma pessoa estranha no barzinho, no açougue, na padaria, e assim sucessivamente. Eu termino sendo uma pessoa um pouco esquecida em alguns momentos, e já fui no açougue e mandei pesar carnes que eu desejava e não tinha dinheiro. Quando você fala de raiz eu menciono isso porque se eu não tivesse em um local onde eu fosse conhecido, tivesse aquele elo de ligação, eu terminava não trazendo [a carne]. Nosso Bairro ainda tem alguns comércios que fazem venda no caderninho. Quando a gente fala de raiz são inúmeros fatores. E eu termino conhecendo as pessoas, tanto do comércio quanto das artes. Esses são elementos que me ligam ao próprio Bairro. Nesses 27 anos eu só fui construindo uma família, hoje eu já atendo uma terceira geração de uma mesma família.

Tem alguma coisa que você acha que falta no Bexiga?

Linhas de ônibus que circulassem o nosso Bairro, tem uma carência. Uma época eu fui até ver com a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) isso. Só existe o Jardim da Saúde na Major Diogo, e o Imirim na Rui Barbosa. Eu sinto carência disso. Acessibilidade para cadeirante, falta muito ainda, existem casas de cultura que não têm – tudo bem que são construções antigas, mas que podem ser adaptadas. Tem carência de segurança. Saúde pública é carente, mas pela divisão regional e forma de mapear da saúde municipal, está suprido, é que talvez seja pouco para o tamanho da população do Bairro. Essa população pobre tem muita necessidade, e é obrigada a se deslocar. Eu busco muito essas coisas, vou ser candidato ao conselho gestor municipal. Não pela

parte financeira, mas por ser um colaborador intenso, fervoroso, em matéria [de buscar melhorias] para o próprio Bairro. Sou daqueles denunciadores.